



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL**

**CAMPUS ERECHIM**

**CURSO DE HISTÓRIA**

**DANIELE CARNEIRO DE ARAÚJO**

**TRAJETÓRIAS DE LUTA:  
PERÍODO DITATORIAL E A PARTICIPAÇÃO DE MULHERES EM RESISTÊNCIA  
E LUTA POR DIREITOS NA REGIÃO ALTO URUGUAI- RS**

**ERECHIM**

**2023**

**DANIELE CARNEIRO DE ARAÚJO**

**TRAJETÓRIAS DE LUTA:  
PERÍODO DITATORIAL E A PARTICIPAÇÃO DE MULHERES EM RESISTÊNCIA  
E LUTA POR DIREITOS NA REGIÃO ALTO URUGUAI- RS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de graduação em História da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), como requisito para obtenção do título de licenciado em História.

Orientador: Prof. Dr. Isabel Rosa Gritti

**ERECHIM**

**2023**

**Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS**

Araújo, Daniele Carneiro de  
Trajetórias de luta: período ditatorial e a  
participação de mulheres em resistência e luta por  
direitos na região Alto Uruguai RS / Daniele Carneiro de  
Araújo. -- 2023.  
117 f.

Orientadora: Prof. Doutora Isabel Rosa Gritti

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -  
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de  
Licenciatura em História, Erechim, RS, 2023.

1. ditadura civil-militar, mulheres,  
movimentos/organizações, resistência e luta, Brasil. I.  
Gritti, Isabel Rosa, orient. II. Universidade Federal da  
Fronteira Sul. III. Título.

DANIELE CARNEIRO DE ARAÚJO

**TRAJETÓRIAS DE LUTA:  
PERÍODO DITATORIAL E A PARTICIPAÇÃO DE MULHERES EM RESISTÊNCIA E  
LUTA POR DIREITOS NO ALTO URUGUAI RS**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação  
apresentado como requisito para obtenção de grau  
de Licenciada em História da Universidade  
Federal da Fronteira Sul.

Este trabalho de conclusão de curso foi definido e aprovado pela banca em: 19/07/2023.

Dr. ISABEL ROSA GRITTI – ORIENTADORA – UFFS

Dra. LORENA ALMEIDA GILL – UFPei – PELOTAS

Dr. SILVANA MARIA GRITTI – UNIPAMPA – JAGUARÃO

Documento assinado digitalmente  
LORENA ALMEIDA GILL  
Data: 02/08/2023 11:17:18-0300  
Url: https://repositorio.ufes.br/

g ub

Dedico este trabalho a minha família de sangue e de coração; e as mulheres que vieram antes e as que virão depois de mim nessa caminhada de luta e resistência que é a vida.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus de acordo com as crenças que carrego, aos meus ancestrais e a minha família de sangue e de coração; aos meus pais Ana e Pedro (e as minhas irmãs e irmão) por tudo que me ensinaram e ensinam, acima de tudo a acreditar, esperar, lutar e resistir frente as adversidades e imposições que presenciamos no decorrer de nossas vidas. Por me apoiarem em minhas escolhas e sonhos mesmo quando nos é negado estarmos em determinados espaços da sociedade. Ao meu filho Pedro Nicolas, meu companheiro Rudinei por tantos momentos serem compreensivos e me apoiarem nessa jornada dos estudos.

Agradeço ao MST, movimento ao qual pude atuar em vários espaços e ter a oportunidade de receber uma formação que muito contribui com quem sou hoje. Este também possibilitou que iniciasse a vida acadêmica acessando um curso superior, ainda juntamente com a turma de história “Eduardo Galeano”.

À orientadora Isabel R. Gritti pela grande ajuda em identificar as personagens que possibilitaram construir este trabalho, mulheres estas que contribuíram com a construção de nossa sociedade. Por todas as dicas e paciência em me auxiliar no registro dessas trajetórias.

Agradeço também às irmãs Abigail e Lydia, à professora Deonilda Marcon por compartilharem relatos de suas trajetórias e a Marcia Balen por compartilhar a trajetória de sua mãe Paulina Balen. E ainda agradecer pela importante contribuição e legado que cada uma deixa em relação a luta e conquista de direitos.

Por fim agradeço a cada educador/ educadora que fazem parte da instituição e que em algum momento dessa caminhada contribuiu com meus estudos. Aos colegas da turma pelos diálogos e apoio nessa jornada, em especial ao João P. Farina pelos diálogos e contribuição com materiais que me auxiliaram na construção deste trabalho.

Para estudar o passado de um povo, de uma instituição, de uma classe, não basta aceitar ao pé da letra tudo quanto nos deixou a simples tradição escrita. É preciso fazer falar a multidão imensa dos figurantes mudos que enchem o panorama da história e são muitas vezes mais interessantes e mais importantes do que os outros, os que apenas escrevem a história. (Sérgio Buarque de Holanda)

## RESUMO

O presente trabalho consiste na reconstrução histórica da trajetória de mulheres que participaram de movimentos e organizações na região Alto Uruguai gaúcha no período ditatorial. Movimentos estes que surgem nas décadas de 70/80 como forma de resistência ao regime militar e na luta por direitos. O objetivo foi fazer uma reconstrução do período da ditadura civil militar, e no decorrer, enfatizar a participação das mulheres.

Utilizando fonte oral, a partir de entrevistas, construímos narrativas com mulheres da região norte do RS, que de alguma forma contribuíram no processo de redemocratização do país e na organização dos trabalhadores/as, assim como na luta e conquistas de direitos.

Entre os movimentos citados no trabalho estão o Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais (MMTR), Movimento dos trabalhadores rurais Sem Terra (MST) assim como Sindicatos e organizações da Igreja católica (Pastorais).

Palavras-chave: ditadura civil-militar, mulheres, movimentos/organizações, resistência e luta, Brasil.

## **ABSTRACT**

The present work consists of the historical reconstruction of the trajectory of women who participated in movements and organizations in the Alto Uruguay region in the state of Rio Grande do Sul during the dictatorial period. These movements emerged in the 70s and 80s as a form of resistance to the military regime and in the struggle for rights. The objective was to reconstruct the period of the civil-military dictatorship, and in the process, to emphasize the participation of women.

Using oral sources, based on interviews, we built narratives with women from the northern region of RS, who somehow contributed to the process of redemocratization of the country and the organization of workers, as well as in the struggle and conquest of rights.

Among the movements mentioned in the work are the Movement of Rural Women Workers (MMTR), Movement of Landless Rural Workers (MST) as well as Unions and organizations of the Catholic Church (Pastorals).

Keywords: civil-military dictatorship, women, movements/organizations, resistance and struggle, Brazil.

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ADF	Ação democrática feminina
ADP	Ação Democrática Popular
BNM	Brasil Nunca Mais
CNV	Comissão Nacional da Verdade
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
CEBs	Comunidades Eclesiais de Base
CGT	Comando Geral dos trabalhadores
CIA	Agencia Central de inteligência dos EUA.
DOI-CODI/SP	Destacamento de operação informações e Centro de operações e defesa interna de SP.
FIERGS	Federação das indústrias do Estado do Rio Grande do Sul
FEDERASUL	Federação de entidades Empresariais do Rio grande do Sul
IBAD	Instituto Brasileiro de ação democrática
IPES	Instituto de Pesquisa e Estudos Sociais.

MASTER	Movimento dos agricultores Sem Terra
MAB	Movimento dos Atingidos por Barragens
MMTR	Movimento das mulheres Trabalhadoras Rurais
MST	Movimento dos trabalhadores Rurais Sem Terra
POLOP	Organização Revolucionaria Marxista Política Operária
PSD	Partido Social Democrático
PT	Partido dos Trabalhadores
SUTRAF/AU	Sindicato dos trabalhadores rurais da agricultura familiar do Alto Uruguai
UDN	União Democrática Nacional

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>1.1 UM PANORAMA SOBRE A DITADURA CIVIL MILITAR NO BRASIL.....</b>	<b>Erro!</b>
Indicador não definido.	14
1.1.1. Um breve contexto sobre Golpe.....	14
1.1.1.1 O Rio Grande do Sul e o Golpe.....	19
1.1.1.1.1 A partir do Golpe.....	26
<b>2.MULHERES NA HISTÓRIA E NO PERÍODO DA DITADURA NO BRASIL.....</b>	<b>30</b>
2.2. História oral, história e historiografia.....	30
2.2.2 As mulheres no Brasil e no período da ditadura.....	38
2.2.2.2 Mulheres no periodo ditatorial.....	42
<b>3 TRAJETÓRIAS DE LUTA.....</b>	<b>51</b>
3.3 Atuação e trajetórias nas organizações/movimentos- Irmãs Abigail Viola e Lydia Fernandes, Paulina Balen (im memoria) e Deonilda Marcon.....	51
3.3.3 Irmã Abigail Viola e Irmã Lydia Fernandes.....	53
3.3.3.3 Paulina Balen.....	58
3.3.3.3.3 Deonilda Marcon.....	61
3.3.3.3.3.3 Movimentos/organizações na região norte RS citados em entrevista.....	65
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>70</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>73</b>
<b>APÊNDICES.....</b>	<b>79</b>

## 1 INTRODUÇÃO

A história é construída por homens e mulheres no decorrer dos tempos. Suas ações sobre o espaço e na sociedade na qual estão inseridos construíram o que temos hoje, com mudanças, avanços, mas também retrocessos. Apontando especificamente a nossa história recente vários eventos e acontecimentos podem ser listados. Neste trabalho em questão abordamos especificamente a reconstrução da história de mulheres, já que, historicamente, elas têm sido deixadas a margem de uma escrita historiográfica, embora contribuam em todos os processos históricos. O objetivo é, também, trazer em questão o tema em torno da história da ditadura civil militar no Brasil, com ênfase em movimentos na região do Alto Uruguai gaúcha, abordando a participação das mulheres desta região nos movimentos de resistência e luta por direitos.

O presente trabalho com temporalidade que se estende desde a data do golpe em abril de 1964 até 1989 passando um pouco o período que se tem como marco do fim do período ditatorial (1985), em suma, o período referendado nos contempla na pesquisa sobre atuação das mulheres dentro das organizações/movimentos mencionados no trabalho, sendo que a fonte a qual recorreremos é a oralidade por meio de entrevistas com mulheres que vivenciaram experiências no decorrer das décadas de 70, 80 e adentram a década de 90.

A ditadura se estende por todo país. É importante destacar que nos interiores também pode ser sentido as ações repressivas por parte do estado, assim como houve surgimento de grupos de resistência contra a ditadura em lugares longe dos grandes centros (nas cidades maiores e capitais é onde mais podemos visualizar a repressão contra aqueles que foram considerados subversivos e contra as regras impostas pelo regime militar), porém nas cidades interioranas também esteve presente a ação do braço ditatorial. Neste trabalho damos ênfase a esta questão estando delimitado pela região geográfica do Alto Uruguai gaúcho (região norte do RS).

No primeiro capítulo trabalhamos um pouco sobre o contexto do país e os antecedentes do golpe o que configura o período, buscando entender este processo analisando bibliografias como livro relatório “Brasil nunca Mais”, coordenado por Wright, Sobel e Arns (1985); “A ditadura de Segurança Nacional”, organizado por

Enrique Serra Padrós, Vânia M. Barbosa, Vanessa A. Lopez e Ananda S. Fernandes, organizadores (2010); também “O golpe na educação” de Moacyr de Góes e Luiz A. Cunha (1985) entre outros autores com trabalhos referentes ao período; buscamos conhecer e entender como nosso país viveu um período histórico com atrocidades como a tortura, utilizada no período ditatorial no Brasil e também em vários países da América Latina; e como se deu a ocorrência deste período. Faz-se necessário conhecer e compreender os antecedentes que levaram ao Golpe, como estava o país, quais as correlações de forças na política permeadas pelo contexto mundial.

No segundo capítulo se dá ênfase à história das mulheres e historiografia, assim como história destas no Brasil; trazendo também alguns conceitos como gênero, e a questão da atuação do movimento feminista na década de 1970. Abordamos também sobre a atuação de algumas mulheres em movimentos/organização de enfrentamento direto à ditadura civil militar, com intuito em mostrar que mesmo com o apagamento e esquecimento que grupos marginalizados vivem na história, os registros que se tem afirmam essa importante atuação feminina no período.

No terceiro capítulo há a sequência de abordagem na atuação das mulheres, em específico as da região norte do RS. Sendo através de história oral por meio de entrevistas com as Irmãs Lydia Fernandes e Abigail Viola, Marcia Balen (filha de Paulina Balen) e Deonilda Marcon, que fazemos a reconstrução das trajetórias de luta vividas pelas mesmas. Entre os movimentos abordados por elas estão o Movimento dos trabalhadores rurais Sem-terra (MST) o Movimento de Mulheres trabalhadoras rurais (MMTR), Sindicatos e Pastorais (Igreja Católica). Por conta disso, registramos a trajetória dessas três personagens e em sequência tratamos sobre o surgimento dessas organizações/movimentos na década de 1970/1980. Movimentos sociais e populares que tem a região norte do RS como berço. Ao registrar a trajetória das mulheres destacamos suas atuações algumas com participação de protagonismo outras de apoiadoras e formadoras de sujeitos para atuarem nas organizações, mas em todas encontramos o elemento de importante contribuição para formação e organização dos/as trabalhadores/as assim como de força e resistência em ir contra o que estava imposto na sociedade lutando e apoiando a coletividade na conquista e defesa de direitos.

## **1 UM PANORAMA SOBRE A DITADURA CIVIL MILITAR NO BRASIL**

### **1.1-Um breve contexto do golpe**

O Golpe civil militar instaurado em abril de 1964 seria o desfecho de eventos e contradições que configuraram a história de nosso país no período. Com a destituição do então presidente João Goulart e com objetivo de impedir o avanço de forças populares, há então a intervenção da oposição e de militares que se colocavam contras ações do governo e acusavam o presidente de comunista.

O governo que antecede ao de Goulart é o de Jânio Quadros. Este permanece no governo por um curto período, caracterizado como autoritário no plano interno e aberto em questão de política internacional. No dia 25 de agosto de 1961 (ano da campanha da Legalidade) Jânio renúncia, o posto de presidência da república que viria ser ocupado por seu vice. Uma crise institucional é colocada como um ato dos preparativos para ruptura que ocorreria no ano de 1964. Na época o então vice-presidente era João Goulart, principal herdeiro do nacionalismo getulista da década de 50 teve seu nome rejeitado pelos três ministros militares, contra esse veto e para que o ele/vice assumisse, levantou-se uma ampla mobilização popular em todo o país. Daqui do Rio Grande do Sul é que se expressa mais esta mobilização, pois o governador do estado na época, Leonel Brizola comandou uma forte pressão nas ruas para que fosse assegurada a posse de João Goulart -a Campanha da legalidade, que teve bom êxito atingindo o objetivo. Esse episódio faz com que os militares recuassem em seus planos de tomada do poder - ao sentirem- se pressionados pelo povo nas ruas e que isto desencadeasse uma guerra civil- porém mesmo recuando eles impõem que se estabeleça o sistema parlamentarista de governo- este consistia em retirar parte dos poderes do presidente; Jacob Gorender afirma

O veto dos ministros militares à posse de Jango, naquele momento ausente do país, levou a uma situação de empate. De início, somente os setores mais direitistas da UDN aprovaram o veto. Sua rejeição foi imediata por parte dos movimentos nacionalistas e do movimento operário, os trabalhistas e comunistas. O fator desequilibrante veio com a manifestação do Governador Leonel Brizola, que se entrincheirou no Palácio Piratini e apelou à resistência popular. Diante da adesão do III Exército ao ato de Brizola, a emenda parlamentarista, aceita pelos ministros militares e por Jango, teve em vista uma saída conciliatória que evitasse ameaça de resolução do empate por um

choque armado e, no final de contas, pela guerra civil. (GORENDER, 2014, p. 21)

Nos anos que seguem (1962, 1963, 1964) algumas mudanças ocorrem, a roda da história continua a girar, é um período que foi marcado pelo crescimento das lutas populares. Goulart consegue através de um plebiscito derrubar o parlamentarismo impingido pelos militares, com isto há aceleração das lutas por reformas estruturais vários setores da sociedade se mobilizam. Os trabalhadores sindicalizados tinham desenvolvido uma ampla capacidade de mobilização, incorporando cada vez mais um número maior de sindicatos às lutas pró “Reformas de Base” propostas pelo presidente Goulart (Arns, Wright, Sobel, 2014, p. 60). Podemos citar ainda a criação da central sindical (Comando Geral dos Trabalhadores- CGT) que foi um desafio para os mesmos criá-la. Em meio a um cenário que imperava uma forte inflação ainda assim os trabalhadores conseguem reajustes salariais de acordo com o aumento do custo de vida. Quanto aos trabalhadores do campo, período este, marcado pela criação das Ligas Camponesas<sup>1</sup>, momento também em que aumentam significativamente lutas rurais parecidas com as ocorridas nas cidades. Assim como a CGT foi vista pela direita afastada do governo como um “espantalho que comprova a iminência da revolução comunista no Brasil “ (Arns, Wright, Sobel, 2014, p.60) as lutas no campo também apresentavam ameaças aos fazendeiros e conservadores do meio rural causando-lhes pânico, com estes se posicionando contra e dispostos a impedir a reforma agrária.

Setores da classe média urbana, como também professores e estudantes somam-se às lutas por modificações nacionalistas como uma nova estrutura educacional, pela reforma agrária e pela contenção da remessa de lucros. “ No âmbito parlamentar é estruturada uma frente nacionalista que pressiona as reformas. Todavia, com todo esse desdobramento e ebulição na sociedade nos vários setores e classes, antes que isto de fato ameaçasse o poderio das elites que já se atentavam aos acontecimentos, o esquema golpista, segundo consta no relatório Brasil Nunca Mais, era então abertamente estimulado pela Agência Central de Inteligência dos Estados Unidos (CIA), encaminhado assim para os últimos preparativos do Golpe. “A

---

<sup>1</sup> As Ligas Camponesas foram associações de trabalhadores rurais criadas inicialmente no estado de Pernambuco, posteriormente na Paraíba, no estado do Rio de Janeiro, Goiás e em outras regiões do Brasil, que exerceram intensa atividade no período que se estendeu de 1955 até a queda de João Goulart em 1964. (in: CAMARGO. Aspásia. História das Ligas Camponesas. [s.d] Memorial das Ligas e lutas camponesas. Disponível em: [https://www.ligascamponesas.org.br/?page\\_id=99](https://www.ligascamponesas.org.br/?page_id=99))

conjuntura de instabilidade no quadro político e elevada inflação da época favorecia o discurso da direita junto as classes médias, em favor de mudanças profundas que trouxessem um governo forte” (Arns, Wright, Sobel, 2014, p. 60)

Para Moacyr de Góes sobre o populismo diz que, “no Brasil o populismo foi revolucionário em 1930; ‘bonapartista’ em 1937; nacionalista e anti-imperialista de 1950 a 1954; desenvolvimentista no final dos anos 50; moralista em 1961; nacionalista e sindicalista até sua queda em 1964 ” (Góes.1985, p.10). Para alguns autores o governo de Goulart teria sido marcado por uma política de aliança e conciliação de classes. Já Carlos Fico diz que as incertezas, também marcaram o governo de Goulart.

Durante o governo de João Goulart com as propostas das reformas de base com intenção de mudar o país, estas contemplando desde desapropriação de terras, nacionalização de refinarias de petróleo, reforma eleitoral, reforma universitária etc. isto incomodaria adversários do governo e as elites; assim como os problemas econômicos com altos índices de inflação no período (atinge o topo em 1963) e a suposta ameaça comunista seriam somatórios para acusarem o governo, e justificar o golpe.

No período o presidente Jango recebia apoio de vários setores como a União Nacional dos estudantes (UNE), comunistas de várias tendências -mesmo atuando na ilegalidade no período faziam trabalhos de mobilização e organização popular. No entanto de um lado opositores (liberais e conservadores) e de outro a esquerda, ambas faziam críticas ao governo se mostrando insatisfeitos. Para os opositores a acusação de que Goulart poderia trazer o comunismo ao país, tido como uma ameaça; e para a esquerda se mostravam insatisfeitos quanto as propostas para combater a desigualdade em nosso país -como a reforma agrária- pois diziam que estas ocorriam de forma muito lenta. Este cenário acabaria por fazer com que os militares acelerassem a tomada do poder que culminaria no golpe, sendo João Goulart deposto do cargo e tendo que exilar-se no Uruguai. Em detrimento disto uma junta militar assumiria o poder em nosso país. A partir de 1964 haveria uma mudança radical na base da organização política, fim das liberdades democráticas, terrorismo de estado e repressão se tornariam práticas cotidianas. Viver-se-ia uma ditadura que perduraria até 1985 e seus resquícios seriam sentidos posteriormente. Com os atos institucionais

instaurados que serviriam como mecanismos de legitimação e legalização assim como a Doutrina de Segurança Nacional.

A ditadura civil-militar aperfeiçoou um sistema repressor complexo, que permeava as estruturas administrativas dos poderes públicos e exercia total vigilância sobre as principais instituições, partidos e organizações da sociedade brasileira. Erigiu-se também uma burocracia de censura que intimidava ou proibia qualquer tipo de manifestações identificadas como hostis ao regime (CNV, 2014, p.102). Em suas práticas repressivas, fazia uso de maneira sistemática e sem limites dos meios mais violentos como a tortura, o desaparecimento e o assassinato. (TORRES, 2017, p.22)

A partir de 1964 todo um sistema de repressão e controle implantado ocorreria em todo o país. Mesmo tendo mais registros de ações ocorridas nas capitais, e grandes centros do Brasil, cidades do interior não ficaram de fora desta intervenção por parte do estado. Este sistema de repressão e controle “precisa ser conhecido a partir de seus antecedentes mais remotos” (Arns, Wright, Sobel, 2014, p.55), para assim compreendermos a dinâmica do período como um todo.

Segundo o relatório Brasil Nunca Mais, o golpe dado pelos militares em abril de 1964 que derruba o presidente João Goulart, remonta a séculos anteriores de nossa história, uma longa tradição intervencionista antes da proclamação da República e da época escravagista, fazendo referência a participação de militares na repressão contra lutas populares de períodos anteriores. Nesse quesito Carlos Fico a partir de análise de diferentes autores sobre a temática e o período da ditadura diz que

As transformações estruturais do capitalismo brasileiro, a fragilidade institucional do país, as incertezas que marcaram o governo de João Goulart, a propaganda política do lpe, a índole golpista dos conspiradores, especialmente dos militares — todas são causas, macroestruturais ou micrológicas, que devem ser levadas em conta, não havendo nenhuma fragilidade teórica em considerarmos como razões do golpe tanto os condicionantes estruturais quanto os processos conjunturais ou os episódios imediatos. Que uma tal conjunção de fatores adversos — esperamos todos — jamais se repita. (FICO, 2004, p.56)

Como citado, a partir da análise de diferentes autores os apontamentos feitos por cada um estariam, na conclusão do autor Carlos Fico, corretos e que esses somatórios de causas devem ser levados em conta quanto ao que culminaria no golpe.

Importante destacar também a situação mundial decorrente da deflagração da Segunda Guerra Mundial, fazia com que este cenário internacional refletisse no plano interno da política de nosso país, em suma, o Brasil era peça estratégica no Atlântico Sul, o cenário mundial estava num contexto de polaridade do mundo entre potências antagônicas (guerra fria), este cenário contribuiu para o período e o desfecho que

tivemos com o golpe de estado. Para o autor Moacyr de Góes “nos anos 60 a crise brasileira é econômica, é social e é política (Góes,1985, p.8). O esgotamento do modelo populista de 1930-1964 é o que revela a crise política. E ainda que

A tomada de poder no Brasil em 1964 não foi um simples golpe latino – americano, nem mais um *pronunciamento*, e sim uma articulação política de profundas raízes internas e externas, vinculada a interesses econômicos sólidos e com respaldos sociais expressivos. Não foi coisa de amadores. Tanto é assim que, passados os primeiros momentos de perplexidade, o novo Estado emergiu do figurino do IPES com objetivos programados, metas estabelecidas, e, naturalmente, com os homens que se apossaram do poder (GÓES,1985, p.32).

Estes desdobramentos e fatores do cenário nacional com influência do cenário mundial foram também decisivos, como somatórios para culminar no golpe, praticamente toda classe média e setores importantes dos trabalhadores rurais e urbanos estavam ganhos pela propaganda anticomunista. Ainda que os principais veículos aos quais estavam ligados, foram aqueles financiados pelos Estados Unidos como o PSD (Partido Social Democrático), UDN (União Democrática Nacional) e a Igreja católica destacando sua hierarquia que se une contra o governo, tendo o apoio da grande imprensa, como por exemplo ao proporcionar as “marchas pela família com Deus pela liberdade” (Arns, Wright, Sobel, 2014, p.61,62).

De todo esse desenlace com o levante dos marinheiros e fuzileiros Navais ocorridos no fim de março no Rio, isto é colocado como um estopim para que no dia 1º de abril de 1964 a ação golpista saísse vitoriosa praticamente sem resistência. Vale aqui uma ressalva para o Rio Grande do Sul que em meio aos acontecimentos há uma tentativa em manter a resistência, Leonel Brizola juntamente com o apoio popular, como no feito de 1961 em que asseguraram a posse do presidente João Goulart. Por fim, das contradições que moveram a história no decorrer sendo instaurado o golpe no dia 1º de abril de 1964 e transformações profundas ocorreriam no Brasil a partir dali, “era evidente que todo aquele movimento nacionalista e popular, estruturado em bases essencialmente legais, não tinha condições de enfrentar a força das armas” (Arns, Wright, Sobel, 2014, p. 62). Para Lara e Silva (2015, p 277) o golpe civil militar “foi a resistência capitalista às possibilidades de reformas e avanços sociais” no novo governo que assume, o Estado opta por governar através da coerção

Por meio da violência, os setores reacionários atuaram com prisões de lideranças, torturas, assassinatos, expulsão de líderes esquerdistas do país e intervenção em sindicatos. Sob o contexto da Guerra Fria e em nome do anticomunismo, as forças reacionárias do país instituíra uma ditadura civil-militar que objetivou promover a internacionalização da economia e a

reconcentração de renda, poder e propriedade nas mãos de corporações transnacionais, monopólios estatais e privados e grandes latifundiários, aprofundando sua integração com o mercado mundial e suas ligações com o capital financeiro e industrial internacionais (Petras, 1999). Ao tomar posse, o ditador marechal Castelo Branco estabeleceu um regime de completa arbitrariedade. Só nos dois primeiros meses de presidência, com base nos poderes que lhe conferia o artigo 10 do Ato Institucional n. 1, “ele cassou os direitos políticos de 37 pessoas, entre as quais três ex-presidentes, seis governadores estaduais e 55 membros do Congresso Nacional. Dez mil funcionários públicos foram demitidos e cerca de 5 mil inquéritos sumários que envolveram 40 mil pessoas foram abertos (Guisoni, 2014, p. 28). (LARA, SILVA 2015, p. 277, 278)

A partir dali dias de horrores, clandestinidade, exílio passariam a fazer parte da vida de muita gente.

### 1.1.1 O Rio Grande do Sul e o golpe

Diante do contexto já colocado da narrativa que se tem dos desdobramentos que desencadeiam e acabam num Golpe de estado, vale ressaltar sobre a participação do estado do Rio Grande do Sul neste cenário. A partir da bibliografia “A Ditadura de Segurança Nacional” organizada por Enrique Serra Padrós, Vânia M. Barbosa, Vanessa A. Lopez e Ananda Simões, entre outros trabalhos sobre a temática, trataremos destes acontecimentos analisados desde aqui. Em suma, destaco o estado do RS por conta do objeto de pesquisa deste trabalho, referente as mulheres da região norte deste estado, dentro do contexto da ditadura civil militar no Brasil no Alto Uruguai gaúcho.

O estado do Rio Grande do Sul tem importância quanto a algumas especificidades apontadas pelos autores, primeiro pelo fato “ de ter uma forte tradição trabalhista o que ajudou a configurar um grande apoio as reformas de base do governo João Goulart, em segundo a marca deixada no imediato pré-golpe, pela Campanha da Legalidade, fundamental para reverter o quadro golpista deflagrado em 1961 quando da renúncia de Jânio Quadros” (Padrós, et. al, 2010, p.23) outra condição referente/específica do RS, seria a de fazer fronteira com a Argentina e o Uruguai, algo de grande importância em se tratando do período das ditaduras na América Latina, sendo uma particularidade em que se gera cinco tipos de dinâmica<sup>2</sup>. Em 1º de

---

<sup>2</sup> -*primeiro*, referente ao fato de constituir uma espécie de base de projeção da influência brasileira sobre o espaço platino (lembrando, por exemplo, a preparação da “Operação trinta horas” e a construção de uma infraestrutura rodoviária, ligando estrategicamente o centro do país com o extremo sul do estado); -*segundo*, vinculada à percepção geopolítica de fronteiras nacionais ameaçadas tanto pela mútua rivalidade e desconfiança da Argentina quanto pela presença de “ameaçadoras” forças subversivas, nacionais ou estrangeiras (com a consequente militarização da região e a conformação dela como área de segurança nacional); -*terceiro*, pela configuração do território estadual como

abril de 1964 “em meio ao clima de apreensão e do desencontro, e até mesmo ausência de informações, noticiava-se a deflagração de um movimento sedicioso” partindo de Minas Gerais sob comando militar do general Mourão Filho, e político do governador Magalhães Pinto.(...) o comandante do II Exército, general Amauri Krueel, compadre amigo do presidente ,aderiu a revolta” como justificativa traziam a ideia de que se tratava de um movimento pela “preservação da liberdade e da democracia” e contra a conspiração comunista que conspurcavam a pátria e o próprio governo”(Padrós, Lameira, 2010, p.34). A ameaça do “fantasma/espectro” do comunismo assombrava aqui no Brasil na época<sup>3</sup>.Ao pensar a conjuntura que se segue sobre o golpe, segundo Lameira

A deflagração do movimento militar foi a culminância e a parte mais visível de um amplo movimento civil-militar que não pode ser considerado de forma simplista ou com base em binômios explicativos. Em termos conjunturais, pode ser pensado como golpe preventivo deflagrado contra a ascensão das lutas dos movimentos sociopolíticos baseados, majoritariamente, em um programa nacionalista e reformista. No jargão político destes movimentos, o objetivo era realizar reformas sociais para tornar o capitalismo mais humano e democrático. Entretanto, esta visão não pode limitar a percepção de que se tratou também de um movimento sociopolítico que aglutinou amplos setores liberais e conservadores em nome de um projeto político baseado nas formulações da Doutrina de Segurança Nacional e desenvolvimento (LAMEIRA,2015, p.890)

Além das questões citadas, os autores apontam também como fundamental dimensão do golpe de 1964 “a relação com as estruturas que lhe dão significado”, ainda que, o golpe faz parte do contexto de radicalização política da Guerra Fria agravada pela Revolução Cubana nas Américas. Cuba sendo um território muito próximo dos EUA, e em meio à disputa de bipolaridade do poder neste contexto, era colocada não só um mal exemplo (comunista) para os demais países do mundo frente a potência capitalista (tentando expandir para o mundo o capitalismo), como também área estratégica de ameaça contra a mesma após se aproximar da ideologia

---

corredor para o transito de resistência (“pombos-correio” de Brizola, esquemas para retirar ou reintroduzir perseguidos políticos) e da repressão; -*quarto*, o reconhecimento de que o Uruguai, país vizinho, virou santuário preferencial do exílio brasileiro entre 1964-1968, enquanto que o Rio Grande do Sul tornou-se uma área acessada por organizações perseguidas naquele país e na Argentina desde o final dos anos 1960 e durante a década de 1970-o que deu especial conotação ao estado dentro da lógica da segurança Nacional; -*finalmente*, o Rio Grande do Sul foi alvo especial da ação da Operação Condor contra cidadãos uruguaios e argentinos. (PADRÓS et al. 2010, p.23,24)

<sup>3</sup> Fazendo referência a escritos de Marx em “Manifesto do Partido Comunista” Um espectro ronda a Europa - o espectro do comunismo. Todas as potências da velha Europa aliaram-se numa sagrada perseguição a esse espectro, (...) Onde está o partido de oposição que não tenha sido difamado como comunista pelos seus adversários governistas, onde está o partido de oposição que não tenha arremessado de volta, aos opositores mais progressistas tanto quanto aos seus adversários reacionários, a pecha estigmatizante do comunismo?(MARX, K. ENGELS, F.1998, p. 7-46).

socialista. Assim, o golpe de 1964 toma significado a partir dessas estruturas sociais do século XX, deste modo “na mesma medida confere significado as estruturas sociais brasileiras e sul-rio-grandenses, quais sejam: o elitismo e conservadorismo políticos daqueles que se percebem como ‘responsáveis pela pátria’ e a constante identificação da democracia com ordem e harmonia social”. (Padrós, Lameira, 2010, vol. 1, p.35).

Dentro desta perspectiva, tem-se a possibilidade de compreender como o golpe contou com total apoio e colaboração do governo do Estados Unidos através do embaixador Lincoln Gordon, sendo que o Brasil não recebeu somente apoio político destes, mas também apoio militar, “apoio logístico e de tropas aos setores golpistas, expresso na famosa operação *Brother Sam* caso houvesse resistência” por parte dos opositores- como citamos anteriormente no decorrer deste trabalho a questão da ‘ajuda americana’ aos deflagradores do golpe. Entretanto faz-se necessário entendermos essa relação entre ‘golpe de estado’ no Brasil e o contexto mais amplo da ‘Guerra Fria’ no qual está situado este conflito. Segundo os autores não se trata de pensar uma grande conspiração internacional nem de colocar para o outro - o estrangeiro-, o protagonismo dos males da nossa sociedade, mas que temos de entender “o processo histórico em sua totalidade, para não falsear a realidade ou isolar elementos importantes para compreendermos como nosso país mergulhou em mais de 20 anos de ditadura de segurança nacional” (Padrós, Lameira, 2010, p 35).

Em relação a atuação militar, o III Exército atendia aos estados do RS, PR e SC no governo de Goulart, tendo este nomeado o general legalista Ladário Pereira Telles para assumir o comando no período, com quartel general em Porto alegre, isto com intenção de estabelecer a sua “resistência na mesma cidade que lhe havia garantido a posse a partir da Campanha da legalidade em 1961, comandada pelo governador Leonel Brizola. “ Ladário Telles chegou a Porto Alegre nas primeiras horas do dia 1º de abril -de 1964- (...)o general Jair Ribeiro, recém operado, reassume o ministério a guerra. Ao chegar, o novo comandante lançou a proclamação pública, concitando o III Exército a permanecer fiel a legalidade e ao mandato constitucional do presidente, juntamente com o povo e a resistência civil. ” (Padrós, Lameira, 2010, p.36) neste período o governador do estado era Ildo Meneghetti, do Partido Social Democrático (PSD), este era adversário político declarado do PTB (Partido Trabalhista Brasileiro/ partido este o qual também pertencia o prefeito de Porto Alegre, Sereno Chaise). Ildo Meneghetti fazia parte do movimento golpista sendo ele uma das

lideranças nacionais. Ao agir o governador Meneghetti tinha objetivo muito claro de evitar a reorganização da “cadeia da legalidade”, na prática, impôs a censura e o controle estatal, a fim de “evitar a reação e a rearticulação das forças contrárias ao golpe no estado”. (Padrós, Lameira, 2010, p.36)

O envolvimento de partidos políticos como os da Ação Democrática Popular (ADP) e as autodenominadas classes produtoras no RS tiveram papel de protagonismo no Golpe, com ações políticas em 1961 e que são mais intensificadas em 1964, citado pelos autores os presidentes da Federação das indústrias do Estado do Rio Grande do Sul (FIERGS) e da Federação de Entidades Empresariais do Rio Grande do Sul (FEDERASUL) também apoiaram o governador em nome dos setores que representavam. Segundo eles, “a mensagem do governador expressa com fidelidade o pensamento das classes produtoras do Rio Grande do Sul” (Padrós, Lameira, 2010, p.39). Setores de empresários também divulgaram um “manifesto central no processo de combate aberto ao governo Goulart”. Citado pelos autores, o Manifesto dos empresários e também o manifesto conjunto dos partidos que compunham a ADP (manifesto divulgado em 20 de março) trazia conteúdo de denúncia do governo Goulart colocando que o governo demonstrava “inadaptação ao sistema constitucional e legal que disciplina as instituições democráticas brasileira” (Padrós, Lameira, 2010, p. 40) e ao não cumprir suas obrigações básicas, sem conter inflação, fugia das suas responsabilidades para atribuí-las a outros. Em tal documento as acusações de que as ações feitas por trabalhadores como greves, agitação nos meios rurais, organização de grupos de guerrilha revolucionária “ostensivamente proclamada e tolerada pelo governo; a pregação aberta ao fechamento do Congresso (...) supressão de monopolização de meios de publicidade e comunicação. Com estas acusações citadas tentam usá-las para justificar o argumento de que as mesmas “(...) estão a indicar um processo subversivo das nossas instituições” (Padrós, Lameira, 2010, p. 40). Ainda afirmavam que era incontestável uma ameaça comunista em todos os setores do governo.

Quanto a imprensa e o papel desempenhado por esta no período, referente ao RS, uma em específico é bastante trabalhada pelos autores, o jornal “Correio do Povo”, os autores dizem que o jornal fazia uma “crítica violenta” ao governo, acusando Goulart de agitador, violador da democracia etc. E que estes adotavam um discurso/linha de questionamento como a utilizada por Lacerda e a imprensa do centro

do país desferindo ataques contra o governo federal e ataques a Brizola (Padrós, Lameira, 2010, p.41), o discurso assumido por parte da imprensa, neste caso o jornal *Correio do Povo*, trazia conteúdo explícito sobre o posicionamento do mesmo neste período, frente aos acontecimentos e desenlaces para o golpe. Seguem argumentando, que “ tratava-se de uma referência explícita aos planos de instalar no Brasil um regime comunista aos moldes “caudilhescos” e populistas dos pampas, em decorrência, uma mistura de Perón e Fidel Castro<sup>4</sup>, dois dos maiores pesadelos das direitas latino-americanas”.(Lameira, 2015, p.898) em outro trecho afirmam que o posicionamento do jornal *Correio do povo*, diante dos inúmeros manifestos que já haviam sido colocados para a nação na época, estes declararam num editorial seu posicionamento a favor do golpe não deixando dúvidas quanto sua responsabilidade para a deflagração do mesmo.

O discurso golpista transparecia com toda força e justificativa a necessidade de infringir a constituição ‘pelo seu próprio bem e pela manutenção da ordem’(...) tal posição coloca por terra o argumento da suposta neutralidade da imprensa e confirmam sua tomada de posição” (PADRÓS, LAMEIRA, 2010, p.45)

Para a direita conservadora com um “discurso conservador/golpista” as esquerdas e o governo, teriam dado um ultimato à “democracia” e isso não podia ser tolerado. O posicionamento deles fica expresso no discurso do deputado Alexandre Machado (PSD) na Assembleia Legislativa, mencionado pelos autores, um discurso que foi “exemplar a defesa da intervenção armada foi categórica” (Padrós, Lameira, 2010, p.42). Tanto nos manifestos já mencionados, como no trecho do discurso do deputado Alexandre Machado (PSD) o comunismo é colocado como ameaça para o país e que o então presidente Goulart estava conivente com tal ideologia.

Assim como no restante do país no Rio Grande do Sul, parte da igreja católica (neste caso de apoio ao regime) também teve papel importante, segundo os autores “ teve papel ativo e importante durante todo o processo de tentativa de construção do

---

<sup>4</sup> Fidel Castro foi líder e comandou a revolução cubana, um evento ocorrido na América Latina em meio à Guerra Fria e tinha como obstáculo os Estados Unidos, o país mais desenvolvido economicamente no continente americano. (U. Alves da Silva, (2020). Revisitando uma biografia: um bate-papo com Fidel Castro. *Revista Eletrônica da ANPHLAC*, 20 (28), 483-488. disponível em: <https://doi.org/10.46752/anphlac.28.2020.3858>. Acesso em: 20 jul. 2023)

Juan Domingo Perón foi militar e também foi eleito presidente da Argentina no período de 1946-1952 e de 1952-1955. (Mitidieri, A. L., Guimarães, L. B., & Mazzutti, L. H. C. (2013). Tomás Eloy Martínez e as (des)memórias de Juan Domingo Perón. *Letras De Hoje*, 48(4), 431-440. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/fale/article/view/15435>. Acesso em: 20 jul 2023)

consenso político em torno do projeto conservador e contra as reformas sociais”(Padrós, Lameira, 2010, p.43) Na figura do arcebispo de Porto Alegre Dom Vicente Scherer, através de sua atividade pública como nas missas, jornais e de um programa de rádio chamado “A voz do pastor”, este associava as reformas ao avanço do “comunismo materialista ateu” argumentando que era ‘contrário a tradição católica e cristã do pacífico povo brasileiro”(Padrós, Lameira 2010, p.43),com este discurso contribuiu com o golpe convencendo algumas camadas sociais da ameaça do comunismo, para justificar a ditadura civil militar.

Junto da figura do arcebispo aparece algumas mulheres, estas sendo Ilda Baumhardt e Ecilda Haensel a mesma se definia “apartidária, sem preconceito de religião e de raças” as duas eram líderes da Ação democrática Feminina (ADF) que tinha como programa” ensinar a amar a pátria, ajudar os jovens para que se tornem cidadãos conscientes, combater a demagogia, a subversão e a desordem e reformar o que está errado dentro da disciplina da ordem e da lei” este era o programa pautado pela entidade. A ADF foi criada em 9 de março de 1964, como citado antes a figura do arcebispo aparece junto das líderes da ADF, pois este foi quem inspirou e apoiou a formação desta. O Instituto de pesquisas e Estudos Sociais- IPES financiava e orientava politicamente a ADF na desestabilização e conspiração contra as forças nacionalistas e João Goulart (Padrós, Lameira 2010, p.43). Já citado no decorrer deste trabalho, aparece novamente aqui o IPES e IBAD (Instituto Brasileiro de Ação Democrática), ambos foram segundo os autores, grandes organizadores da conspiração contra Goulart no Brasil. No Rio Grande do Sul tínhamos o IPESUL, um órgão do IPES, mas uma seção em Porto Alegre atuando no estado especificamente.

Quanto ao golpe em seu contexto imediato tem sua situação agravada por conta do comandante do III Exército, General Galhardo, apoiador do movimento golpista pela intenção em prender o general Ladário Pereira Telles. Porém Ladário tem tempo de articular e ocupar o posto no III Exército e consegue ocupar emissoras de rádio com tropas fiéis a Legalidade dando oportunidade para que setores civis organizados em apoio ao presidente Goulart dessem início ao “processo de levante popular sob liderança de Leonel Brizola e do prefeito de Porto Alegre Sereno Chaise tentando repetir a campanha da Legalidade” (PADRÓS, LAMEIRA, 2010, p.46) várias entidades e partidos se juntam em apoio a resistência ao golpe

“Inúmeras organizações e entidades manifestaram apoio ao prefeito e ao presidente Goulart: Comando de reivindicações dos Servidores, Comando nacionalista de Guarujá, Frente Nacionalista do Magistério Gaúcho, Conselho Sindical Feminino, Comando dos Servidores Federais do Rio grande do Sul, Comissão dos Profissionais Liberais, Sindicato dos Empregados do Comércio Hoteleiro e similares de Porto Alegre, Funcionários da prefeitura Metropolitana, do MASTER, sindicato dos Oficiais de Barbeiros e similares, da associação dos funcionários da CEEE e do Sindicato dos trabalhadores de Energia Elétrica em Porto Alegre entre tantas outras.(PADRÓS, LAMEIRA, 2010, p. 46 e 47)

Diante do cenário que se desenhou muitos ao redor do país depositam suas esperanças no Rio Grande do Sul segundo os autores “ a sorte da limitada democracia brasileira estava sendo decidida em grande medida, no RS, onde a resistência depositou suas últimas esperanças” (Padrós, Lameira, 2010, p.47).

Em suma, os desenlaces colocados com esta resistência, por um momento o governador Meneghetti percebe um fracasso estando com pouca base social de apoio e as emissoras de telecomunicação sob o comando do III Exército leais a Goulart, e sendo pressionado, acaba transferindo a “sede do governo para Passo Fundo na sede do 3º batalhão de caçadores da brigada militar” daí ele colocou o povo gaúcho contra Goulart e o que chamavam de “inimigos da democracia”, posteriormente veríamos quem eram os verdadeiros inimigos. Dos fatos que seguem o Golpe de 64 dado no dia 1º de abril, três dias depois de instaurado, é anunciado o exílio de Jango no Uruguai. O prefeito de Porto Alegre Sereno Chaise tenta resistir, mas é preso pelo Dops<sup>5</sup> e solto dias depois (Wasserman, p. 60 e 61, In: Padrós, 2010, vol.2). Tínhamos ali a vitória do Golpe, porém “nos dias 3 e 4 de abril ocorreram movimentos de resistência, mas, como amostragem do que viria a seguir, foram duramente reprimidos”<sup>6</sup> o momento político que marcaria nosso país a partir dali se configura por muitas prisões,(como citada a do prefeito de Porto Alegre),também Leonel Brizola tem de fugir e esconder-se. Ministros do presidente, lideranças de esquerda e qualquer opositor ao Golpe foram também presos. “ Em nível nacional e estadual, teve início o período de acusações, expurgos e perseguições políticas (...) Sob os louros e louvores de uma pretensa “nova democracia” iniciava-se assim, a ditadura civil-militar de Segurança nacional. ” (Padrós, et. Al, 2010, p.48)

---

<sup>5</sup> DOPS-Delegacias de ordem política e social, atuou como braço da ditadura militar compondo uma rede integrada de repressão contra os chamados inimigos do Regime. (Fonte:Jornal.uem.br/2011-2004/39-jornal-pesquisa-revela-atua-do-dops-na-ditadura.Acesso em: 10 Jan 2023)

### 1.1.1.1. A partir do Golpe

A partir de 1964 o Brasil teve cinco presidentes militares Humberto Castelo Branco (1964-1967). Artur da Costa e Silva (1967-1969), Emilio Garrastazu Médici (1969-1974), Ernesto Geisel (1974-1979) e João Baptista Figueiredo (1979-1985). Dentre eles três gaúchos (Médici, Geisel e Costa e Silva) os demais, Figueiredo era carioca e Castelo Branco cearense. O período em que tivemos estes cidadãos como presidentes foi sangrento e foi experimentado pela população brasileira um aprofundamento dos problemas sociais, econômicos e políticos em nossa sociedade.

O Regime militar durou 21 anos (1964-1985), foi autoritário, estabeleceu censura à imprensa, restrição a direitos políticos e perseguição policial aos opositores do regime. Para além desta questão da violência que é um lado importante e doloroso do período e um problema ainda com resquícios por serem resolvidos, o regime militar “amplia a concentração de terras, incentiva a monopolização da economia, concentrou renda e atrelou o país ao grande capital internacional” (Carrion, p.63,64 In: Padrós 2010, vol.2) estabelecendo assim um sistema de opressão e exploração que ainda não foi superado.

Foram 17 Atos institucionais no período de abril de 1964 a outubro de 1969, a cada ato a repressão ficava mais dura, com mais restrições impostas. Desde o primeiro Ato as organizações, partidos e movimentos de oposição ao Regime são afetados e já ocorrem muitas prisões. O exílio político acaba sendo “opção” pois já no primeiro Ato realizam a “Operação Limpeza”<sup>7</sup> com isto destaque a importância do RS que geograficamente faz fronteira com o Uruguai, país onde muitos exilados políticos brasileiros buscam refúgio.

“O Uruguai acabou por tornar-se o país do exílio nos anos iniciais da ditadura, devido à sua proximidade com o Brasil, mas também, por ser uma das mais sólidas democracias da América Latina.” (PADRÓS, et. al. 2010, p. 35)

Os demais atos em todos eles nova regras e restrições eram impostas, desde 64 o país já vinha experimentando a repressão por parte do Estado na figura de policiais e militares, contra todo aquele que fosse contrário ao Regime militar. Porém

---

<sup>7</sup> O exílio político foi uma opção que muitos dos atingidos pela operação limpeza promovida pelo Ato Institucional nº 1(AI1), recorreram (PADRÓS, et. al, 2010, p.35).

pretendo destacar dentre eles o Ato Institucional nº 5 (AI5) decretado em dezembro de 1968 durante o governo de Costa e Silva; pelo fato de que este foi o ato considerado por muitos, o mais sangrento de todos, este ato acrescenta às restrições já impostas

Suspende a garantia do *habeas corpus* para determinados crimes; dispõe sobre os poderes do Presidente da República de decretar: estado de sítio, nos casos previstos na Constituição Federal de 1967; intervenção federal, sem os limites constitucionais; suspensão de direitos políticos e restrição ao exercício de qualquer direito público ou privado; cassação de mandatos eletivos; recesso do Congresso Nacional, das Assembleias Legislativas e das Câmaras de Vereadores; exclui da apreciação judicial atos praticados de acordo com suas normas e Atos Complementares decorrentes; e dá outras providências<sup>8</sup>.

Com o AI5 os poucos movimentos, como o Movimento estudantil que estava bastante atuante e alguns operários que realizaram greves em São Paulo e Minas acabam não podendo mais fazer passeatas ou qualquer tipo de manifestação pacífica contra o governo. No entanto, segundo Padrós e Fernandes o ano de 1968 foi marcado também pela contestação e rebeldia apesar de tudo, "Três grandes eixos destacaram-se no ano de 1968, que em realidade vinham se desenvolvendo desde antes: o movimento político, o movimento sindical e estudantil e o meio artístico-cultural" (Padrós, Fernandes 2010, p.37 In: A Ditadura de Segurança Nacional, vol. 2).

Ao redor do mundo, especificamente o mês de maio de 1968, fica marcado na história por conta das mobilizações feitas por estudantes na França, influenciados por ideais marxistas e anarquistas com intencionalidade de transformar o mundo. Fazendo crítica ao sistema vigente aos problemas enfrentados no período, referente ao sistema educacional francês e contra a sociedade capitalista da França, tendo o apoio dos trabalhadores, os protestos iniciados por estes estudantes pararam a França. Em outros locais do mundo como Estados Unidos também ocorriam protestos contra a Guerra do Vietnã assim como lutas e importantes transformações no combate ao racismo, entre outras.

Em Paris, as lutas universitárias de 1968 ocorreram durante um período de tempo no qual interferiam vários outros eventos históricos. A oposição à guerra americana no Vietnã mobilizava a juventude tanto nos EUA quanto na Europa. Além disso, a revolta negro-americana, a luta armada na América Latina e na África, a Revolução Cultural na China (1966-1969) contribuíam para o clima de revolucionarização da juventude e do mundo universitário. A revolta estudantil espalhou-se na França com esse pano de fundo complexo e internacional, que

---

<sup>8</sup> Legislação, Atos institucionais, site [planalto.gov.br](http://planalto.gov.br)

dava exemplos heróicos de possíveis mudanças radicais.(THIOLLENT,1998, p 65)

Enquanto vivia-se este cenário de lutas e protestos ao redor do mundo aqui em nosso país e em países da América Latina enfrentava-se a ditadura.

Apesar de todo o sofrimento e endurecimento da repressão contra grupos contrários ao Regime a resistência sempre esteve presente. Em resposta ao aparato repressivo é nesse período que atuam os Grupos Armados tanto no campo como nas cidades. Período referendado como os “anos de chumbo” segundo Padrós e Fernandes foi gestado desde o golpe pois desde ali prisões arbitrárias, perseguições, tortura e assassinatos políticos ocorriam. Com o passar apenas ia se configurando e aperfeiçoando o aparato repressivo de acordo com o inimigo interno, que nesse momento passa a ser a luta armada, usavam isto para justificar o aumento da violência ditatorial e práticas coercitivas contra os focos de resistência.

A tortura no período ditatorial todo, esteve presente como instrumento rotineiro nos interrogatórios. Tal prática remonta a tempos atrás, quando, segundo os autores, a tortura já era utilizada no Brasil pelas forças policiais contra presos comuns (como no período da escravidão, por exemplo) no entanto, durante o período da ditadura o Regime a utilizou de forma “massiva e indiscriminada” contra a “subversão” colocando-a dentro do aparato repressivo. Tema bastante delicado de tratarmos, mas se faz necessário devido aos horrores aos quais foram submetidas as vítimas do Regime militar, “a tortura no Brasil não foi dada a sua real dimensão de terror” (Padrós, Fernandes, 2010, p. 44, Vol. 2).

Outro aspecto que marca o período é em relação à economia, nos anos de chumbo tivemos o chamado “milagre econômico”. Porém a boa situação econômica não se estendia a toda população brasileira, mas sim somente às minorias privilegiadas. O crescimento econômico e a queda da inflação criam essa ilusão de crescimento “ o milagre econômico favoreceu apenas as elites e uma parte da classe média, mas grande maioria da população amargava salários arrojados e não participava do “bolo” (Morissawa, 2001, p.96). Esse crescimento neste período só serviu para concentrar mais ainda a renda de algumas camadas da sociedade, segundo Padrós e Fernandes, um dos resquícios mais profundos da ditadura e que ainda temos hoje no Brasil é a extrema desigualdade social, herança do seu passado colonial e escravocrata e aprofundada de maneira ímpar durante esse período.

Importante destacar também que como mencionado anteriormente neste trabalho, parte da igreja Católica contribuiu para o golpe, porém houve uma parte mais progressista da igreja que diante das repressões por parte do estado começam a atuar e denunciar as violências e abusos praticados pelo regime. A partir de Dom Helder Câmara, criador da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) esses setores progressistas atuam apoiando movimentos de resistência contra a ditadura desempenhando um trabalho importante junto aos movimentos populares nos anos que se seguem. Em suma, alguns membros da igreja, são também perseguidos e presos pelo Regime<sup>9</sup>.

Nos anos e governos que se seguem destaque nas décadas de 1970 e 1980, uma proposta de abertura política lenta e gradual por parte do governo Geisel, sendo que este necessitava de apoio da sociedade diante dos problemas herdados do governo anterior como “inflação e dívida externa”, o que vai desfazendo a ilusão do milagre econômico. Nesse momento há ainda uma rearticulação do movimento operário com foco no ABC paulista e tendo a figura de Luiz Inácio Lula da Silva, o Lula como liderança. No governo seguinte, Figueiredo dá continuidade à política de abertura, é “concedida” a Anistia aos acusados ou condenados por crimes políticos, com isto muitos que estavam em exílio fora do país retornam. Ainda em 1979 é restabelecido o pluripartidarismo e assim outros partidos se formam, assim como na década de 80 movimentos populares também surgem.

As lutas operárias de 1978 e 1979, a conquista da Anistia em 1979, o aprofundamento da crise econômica da ditadura, as dimensões no seio dos militares, a grande campanha da “ Diretas Já” são alguns acontecimentos que culminaram na redemocratização do país em 1985.(CARRION, 2010, p.63<sup>10</sup>)

Para além desses elementos citados acima, acrescento que a luta e resistência do nosso povo em todos os espaços aos quais estavam inseridos no campo, na cidade, nas escolas, nas fábricas, na cultura, na arte, nas ruas foram indispensáveis para que ocorresse a redemocratização de nosso país.

---

<sup>9</sup> Ver p. 68 e 69 prisões do Padre Antônio Cechim em Porto alegre em 1969. In: A ditadura de Segurança nacional. 'Volume 2

<sup>10</sup> In: A Ditadura de segurança nacional, volume 2

## **2.MULHERES NA HISTÓRIA E NO PERÍODO DA DITADURA NO BRASIL**

### **2.2. História oral, História e historiografia**

Tendo em vista que nosso trabalho conta com a fonte oral para reconstrução das trajetórias das mulheres da região norte do RS, faz –se necessário trabalhar um pouco sobre a história oral, assim como a presença feminina na história e na historiografia.

A história oral é reintroduzida no decorrer do século XX segundo Matos e Senna, em específico nos Estados Unidos com grupos de historiadores que criam as próprias instituições, lançam revistas e realizam vários seminários. Sendo que o método de história oral se desenvolve mais amplamente com o advento do gravador em 1950, e posteriormente se difunde na Europa também. Esta, é marcada por várias gerações, sendo que os lugares onde mais fortemente se difundiu no decorrer foram Estados Unidos e Europa, especificamente Espanha. Itália e França; na América Latina é na década de 1970 que áreas como antropologia e história política utilizam do método, contando como uma terceira geração de pesquisadores que utilizam oralidade

Após essa terceira geração se iniciar, criaram-se verdadeiros grupos de historiadores orais. Na Itália surgiu um projeto de história oral sobre o mundo operário, lançando, assim, um verdadeiro manifesto sobre história oral como meio de estudar as classes populares. Nesse desenrolar dos estudos em história oral, as duas décadas seguintes foram marcadas pelas novas pesquisas e encontros voltados aos debates sobre as fontes orais. Os anos de 1980 foram propícios à história oral, quando se difundiram reuniões internacionais, criando uma verdadeira associação de Historiadores Oraís. Na mesma direção, a década de 1990 marcou a quarta geração. Em decorrência de fatos conjunturais, que deram margem para sua expansão, tais como a queda do muro de Berlim, os acontecimentos no Leste Europeu, os estudos stalinistas, as fontes orais foram mais amplamente exploradas. Muitos historiadores passaram a compreender a importância da história do tempo presente, para a qual as fontes orais são essenciais. (MATOS, SENNA, 2011, p.99)

Enquanto historiadores necessitarmos de variadas fontes, mas essa não necessariamente deve ser somente documentos escritos para construção da história, pois a fonte oral traz nova perspectiva a historiografia. Alguns autores defendem que a história oral apenas pode ser empregada em pesquisas sobre temas contemporâneos ocorridos num passado não muito remoto, ou seja que a memória

dos seres humanos alcance, para que se possa entrevistar pessoas que dele participaram, como atores ou como testemunhas. Ainda de Matos e Senna dizem, “a história oral centra-se na memória humana e sua capacidade de recordar o passado enquanto testemunha do vivido” (Matos, Senna, 2011, P.96), a partir disso podemos entender a memória como a presença do passado, ‘como uma produção psíquica e intelectual de fragmentos representativos desse mesmo passado, não sendo em sua totalidade mas parcialmente, por decorrer de estímulos para sua seleção, isto é ,por que de certa forma filtramos nossas lembranças trazendo aquilo que é mais significativo para nós. As autoras ainda afirmam que não podemos impedir de vir à tona algumas lembranças, mas que podemos controlar a forma como elas sairão do íntimo.

Portanto, a memória é sempre uma construção feita no presente a partir de vivências ocorridas no passado. Memórias individuais e coletivas se confundem; não somos ilhas e, portanto, estamos sujeitos a influências, bem como a influenciar, os grupos a que pertencemos e com os quais nos identificamos. Uma possibilidade de sistematização das lembranças, como indicadores e referenciais para múltiplos estudos, são os registros da oralidade. (MATOS, SENNA, 2011, p. 98)

Em suma, a história oral pode ser entendida como o método de pesquisa -histórica, antropológica, sociológica etc. e possibilita a realização de entrevistas com pessoas que participaram ou testemunharam acontecimentos, ou seja, história Oral, é um método de pesquisa que envolve entrevistas gravadas com pessoas que podem testemunhar sobre eventos, situações, instituições, estilos de vida ou outros aspectos da história contemporânea (Souza et. al. 2022, p 1). Enfim, através da oralidade historiadores desta era, abrem possibilidades de ampliação do conhecimento em torno da relação entre história e memória a” história oral, enquanto método e prática do campo de conhecimento histórico, reconhece que as trajetórias dos indivíduos e dos grupos merecem ser ouvidas, também as especificidades de cada sociedade devem ser conhecidas e respeitadas”. (Matos, Senna, 2011, p.107) a partir desta metodologia é que se pretende construir esse trabalho , por meio de história oral temática<sup>11</sup> em torno da trajetória de luta de algumas mulheres da região norte do RS.

---

<sup>11</sup> Na História Oral Temática (HOT) o diálogo gira em torno de um tema (o da pesquisa). As perguntas não principiam desde a infância do narrador, como na HOV, a menos que esta questão tenha importância para o tema pesquisado. O roteiro básico tem um papel fundamental e deve ser bem planejado e elaborado para abordar com amplitude e profundidade o objeto-problema. “A hipótese de trabalho nesse ramo da história oral é testada com insistência e o recorte do tema deve ficar explícito de tal maneira que conste das perguntas a serem feitas ao colaborador” (MEIHY e HOLANDA, 2007, p. 39). Na análise desta, há um apreço pelo confronto de versões, já que se necessita de, pelo menos,

Sabemos que a escrita da história das mulheres é algo relativamente recente, sendo a história antes (em sua maioria) escrita por homens, os quais ocupavam espaços e papéis “destinados” a estes, enquanto que as mulheres eram colocadas à margem ou até mesmo excluídas dos registros históricos. No entanto, recentemente essa realidade vem mudando, pois ao longo da história mesmo com esta situação de exclusão e apagamento de suas atuações, várias mulheres foram e são importantes para a construção da história e em diversas áreas antes colocadas como espaços masculinos.

A história é feita por homens e mulheres no decorrer dos tempos, no entanto na historiografia nem sempre tivemos registros da história das mulheres, e seu papel na sociedade, nem como sujeitos de sua própria história. Houveram algumas mulheres que ousaram ocupar esses papéis e escrever; porém utilizavam pseudônimos masculinos em seus livros, já que às mulheres tal atividade não era permitida. Como exemplo temos a escritora Emily Brontë<sup>12</sup> que escreveu seus livros em uma época em que proibiam às mulheres exercer tal prática<sup>13</sup>. No decorrer dos séculos a história era uma história de homens contada por homens. Em dado momento, ao surgir uma necessidade em se definir o que era história; e a quem e sobre o que esta abrangeria é que ocorrem algumas mudanças. Nas palavras de Nilo Odália<sup>14</sup> “ a necessidade de uma história mais abrangente e totalizante nascia do fato de que o homem se sentia como um ser cuja complexidade em sua maneira de sentir, pensar e agir não podia reduzir-se a um pálido reflexo de jogos de poder, ou de maneiras de sentir, pensar e agir dos poderosos do momento. ” Mudanças ocorridas na historiografia do século XX foram necessárias e como referência sobre a produção intelectual esta vinha da

---

alguns entrevistados para abarcar o assunto. (GILL e SILVA. Perspectivas para a história oral. 2016. p.8)

<sup>12</sup> Reino Unido da Grã-Bretanha hoje Reino Unido (1818-1848).

<sup>13</sup> Uma parte curiosa da história de Emily e as irmãs Brontë é de que, ao resolverem ser escritoras, para a época a qual estavam vivendo, tal função não era aceita às mulheres. Contexto histórico pós revolução francesa e difusão de novas ideias exportadas das revoluções do período para o mundo; época em que a sociedade ditava as regras voltadas para o privilégio dos homens no campo intelectual. As irmãs Brontë escreviam e ocultavam suas identidades com os pseudônimos (nomes masculinos) de Currer, Ellis e Acton Bell. Ellis Bell seria quem escreveu “O morro dos ventos uivantes”, neste caso revela-se depois ser Emily Brontë. Emily fica muito doente e vem falecer ainda muito jovem, em 1848, pouco tempo depois de ter lançado o livro. (Brontë, Emily. “O Morro dos Ventos Uivantes”. Título Original: “*Wuthering Heights*”;1971, tradução de Vera Pedroso. Edição integral. Licença editorial para o círculo do livro. Companhia Editora Brasileira. São Paulo, SP.)

<sup>14</sup> Nilo Odália escreveu o prefácio e traduziu o livro de Peter Burke, citado neste trabalho.

França com a escola dos *Annales*. Para Burke “da produção intelectual, no campo da Historiografia no século XX uma importante parcela do que existe de mais inovador, notável e significativo, origina-se da França (Burke,1992, A revolução francesa da historiografia: a escola dos Annales, p.7). Apesar de ter alguns intelectuais nos papéis de destaque o movimento com a geração dos *Annales*, foi um empreendimento coletivo nas palavras de Burke “ para o qual contribuições significativas foram feitas por um bom número de indivíduos. (Burke,1992, A revolução francesa da historiografia: a escola dos Annales, p.10).

Lucien Febvre e Marc Bloch foram “os líderes do que pode ser denominado Revolução Francesa da Historiografia”, sabendo que

“ Desde os tempos de Heródoto e Tucídides, a história tem sido escrita sob uma variada forma de gêneros: crônica monástica, memória política, tratados de antiquários, e assim por diante. A forma dominante, porém, tem sido a narrativa dos acontecimentos políticos e militares, apresentada como a história dos grandes feitos de grandes homens – chefes militares e Reis. Foi durante o iluminismo que ocorreu, pela primeira vez, uma contestação a esse tipo de narrativa histórica” (BURKE, 1992, A revolução francesa da historiografia: a escola dos Annales, p 11)

Em se tratando da historiografia desde a geração dos *Annales* nas figuras de Marc Bloch e Lucien Febvre há significativa contribuição à nova história, sendo estes, dois dos maiores historiadores do século XX, assim como fundadores da revista *Annales* , com intuito de uma inovação temática, enriquecida pela aproximação com as ciências vizinhas.

Essa tensão criativa entre liberdade e determinismo tornou possível a colaboração entre os dois historiadores e a criação dos *Annales*. E com isso, uma renovação dos estudos historiográficos, que atinge sua plena expansão e efervescência com a chamada História Nova. Peter Burke chama a atenção em seu texto para o fato de que se se fizesse, na época, uma previsão quanto ao nascimento de uma nova história, a França não seria uma das favoritas para ser seu berço, visto que em outros países, na Alemanha por exemplo, pareciam existir melhores condições para que tal ocorresse. Mas foi na França que ela nasceu. Talvez possamos encontrar uma explicação no fato de que, depois da Revolução Francesa e com o surgimento da historiografia romântica, a sensibilidade histórica do povo francês aguçou-se, permitindo que a história se enraizasse em seu cotidiano. (BURKE, A revolução francesa da historiografia: a escola dos annales,1992, p.5)

Deste modo vemos outros nomes associados a estes importantes historiadores. Para a historiografia hoje, segundo Burke “grandes questões da historiografia contemporânea passam necessariamente pelos historiadores vinculados, direta ou indiretamente, à História Nova”. (BURKE, 1992, p.6). Apesar das importantes contribuições, se tratam de intelectuais homens compondo esse grupo,

escrevendo uma história mais ampla com contribuições de outras ciências, mas, que não contempla as mulheres especificamente. No entanto, vale ressaltar que, apesar do apagamento/exclusão que se tinha, durante o século XX, mulheres como Simone de Beauvoir teve importantes contribuições principalmente para as mulheres. No âmbito mais de Brasil a questão da historiografia antiga e a iniciada a partir dos *Annales* e a influência francesa (Fernand Braudel), é introduzida no Brasil a partir da década de 1970, com isto, tem-se uma história mais metódica e documental. Podemos destacar alguns nomes de mulheres, historiadoras brasileiras, que tiveram importante contribuição para a historiografia de nosso país no século XX como Maria Yeda Linhares<sup>15</sup>, Emília Viotti da Costa e Maria Odila Leite entre outras, com áreas de atuação e linhas de pesquisa diferentes mas importantes para a história e para nosso país.

Simone de Beauvoir escritora francesa do século XX, defensora do feminismo e igualdade de gênero (considerada filósofa existencialista) e Alexandra Kollontai uma importante teórica do marxismo e líder durante a Revolução Russa de 1917, uma das poucas mulheres a ocupar esse papel. Ambas são autoras as quais recorri em importantes bibliografias destas, na construção deste trabalho, assim como de artigos e trabalhos mais recentes referentes a temática trazendo autoras brasileiras também. Quando falamos em história das mulheres não temos como tratar tal questão sem falar nos homens e tratar a questão de gênero. Segundo Ana Maria Colling, as mulheres como sujeitos históricos vem a partir de uma tentativa em corrigir a história pluralizando os objetos de investigação passando então a admiti-las como sujeitos históricos. Assim como, além das mulheres, também admitir os operários, os camponeses, os escravizados que estavam subestimados ou colocados num lugar de menor importância.

Neste desejo de inverter as perspectivas históricas tradicionais, passou-se a olhar os acontecimentos históricos pela visão de outros sujeitos. No caso das mulheres, tem-se buscado mostrar a sua presença na história, incluindo-as como objeto de estudo, sujeitos da história; e, para isso, a categoria de análise – gênero – é usada para teorizar a questão da diferença sexual, das relações de poder entre homens e mulheres. Trabalhar com a história das mulheres, pressupõe o domínio de categorias analíticas para o entendimento das

---

<sup>15</sup> As três formaram-se e atuaram em universidades dentro e fora do país. Maria Yeda Linhares (1921-2011) e Emília Viotti da Costa (1928-2017) foram afetadas pelo regime militar, uma foi aposentada compulsoriamente pelo AI5 quando lecionava na UFRJ em 1969; e Emília Viotti também professora, mas da USP, foi cassada pelo AI5. Ambas saem do país na época. (MORAES, José Geraldo Vinci e REGO, José Marcio. *Conversas com historiadores Brasileiros*. São Paulo: Editora 34,2002)

relações de gênero, perpassadas por relações de poder. Ao analisar a história das mulheres, sua participação nos grupos de oposição às ditaduras militares, estas categorias multiplicam-se em importância. (COLLING, 2004, p.2)

O período referendado neste trabalho abarcando o período da ditadura civil militar nos proporciona um grande desafio para estudarmos a participação das mulheres em movimentos /organizações em resistência/oposição à ditadura.

De acordo com minhas vivências e formação em alguns movimentos sociais e por acreditar que muito da nossa história está permeado pelas questões da luta de classe, entre outras, fiz por escolher uma autora marxista para utilizar uma obra sua neste trabalho sendo está a autora Alexandra Kollontai (obra: A nova mulher e a moral sexual) apesar do espaçamento de tempo que há de seus escritos até o presente, em suma, acredito ainda fazerem sentido em alguns aspectos. Também optei por utilizar escritos de Simone de Beauvoir (com a bibliografia O segundo sexo) sendo esta uma referência em falando-se de mulheres. Tais obras tratam de questões específicas das mulheres, assim como é tratado por Beauvoir a questão de gênero, esta que se faz necessária em falarmos quando se trata de mulheres e a relação de poder entre os sexos. No entanto, ao adentrar estes estudos referentes a essa temática tinha poucas referências pois estou iniciando este processo de estudos e a partir disso, agora é que estou conhecendo mais autoras que tratam do assunto.

Sobre a mulher moderna, e tendo as mulheres como objeto deste trabalho, para a autora Alexandra Kollontai, na esteira de uma visão marxista<sup>16</sup> da história, em que a mulher está associada as relações de produção e falando especificamente de um período em que mulheres se inserem no trabalho fora de casa vendendo sua força de trabalho.

“ A mulher moderna, como tipo, não poderia aparecer a não ser com o aumento quantitativo da força de trabalho feminino assalariado. Há cinquenta anos, considerava – se a participação da mulher na vida econômica como desvio do normal, como infração da ordem natural das coisas. As mentalidades mais avançadas, os próprios socialistas buscavam os meios adequados para que a mulher voltasse ao lar. ” (Kollontai, 2004, p.16)

---

<sup>16</sup> Fazendo referência a teoria marxista de que a história da humanidade é a história da luta de classes, luta material baseada na produção, com isto cria o conceito de materialismo histórico dialético. ” Marx postula ser preciso deixar de lado a abordagem idealista de Hegel e escrever a historiografia sob uma orientação materialista. A chave de entendimento de uma dada sociedade não está nas ideias, mas nas “condições materiais da vida”, nos “modos de produção”. (In: ALVES, Francisco José. Teorias da História / Francisco José Alves. São Cristóvão: Universidade Federal de Sergipe, CESAD, 2010. UFS. Disponível em: [https://cesad.ufs.br/ORBI/public/uploadCatalogo/19131416022012Teorias\\_da\\_Historia\\_II\\_Aula\\_9.pdf](https://cesad.ufs.br/ORBI/public/uploadCatalogo/19131416022012Teorias_da_Historia_II_Aula_9.pdf))

Durante séculos as relações de produção mantiveram parte das mulheres trancada em casa (isto valendo para as mulheres da elite pois o contexto ao qual fala a autora refere-se a mulheres da sociedade burguesa) e submetida ao marido (que a sustentava) estas são as mesmas relações que, “ao arrancar as correntes enferrujadas que a aprisionavam, impelem a mulher frágil e inadaptada a luta do cotidiano e a submetem a dependência econômica do capital.” Isso obriga a mulher a aprender a adaptar -se as novas condições de sua existência e prover o necessário para si e os seus. De todo o contexto escrito por Kollontai, ela cita que há um crescimento da população trabalhadora feminina sendo superior a masculina no período. Como exemplo “ Na Europa e nos Estados Unidos as estatísticas acusam mais de sessenta milhões de mulheres inscritas na classe trabalhadora.” (Kollontai, 2004, p.16). Uma ressalva as mulheres das classes mais pobres que estas sempre tiveram de trabalhar.

Kollontai ainda trata a questão da educação da mulher como inútil equipamento moral “ as virtudes femininas – passividade, submissão, doçura- que lhe foram inculcadas durante séculos, tornam-se agora completamente supérfluas, inúteis e prejudiciais. A dura realidade exige outras qualidades nas mulheres trabalhadoras. Precisa agora de firmeza, decisão e energia, isto é, aquelas virtudes que eram consideradas como propriedade exclusiva do homem” (Kollontai, 2004, p.17). Isto faz com que diante da nova realidade imposta as mulheres tenham que se readequar para encaixar em um mundo e uma sociedade de homens.

Em contraste com as características que antes eram exigidas das mulheres essa nova mulher, e referindo-se as trabalhadoras, tem de se reinventar, parafraseando Kollontai, passam do aconchego do lar para a batalha da vida pois “ o mundo capitalista só recebe as mulheres que souberam desprezar, a tempo, as virtudes femininas e que assimilaram a filosofia da luta pela vida”. (Kollontai, 2004, p.18). Para a autora essas mulheres que formavam as fileiras das trabalhadoras eram sempre as mais fortes e resistentes, enquanto que as mais frágeis e passivas continuavam vinculadas ao lar. “As mulheres trabalhadoras constituem a vanguarda de todas as mulheres e integram em suas fileiras representantes das diversas camadas sociais”. (Kollontai, 2004, p.19)

Quando escreve, Kollontai faz críticas às mulheres burguesas e fala muito sobre a mulher operária, mas muitos aspectos se aplica a diversas mulheres. Coloca

em questão o que separa e diferencia as mulheres, apesar de serem todas mulheres, e que estas são diferentes da mulher que foram no passado, com ressalva para as burguesas. Pois para estas aplica-se uma linha divisória entre as trabalhadoras e as mulheres burguesas. Enquanto que

“Nas mulheres do novo tipo, mas pertencentes as distintas classes são comuns a distinção qualitativa das mulheres do passado. Como parte integrante das hostes de mulheres trabalhadoras, sua estrutura interior experimentou igual transformação, ou seja, logrou desenvolver sua inteligência, reforçar sua personalidade e ampliar seu mundo espiritual.” (KOLLONTAI, 2004, P. 21)

Reforço ainda a questão de que para a autora, as mulheres combatentes seriam a única força capaz de desviar de seu caminho a pesada carga do capitalismo, e que ao mesmo tempo que se desenvolve a consciência de sua personalidade e de seus direitos, nasce e evolui na mulher operária do novo tipo o sentimento de coletividade e companheirismo que se encontra nas mulheres do novo tipo de outras classes sociais, exceto as burguesas pra isto fala da linha divisória entre as trabalhadoras e as mulheres burguesas. As mulheres do novo tipo se diferenciam da mulher do passado assumindo novas características já as burguesas mantem as mesmas.

Feitas essas ressalvas quanto as mulheres e alguns aspectos que diferem ou unem essas em luta por seus direitos, segundo a autora Simone de Beauvoir ainda no século XIX, e com a revolução industrial que a mulher passa a ter participação no trabalho produtor,(como mencionado anteriormente de Kollontai a participação da mulher e as relações de produção ) enquanto que, a questão do feminismo nesse momento, toma um novo rumo saindo da teoria e encontrando fundamentos econômicos com essa participação nas relações de produção. Isto referindo-se as mulheres num determinado espaço a Europa. O debate do feminismo no século XIX, para Beauvoir,

“Torna-se novamente uma querela de sectários; uma das consequências da revolução industrial é a participação da mulher no trabalho produtor: nesse momento as reivindicações feministas saem do terreno teórico, encontram fundamentos econômicos; seus adversários fazem – se mais agressivos”. Embora os bens de raiz se achem em parte abalados, a burguesia apega-se a velha moral que vê, na solidez da família, a garantia da propriedade privada: exige a presença da mulher no lar tanto mais vigorosamente quanto sua emancipação torna-se uma verdadeira ameaça, mesmo dentro da classe operária os homens tentaram frear essa libertação, por que as mulheres são encaradas como perigosas concorrentes, habituadas que estavam a trabalhar por salários mais baixos. (BEAUVOIR, 1967, p.17)

As mulheres eram colocadas como sendo inferiores aos homens por um longo período, estes queriam que isto continuasse, por conta de verem a emancipação da mulher como uma ameaça a eles. Em se tratando da burguesia conservadora no período, essa emancipação da mulher ameaçaria a moral e os interesses burgueses.

A luta para conquistar direitos e espaço vem desde os séculos passados, como citado o feminismo já no século XIX ganha força na Europa, e no Brasil na década de 1970 ganha evidência, coincidindo com período ditatorial. Assim como muitas influencias europeias vindas para o nosso continente desde o período colonial, é na década de 70 que esta luta especifica por direitos de mulheres e para mulheres ganha força.

### **2.2.2. As mulheres no Brasil e no período da ditadura**

Tomando por base este trabalho onde o objeto é as mulheres, trabalhadoras que lutaram em movimento de resistência desde o período da ditadura civil militar no Brasil, com recorte para a região norte do Rio Grande do Sul, faz –se necessário abordarmos sobre a história das mulheres em nosso país especificamente.

Para tanto a partir de bibliografias como “História das mulheres no Brasil” organizado por Mary Del Priori e Carla Bassanezi Pinsky, uma coletânea de textos ricos em informações e conteúdos sobre as mulheres em nosso país desde o período colonial. Textos estes que abordam aspectos da cultura, modo de vida, costumes, sexualidade, gênero referentes ao nosso país. Em suma destaca-se a diversidade de nosso país e das mulheres. Porém, assim como já citado anteriormente as autoras Beauvoir e Kollontai, ao tratarem de assuntos sobre as mulheres referem-se as mulheres europeias (norte americanas etc.) num determinado período e espaço, o continente europeu, mas o cotidiano e modo de vida das mulheres lá, espelha costumes crenças e comportamentos das mulheres aqui no Brasil, já que muito foi trazido para cá quando ainda era colônia e posteriormente; por europeus que vieram para nosso continente.

Ao falarmos das mulheres em nosso país temos de ressaltar a diversidade que havia entre estas. Não podemos colocar todas em um mesmo patamar pois as

diversidades traziam as particularidades de cada uma, desde diferenças físicas, de costumes, modos de vida, até diferenças sociais. Eram mulheres indígenas, mulheres escravizadas trazidas da África, mulheres vindas da Europa, as quais passaram a interagir. Desta pluralidade se constituía a massa de mulheres em nosso país. Portanto, sendo cada uma, ou cada grupo à qual pertenciam, colocados a ocupar um lugar na sociedade. Para Ronaldo Vainfas ao falar deste assunto menciona Gilberto Freire (apesar das críticas que se tem hoje sobre este) como um dos escritores que teve esta percepção ao escrever sobre as mulheres no Brasil “(...) ele viu como ninguém diferença entre as mulheres, atento a diversidade de culturas ou, como querem alguns, de cor e de raça”. (Vainfas, in: Priori org. 2004. p.115)

Em relação à educação que as mulheres recebiam também temos de fazer ressalvas. Pois até um certo período, parte das mulheres tinham uma educação parecida com a aplicada na Europa e já citada anteriormente, de serem educadas para o lar sendo subjugada aos homens seja este o pai, irmão ou o marido. A diferença se aplica que, enquanto algumas mulheres eram educadas para contrair matrimônio (casamentos com muitas regalias) e sendo estes casamentos arranjados entre famílias importantes, haviam outras que tinham de se habituarem a sobreviver e prover sustento para os seus, pois sua condição social era inferior. As relações familiares de mulheres de classe baixa ou ex-escravizadas existiam (apesar de estas pouco casarem), porém, sem a pompa de um casamento luxuoso, apenas constituíam famílias estabelecendo laços. Enquanto a mulher de classe mais abastada era educada para ser dócil, casar, ter filhos e se enquadrar e defender a “família tradicional” as demais eram obrigadas a se adequar a realidade social dura a qual viviam.

A autora Miridan Kanox Falci em seu texto “Mulheres do Sertão nordestino” relata as dificuldades e diferenças das mulheres nordestinas, mas certos aspectos se aplicam a mulheres de outras regiões do país como a questão de terem de procurar meios de manter seu próprio sustento quando não eram casadas, e outras mesmo o sendo, juntamente com seus pares exerciam trabalhos pesados

As mulheres pobres não tinham outra escolha a não ser procurar garantir seu sustento. Eram costureiras e rendeiras, lavadeiras, fiadeiras ou roceiras- estas ultimas, na enxada, ao lado de irmãos, pais ou companheiros, faziam todo o

trabalho considerado masculino: torar paus, carregar feixes de lenha, cavoucar, semear, limpar a roça do mato e colher. (FALCI, IN: PRIORI, org. 2004, p.208)

Sobre o papel ocupado pelas mulheres, e precisamente a mulher instruída (que eram poucas no período mais antigo) a autora fala que “ a primeira mulher brasileira a concorrer a uma cadeira da Academia Brasileira de Letras era do sertão nordestino Amélia de Freitas<sup>17</sup>. Porém esta era parte da classe mais abastada da sociedade filha de um desembargador, pois poucas eram as mulheres instruídas no período.

Em um texto de Joana Maria Pedro, é abordado aspectos sobre as mulheres do sul do país dos três estados (PR, SC, RS), em suma destaque as do RS, pois o presente trabalho tem como objetivo tratar e conhecer história de mulheres da região norte do estado do Rio Grande do Sul. Os escritos da autora mencionam documentos antigos como fontes e escritos de Augusto de Saint- Hílaire um botânico francês que esteve em passagem por nosso país nos anos de 1816-1822, e especificamente no Rio grande do Sul em 1820. Sobre as mulheres e sua aparência física descreve como “bonitas, e com vantagem sobre as francesas por serem mais coradas. Um aspecto interessante foi descrever a existência de inúmeras mulheres exercendo trabalhos como

(...) comandando estancias, trabalhando, provendo sozinhas a sobrevivência, em vista da constante ausência dos maridos. O viajante conta que, enquanto nas regiões do interior não encontrou mulheres nas ruas, na cidade de Porto Alegre elas eram bastante frequentes. (PEDRO. IN: PRIORI, (org.), 2004 p.232)

Tal constatação deste relato a respeito das mulheres sul, especificamente do RS, segundo a autora, em relatos de viajante era comum encontrar essa descrição das mulheres do Sul sendo mais sociáveis que de outros lugares do Brasil. Talvez por conta da composição racial do sul do país e os preconceitos existentes por parte dos viajantes em relação à cultura específica da população que aqui se instalou, bem como a uma formação social que proporcionava um modo de vida diferente dos existentes na economia escravista de exportação (Pedro. IN: Priori (org.) ,2004, p.233). Pois, ao

---

<sup>17</sup> Nascida em Jerumenha, no Piauí, em 1861, Amélia de Freitas era filha do ilustre desembargador José Manoel de Freitas, governador das províncias do Maranhão e do Ceará. Vinha de uma família abastada de grande importância política e cultural. Amélia foi redatora de uma revista literária exclusivamente feminina, em Recife, nos anos de 1902-1904. (FALCI. In: Priori (org.),2004, p. 209)

falarem das mulheres brasileiras, muitos viajantes referiam-se exclusivamente as brancas de família abastada independente da região do país, eram ignoradas a “existência de filhas de imigrantes pobres, de negras livres, ” quando não por outros não eram nem consideradas mulheres “ pois nem sempre eram capazes de levar em conta as contradições da vida paralela das diferentes camadas sociais (Pedro. In: Priori (org.), 2004, p.233).

Com o passar dos anos já mais no século XIX há muitas transformações em nosso país mediadas por mudanças no mundo como um todo. Para Maria Ângela D’Incao, durante o século XIX, a sociedade brasileira sofre uma série de transformações

(...) a consolidação do capitalismo; o incremento de uma vida urbana que oferecia novas alternativas de convivência social, a ascensão da burguesia e o surgimento de uma nova mentalidade *burguesa* - reorganizadora das vivências familiares e domésticas, do tempo e das atividades femininas; e, por que não a sensibilidade e a forma de pensar o amor. (D’INCAO. In: Priori (org.),2004, p.187).

Ainda de D’Incao, nesse período, há o nascimento de uma nova mulher, referindo-se a mulher burguesa, segundo ela, esta, “marcada pela valorização da intimidade e da maternidade, um sólido ambiente familiar, o lar acolhedor com filhos educados e a esposa dedicada ao marido e as crianças” sem ser obrigada a qualquer trabalho produtivo fora de casa, estas eram a representação ideal de retidão e honestidade, nas palavras da autora “um tesouro social imprescindível” (D’Incao. In: Priori (org.), 2004, p188). À mulher era reforçada cada vez mais a ideia de que ser mulher era ser quase integralmente mãe dedicada e atenciosa, este ideal só seria atingido dentro da esfera da família burguesa. O papel desempenhado por essas mulheres nestas famílias, eram considerados importantes, porém simbólicos, pois a autoridade familiar estava nas mãos masculinas, era mantida pelos homens, nessa sociedade fundamentalmente patriarcal<sup>18</sup>. Como citado anteriormente de Kollontai, as

---

<sup>18</sup> [...] sobre o conceito de patriarcado no Pensamento Social Brasileiro. Observamos como o sistema de dominação é concebido de forma ampla e que incorpora as dimensões da sexualidade, da reprodução e da relação entre homens e mulheres no contexto de um sistema escravista. Nas sociedades onde o público se destaca do privado, sustentamos que as relações de gênero continuam patriarcais; no âmbito das sociedades patrimoniais, a intimidade entre público e privado também não resultou em uma maior participação política ou econômica das mulheres nessa esfera pela própria origem patriarcal do estamento burocrático no contexto de um patrimonialismo patriarcal. (AGUIAR.

mulheres burguesas mantem as características de serem dóceis e submissas, também aqui no Brasil.

### **2.2.2.2 Mulheres no período ditatorial**

A atuação de mulheres no período da ditadura nos movimentos e organizações fazendo oposição e resistindo ao período ditatorial, período este configurado por repressão a todos aqueles que fossem contrários ao regime; foi muito difícil tanto para mulheres como para os homens, pois, os Atos institucionais instaurados proibiam a liberdade de expressão ou oposição às regras implantadas pelo regime militar. Apesar disso precisamos reconhecer as mulheres também como sujeitos neste processo.

A história da ditadura também é- relativamente- uma história de homens, com isto, ao estudarmos as mulheres no período da ditadura civil militar em nosso país com intuito de olhar acontecimentos históricos por meio de outros sujeitos -no caso as mulheres- buscamos com o presente trabalho mostrar sua presença e contribuição neste período da história do nosso país e em específico da região norte do estado do RS, nos deparamos com um grande desafio em analisar tal fato.

A distinção entre o público e o privado estabelece a separação do poder. O silêncio sobre a história das mulheres advém de sua não participação na arena pública, espaço da política por excelência. Neste sentido a história da repressão durante o período da ditadura militar é uma história de homens. A mulher militante política não é encarada como sujeito histórico, sendo excluída do jogo do poder. (COLLING, 2004, p.2)

Ao tratarmos sobre as mulheres neste trabalho buscamos conhecer suas histórias e mais que isso, reconhecer o processo histórico de exclusão de sujeitos, pois apesar de historicamente o feminino ser entendido como subalterno, sem ter sua presença registrada, mais que relatar fatos aos quais elas estiveram presentes é fazer esse reconhecimento e reparação.

Mesmo sabendo que o debate em torno do conceito de gênero vem de épocas mais recente alguns escritos de Beauvoir referente a mulher estão em torno deste

conceito. Diz que nos tornamos mulher (neste ‘tornar-se’ mulher, e não que esta condição está atribuída ao fator biológico), sendo uma filósofa existencialista<sup>19</sup> e feminista, ela vinha na linha de pensamento do existencialismo de Sartre<sup>20</sup> de que a existência precede a essência. Em relação a mulher estas é que escolheriam o que se tornariam. Neste tornar-se mulher “nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam o feminino” (Beauvoir, 1967, p. 9, vol.2), com isto, compreende-se o sexo como sendo *fator biológico* do ser humano enquanto que *gênero* é uma *construção social*. Fazendo isto a autora separa esses conceitos e nos permite compreender porque prevalece o domínio do homem historicamente. Esse domínio determinou como homens e mulheres devem se comportar. Nessa mesma linha em trabalho mais recente, Colling (2004) diz que “a história de gênero tenta introduzir na história global a dimensão da relação entre os sexos com a certeza que esta relação não é um fato natural, mas uma relação socialmente construída e incessantemente remodelada” (Colling, 2004, p.4). O termo gênero é utilizado para se debater e colocar em questão os papéis sociais destinados às mulheres e também aos homens. Para Tondolo

As relações de gênero, da forma que são entendidas atualmente, são ideias que foram construídas pela sociedade ao longo dos anos, as quais indicam orientações de comportamento adequado para homens e mulheres. O gênero então, se constitui como forma de referir as origens da identidade subjetiva do homem e da mulher. Como forma de justificar as identidades subjetivas, criadas culturalmente pela sociedade, discursos tentavam relacionar as discrepâncias sociais de homens e mulheres, com base nas diferenças biológicas existentes entre os sexos. Tais discursos ainda sobrevivem em nossa sociedade, os quais insistem em colocar as mulheres em uma esfera social distinta dos homens. (TONDOLO, 2018, p.1)

---

<sup>19</sup> “O existencialismo ateu, que eu represento, é mais coerente. Afirma que, se Deus não existe, há pelo menos um ser no qual a existência precede a essência, um ser que existe antes de poder ser definido por qualquer conceito: este ser é o homem, ou, como diz Heidegger, a realidade humana. O que significa, aqui, dizer que a existência precede a essência? Significa que, em primeira instância, o homem existe, encontra a si mesmo, surge no mundo e só posteriormente se define”. (SARTRE. Jean-Paul. Existencialismo é um humanismo. Tradutora: Rita Correia Guedes Fonte: L'Existentialisme est un Humanisme, Les Éditions Nagel, Paris, 1970. Disponível em: [http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/sugestao\\_leitura/filosofia/texto\\_pdf/existencialismo.pdf](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/sugestao_leitura/filosofia/texto_pdf/existencialismo.pdf) Acesso em: 10 mar. 2023)

<sup>20</sup> “Sartre (1905-1980) é provavelmente o filósofo mais conhecido do século XX. Sua busca incansável pela reflexão filosófica, sua criatividade literária e, na segunda metade de sua vida, o seu compromisso político ativo deram-lhe renome mundial, quando não admiração. Ele é geralmente considerado o pai da filosofia existencialista, cujos escritos definiram o tom da vida intelectual na década imediatamente após a 2ª Guerra Mundial”. (FLYNN. Thomas, "Jean-Paul Sartre", The Stanford Encyclopedia of Philosophy, 2012, Edward N. Zalta(ed.) Disponível em: <https://plato.stanford.edu/Archives/spr2023/entries/sartre/>. Acesso em: 10 mar. 2023)

Se a condição e comportamento da mulher foi construído pela sociedade ao abordarmos a questão das mulheres que foram resistência/oposição contra o regime, vejo suas ações como uma forma de desconstrução do que estava imposto.

Sabendo-se que tanto a história em geral, como a história da repressão durante a ditadura militar e, também, a história de luta da oposição são histórias majoritariamente masculinas, pois as relações de gênero são excluídas, mesmo que, tantas mulheres, estiveram juntas com os homens na luta pela redemocratização do país, e tantas se mobilizaram na luta por direitos. Em diversas organizações e com atuações muitas vezes clandestinas é que essas mulheres participaram, estando lado a lado com os homens, portanto, devemos reconhecê-las como sujeitos importantes do processo histórico.

Ousar adentrar o espaço público, político, masculino, por excelência foi o que fizeram estas mulheres ao se engajarem nas diversas organizações clandestinas existentes no país durante a ditadura militar. Na história do regime militar brasileiro, como em todos os projetos políticos autoritários, a construção de sujeitos ocorre de forma unitária e não diversificada. A sociedade é dividida em dois blocos antagônicos: situação e oposição, igualando-se os sujeitos. A esquerda tradicional repete a mesma fórmula: ou se é sujeito burguês ou proletário. As diversidades são entendidas como diversionistas da luta principal. Estes dois discursos anulam as diferenças e constroem sujeitos políticos únicos, desconsiderando a presença feminina e enquadrando-a em categorias que a desqualificam. Nesta medida, institui-se a invisibilidade da mulher como sujeito político. (COLLING, 2004, p.6)

O papel imposto a mulher desde os séculos passados, mesmo com algumas mudanças na sociedade, sempre estava em questão, então ao tentar romper com essa regra muitas mulheres tiveram de enfrentar não só o sistema a qual estava fundamentada a nossa sociedade como muitas vezes dentro de suas casas enfrentar suas famílias para que esta realidade fosse transformada; a elas cabia ser uma mulher do lar e submissa, o espaço público era para os homens. Em se tratando do campo da política, o espaço social, muitas dificuldades tiveram de ser vencidas, principalmente no período ditatorial

A mulher militante política nos partidos de oposição à ditadura militar cometia dois pecados aos olhos da repressão: de se insurgir contra a política golpista, fazendo-lhe oposição e de desconsiderar o lugar destinado à mulher, rompendo os padrões estabelecidos para os dois sexos. A repressão caracteriza a mulher militante como Puta Comunista. Ambas categorias desviantes dos padrões estabelecidos pela sociedade, que enclausura a mulher no mundo privado e doméstico. (Colling, 2004, p. 7)

A luta contra o regime militar no Brasil perpassa as décadas de 1960 (64 quando iniciou), década de 1970 e 1980, as lutas específicas das mulheres e o

feminismo ganha força na década de 1970, porém, as lutas pela redemocratização e contra o regime militar instaurado não contemplavam o debate e especificidades das mulheres, eram lutas centradas nos problemas políticos e sociais do país em geral. De certo modo há uma tendência em relacionar a luta pela redemocratização política do país e pela liberdade do país, com a luta igualitária entre os sexos, porém a questão de gênero perpassa a questão social e a questão política (Colling, 2004, p.8). Apesar de estarem engajadas juntamente com os homens nesta luta pelo país, nem sempre eram reconhecidas ou ocupavam posições de comando, como lideranças, raras são as mulheres que desempenharam tal papel nos movimentos/ organizações que estavam inseridas.

Não é por ser de esquerda, preocupado com os destinos gerais do país que o militante terá uma percepção de igualdade entre os sexos. Ele também entende que o comando político deve ser dos homens. Talvez por este motivo raramente encontramos dirigentes femininas nos grupos clandestinos. Homens e mulheres esqueciam que a luta pela igualdade passa pelo reconhecimento das diferenças. (COLLING,2004, p.8)

Em suma, quanto a luta feminista em evidencia a partir das décadas de 1960/1970 para Sarti, fatores que contribuiriam para eclosão do feminismo brasileiro nos anos 70 foram “o impacto do feminismo internacional e mudanças efetivas na situação da mulher” em nosso país a partir dos anos 60, que colocava em questão a tradicional hierarquia de gênero “ para ela o feminismo surge neste período sendo consequência da resistência das mulheres a ditadura civil militar logo após a derrota da luta armada e no sentido da elaboração política e pessoal desta derrota (Sarti, 1998, p.3). O movimento feminista coincide e é marcado fortemente pela luta política contra o regime militar. Já para Colling estava presente no discurso das militantes a luta pela igualdade, porém “tentam suprimir as diferenças entre os sexos”, segundo a autora masculinizando-se para atuar nas organizações. Mesmo as organizações de esquerda naquele momento não se atentavam em fazer este debate, por conta das demandas das lutas colocadas como mais urgentes a serem resolvidas

A esquerda não propiciava o debate sobre as relações feminino/masculino, sobre as questões femininas porque havia uma contradição maior a ser resolvida: a oposição entre a burguesia e o proletariado. Isto reforçava o poder dos homens nas organizações de esquerda. (COLLING, 2004. P.8)

Essa relação masculino /feminino é uma relação socialmente construída cultural e historicamente, como tratado tanto por Beauvoir como por Colling. Para estudarmos e compreendermos a história das mulheres não podemos deixar de tratar

e levar em conta esta relação entre mulheres e homens, perpassadas por relações de poder. No período da ditadura civil militar a participação da mulher (da classe trabalhadora) foi imprescindível em todo o processo tanto aquelas que lutaram em organizações clandestinas na luta armada como aquelas que aderem em movimentos e partidos mais na época da “abertura política” pois elas não só fizeram uma boa leitura do contexto e da conjuntura em que se encontravam, como souberam reconhecer e colocaram em prática a luta e convicções que traziam a respeito das mudanças que seriam necessárias , e de suas necessidades específicas, como pelo bem comum de todo o país e a defesa da democracia.

Fica evidente que para a ditadura militar brasileira, a mulher militante não era apenas uma opositora ao regime militar; era também uma presença que subvertia os valores estabelecidos, que não atribuíam à mulher espaço para a participação política. Como esta questão está presente na sociedade e nas próprias organizações de esquerda, pode-se concluir que as relações de gênero têm uma dimensão que perpassa todas as instâncias e instituições sociais. Para uma história das mulheres é imprescindível que a história seja entendida como resultado de interpretações que têm como fundo relações de poder. O caráter de construção da história nos permite desconstruir e reinventar a história, inclusive o papel dos homens e das mulheres na sociedade. Assim a história passa a ser vista como um campo de possibilidades para vários sujeitos historicamente constituídos; lugar de lutas e de resistências. (COLLING, 2004, p. 09)

Importante destacar que no período da década de 1970 há a criação de muitos movimentos e a participação destas nos movimentos e organizações ao longo dos anos vai aumentando. Segundo Sarti, em 1975 quando é oficialmente declarado pela ONU o ano internacional da mulher favorece o cenário para que se dê o início do movimento feminista no Brasil, também, a questão da mulher é reconhecida como problema social, para tanto, movimentos que ainda estavam na clandestinidade conseguem espaço, com isto grupos políticos específicos de mulheres passam a existir abertamente<sup>21</sup>.

Ainda Sarti diz que as organizações femininas de bairro ganham força no período, se referindo a estas como sendo parte do trabalho pastoral feito pela igreja católica inspirado na teologia da libertação

Isto colocou os grupos feministas politizados em permanente enfrentamento com a Igreja na busca de hegemonia dentro dos grupos populares. O tom predominante, entretanto, foi o de uma política de alianças entre o feminismo, que buscava explicitar as questões de gênero, os grupos de esquerda e a Igreja

---

<sup>21</sup> “Como o Brasil Mulher, Nós Mulheres, o Movimento Feminino pela Anistia, citando apenas os de São Paulo. (SARTI, 1998, p.5)”

Católica, todos navegando contra a corrente do regime autoritário. (Sarti,1998 p.5).

Apesar então de certa divergência e disputa entre o movimento feminista e a igreja na época o que prevaleceu foi a união, mesmo com algumas contradições entre os mesmos, em lutar juntos contra o regime militar. Em relação com o objeto de estudo deste trabalho os movimentos/organizações contra o regime e em luta por direitos surgem neste contexto e na região norte do RS também, há grande influência da igreja católica no surgimento desses grupos e participação de mulheres das camadas mais populares tendem a aumentar. Sobre isto trabalharemos esta questão na sequência deste trabalho.

O período ditatorial foi de muita violência, perdas, retrocessos, enfrentamentos etc., mas também de muita luta e resistências, ambos homens e mulheres estiveram nas trincheiras e nas ruas pela redemocratização do país. Destaco a importância do trabalho realizado pela Comissão Nacional da Verdade (CNV), assim como das comissões estaduais, no intuito de resgatar esses sujeitos que empunharam a bandeira da luta contra o Regime militar e suas atrocidades trazendo para a sociedade a real história vivida por milhares de pessoas que foram torturadas, assassinadas e outras desaparecidas no período da ditadura civil militar no Brasil. Sobre a participação de mulheres em movimentos de luta contra a ditadura por meio dos relatórios da CNV, destaco o Grupo de trabalho Gênero (GT Gênero); que no relatório da CNV de 2014 traz no capítulo 10 diversos relatos de mulheres sobre a violência de gênero e violência contra crianças e adolescentes no período ditatorial. O relatório tem como propósito nomear mulheres que foram submetidas a tortura, prisão e até assassinato contribuindo assim para que elas sejam também “parte da memória coletiva sobre a resistência, afirmando que participavam ativamente de movimentos, e que ao desafiarem a ordem também foram reprimidas pelo regime militar como mulheres.”

A partir do relatório da Comissão Nacional da verdade é possível conhecer alguns relatos de mulheres que sofreram com a repressão no período ditatorial, muitas delas sendo presas, estas participantes de organizações em luta direta contra a

ditadura, como caso de Flora Strozenberg<sup>22</sup>, que atuou na POLOP<sup>23</sup> sendo presa em 1974 no Rio de Janeiro e levada na época para São Paulo. Ela relata ter sido submetida à violência sexual. Damaris Lucena<sup>24</sup> quando presa seus três filhos são levados ao juizado de menor e ficam sob a guarda do estado ao que ela relata terem sido maltratados, que as funcionárias do local os chamavam de “filhos de terrorista”. Elzira Vilela<sup>25</sup>, presa em 1973, esta foi levada para o DOI-CODI/SP juntamente com a filha de apenas 13 meses. Mulheres que para além da violência física e psicológica sofrida tinham também a violência contra seus filhos e isto sendo usado para torturá-las emocionalmente e psicologicamente. E ainda há relatos sobre violência cometida contra uma irmã, Irmã Maurina, diretora do orfanato Lar Santana em Ribeirão Preto-SP. Em Torres (2017) temos a história de irmã Maurina<sup>26</sup> com detalhes e relatos que demonstram a experiência trágica vivida por ela no período, no entanto, a autora afirma

(...) A história de Maurina Borges da Silveira é mais uma memória das diversas que temos de mulheres que foram silenciadas e diminuídas pela ditadura civil-militar. Mulheres que diante da prisão, das torturas, do exílio e de toda violência e humilhação a qual foram submetidas, desmistificam o estigma do “sexo frágil” que historicamente pesaram- e ainda pesa-sobre elas. A inocência e força de madre Maurina transformou-se em luta, em uma luta constante em provar sua inocência. Mesmo sendo envolvida injustamente nesse processo degradante,

<sup>22</sup> Atualmente membro efetivo do IAB-instituto dos advogados brasileiros e pesquisadora aposentada PROPAD-UNIRIO- UFRJ.(in: <https://br.linkedin.com/in/flora-strozenberg-27263299>, acesso em: 20 Abr. 2023.)

<sup>23</sup> POLOP-Organização Revolucionária Marxista-Política Operária: criada em 1961 atuou em 1964 seus integrantes passaram a defender a luta armada como única via para realizar as mudanças na estrutura social e econômicas almejadas pelo grupo. (ABREU, Alzira Alves de. Organização Revolucionária Marxista –Política Operária (POLOP). CPDOC. FGV, Rio de Janeiro,2016, disponível em <http://www.fgv.br/cpdoc/dicionarios/verbete-tematico/organiza%C3%A7%C3%A3o> Acesso em: 20 Abr, 2023)

<sup>24</sup> Damaris, negra e nordestina nascida em 22 agosto de 1927, era operária e foi militante da VPR (Vanguarda Popular Revolucionária) junto com o marido que foi morto dentro de casa na frente da família por agentes da repressão durante a ditadura. Damaris Lucena faleceu em dezembro de 2020.(in: <https://www.memoriasdaditadura.org.br> e <https://vladmirherzog.org>. Acesso em: 16 maio de 2023)

<sup>25</sup> Era militante da Ação Popular, atuou juntamente com o marido foram presos em 1973 junto levam a filha deles, no livro Infância Roubada a filha Carmem relata que segundo parentes ficou longe dos pais por três meses estes permaneceram presos por noventa dias no Doi-Codi de SP. (in:CNV.2014 Disponível em: <http://comissaodaverdade.al.sp.gov.br/livros/infancia-roubada/> acesso em: 16 Mai, 2023)

<sup>26</sup> Irmã Maurina foi detida em 1969 sem qualquer prova segundo relato de uma colega de cela a CNV 2014. Depois passou 15 anos no exílio no México, de volta ao Brasil veio a falecer com 84 anos em São Paulo, em 2011(in: <https://memoriasdaditadura.org.br>. Acesso em: 16 Mai,2023).

Maurina não cultivou ódio nem rancor de seus torturadores. (TORRES, 2017, p. 84)

No catálogo “Resistência em arquivo” da Secretaria da Administração e dos Recursos Humanos, Departamento de Arquivo Público do Rio Grande do Sul temos alguns nomes de mulheres e homens que foram também vítimas da repressão no período, devido nosso trabalho fazer esse recorte referente ao RS faço por bem citar algumas dessas mulheres aqui como Elvira Regina Burkoski<sup>27</sup> natural de Erechim; profissão agricultora; participou do Partido Trabalhista Brasileiro – PTB; foi presa em maio de 1964 ficando uns dias no Presídio de Erechim e posteriormente de maio de 1964 a outubro 1964 em prisão domiciliar. Helena Burkoski<sup>28</sup> natural de Gaurama também agricultora; participou do Partido Trabalhista Brasileiro – PTB; presa em maio 1964 no Presídio de Erechim e posteriormente ficando em prisão domiciliar. Nilce Azevedo Cardoso<sup>29</sup> nascida em São Paulo - SP; era operária e professora; participou da Ação Popular – AP foi presa em 1972 no DOPS porto Alegre, ainda em 1972 foi levada ao DOI-CODI OBAN – SP ela retorna a Porto Alegre em 1973 mas tinha de se apresentar semanalmente a polícia.

Os relatórios da CNV buscaram registrar essas experiências e participação de mulheres em movimentos e organizações em luta contra a ditadura civil militar, assim como reconhecer as violações praticadas contra as mesmas. O catálogo Resistencia em Arquivo também nos permite reconhecer esses sujeitos e sua participação no processo durante o período ditatorial. Mulheres que lutaram e resistiram a um período

---

<sup>27</sup> Elvira Regina Burkoski: Nascida em 21/07/1939 em Erechim; agricultora; participou do Partido Trabalhista Brasileiro – PTB; presa de 14/05/1964 a 16/05/1964 no Presídio de Erechim e posteriormente de maio de 1964 a 28/10/1964 em prisão domiciliar; segundo requerente foi presa sob acusação de pertencer ao Grupo dos Onze, de ser subversiva, comunista, de atentar contra a ordem e a segurança nacional e de possuir armas; não citou companheiros de prisão; (IN: Catalogo Resistencia em Arquivo, p.199)

<sup>28</sup> Helena Burkoski: Nascida em 12/10/1918 em Gaurama; agricultora; participou do Partido Trabalhista Brasileiro – PTB; presa de 14/05/1964 a 16/05/1964 no Presídio de Erechim e posteriormente de maio de 1964 a 28/10/1964 em prisão domiciliar; segundo requerente presa sob acusação de pertencer ao Grupo dos Onze, de ser subversiva, comunista, de atentar contra a ordem e a segurança nacional e de possuir armas; (IN: Catalogo Resistencia em Arquivo p. 258)

<sup>29</sup> NILCE AZEVEDO CARDOSO Nascida em 22/01/1945 em São Paulo - SP; operária e professora; participou da Ação Popular – AP; presa de 11/04/1972 a 20/07/1972 no DOPS, passando pelo DOI-CODI / OBAN – SP e retornando ao DOPS; segundo documento da CJM, presa por infração a Lei de Segurança Nacional. Nilce faleceu em fevereiro de 2022. (IN: Catalogo Resistencia em Arquivo p. 444; e <http://www.al.rs.gov.br/agenciadenoticias/destaque/tabid/855/Default.aspx?IdMateria=298961> acesso em junho de 2023)

muito difícil para nosso país, os sofrimentos por quais passaram e que foi relatado pela Comissão Nacional da Verdade são múltiplos assim como as várias formas de resistência frente ao autoritarismo. Estas personagens que também foram inspiração para os seus e para a continuidade da luta frente a repressão, pela redemocratização e por direitos para sociedade e para as mulheres.

### **3 - TRAJETORIAS DE LUTA**

#### **3.3 Atuação e trajetória nas organizações/movimentos - Irmãs Lydia Fernandes e Irmã Abigail Viola; Paulina Balen (in memoriam); Deonilda Marcon**

Assim como o restante do país os interiores, regiões um tanto afastadas dos grandes centros, também foram afetadas pelo regime militar na década de 1960; mas esses foram também espaços onde surgiram movimentos /organizações de luta contra o regime militar e na luta por direitos. Para tanto neste trabalho delimitado no tempo e espaço que correspondem ao período da ditadura civil militar e especificamente a região norte do RS com intuito em conhecer a história de mulheres da região Alto Uruguai Gaúcha, trataremos neste capítulo da atuação destes e a participação das mulheres, conhecendo suas trajetórias de luta nos movimentos aos quais estavam inseridas.

Utilizando então da história oral (HO temática) por meio de entrevistas, pudemos conhecer um pouco sobre a participação de mulheres em movimentos de resistência e luta por direitos. Em suma a participação destas foi imprescindível no processo de redemocratização do país como na criação das organizações e movimentos que são consolidados nessa época. Entre as organizações e movimentos ao qual estas mulheres participaram estão o MMTR, pastorais, sindicatos, movimento social de luta pela terra etc. Algumas em papel de protagonismo e outras como apoiadoras e contribuintes na luta das mulheres e da sociedade. Vale destacar que essas mulheres eram em sua maioria descendentes de imigrantes que povoaram a região sul, especificamente trabalhamos a reconstrução de trajetórias de mulheres da região norte do estado do Rio Grande do Sul, mulheres do meio rural.

Em suma, registraremos aqui parte da trajetória de vida de cada uma das mulheres em especial a trajetória de luta e atuação nos movimentos/organizações que surgem e se consolidam na região a partir da década de 1970. Sujeitos que com coragem e força lutaram e romperam com o que estava imposto às mulheres no período, em todos os espaços aos quais elas estavam inseridas, resistiram e não se calaram, pelo contrário enfrentaram as adversidades e dificuldades e contribuíram com a coletividade da nossa sociedade na conquista de direitos e quebras de padrões machistas e classistas. Para tal trabalho a escolha destas personagens se deu a partir

de diálogos com alguns colegas e professores em torno da história desses movimentos populares que surgem no contexto da ditadura aqui na região, permeadas pela experiência pessoal que tive em movimento social nos anos 2000, em torno disso buscar no início desses movimentos conhecer o papel desempenhado pelas mulheres especificamente. Através de notícia de jornal<sup>30</sup> (jornal O Estado de SP) que citava atuação de uma mulher da região, militante do PT, precisamente do município de Erechim-RS, professora Nelly Zaffari<sup>31</sup> na contribuição feita por ela na formação de sujeitos, lideranças sociais no período ditatorial. Com isto comecei a busca por outras mulheres que atuaram e em quais organizações, assim como a bandeira de luta destas, principalmente as mulheres do campo por estar mais próxima de minha realidade e acreditar que são importantes sujeitos aos quais não temos tantos registros, com intuito em contribuir com a história local da região. Com a contribuição de minha orientadora localizamos então a filha- Marcia Balen- de uma das fundadoras do movimento de mulheres (Paulina Balen), assim como as irmãs -Lydia Fernandes e Abigail Viola- membros da Congregação das Irmãs de Santo Agostinho e contribuintes na formação de sujeitos, coletivos de mulheres no período referendado no trabalho; e em diálogo com pessoas do município em que resido, junto as experiências de estágio conheci a professora Deonilda Marcon- que também tem atuação em movimentos populares da região. A partir dos contatos estabelecidos nos organizamos para realizar as entrevistas de acordo com a disponibilidade de tempo de cada uma, necessitei fazer alguns deslocamentos até o município de algumas entrevistadas, assim como por residir no interior do município me desloquei até a cidade para realizar uma entrevista.

---

<sup>30</sup> Jornal O Estado de SP-33 de 22 de novembro de 1987, trazia uma notícia intitulada “Sem-terra tem aula de guerrilha”, uma acusação contra alguns movimentos como Crab (depois se torna o MAB), CUT e ao PT de formação de guerrilha na região, ainda na mesma matéria citava o nome da prof. Nelly Zaffari, militante do PT por conta de cursos que eram feitos em sua casa.

<sup>31</sup> A professora Nelly Zaffari uma importante personagem com significativa contribuição na luta e reorganização dos trabalhadores na região e com a formação, educação popular. Por consequência de uma doença (Alzheimer) não foi possível entrevista-la para juntamente com estas personagens citadas compor o resgate histórico da trajetória de luta dessas mulheres. Foi professora da Fundação Alto Uruguai para pesquisa e o ensino superior-FAPES, participou ativamente do Grupo Paulo VI e de todo processo de construção de luta na região; em 1984 venceu a eleição para presidente do 15º núcleo do CEPERS –centro dos professores estaduais do RS- que tem atuação em toda região Alto Uruguai. (SEMINOTTI, 2007, p.80)

## Irmãs Lydia Fernandes e Irmã Abigail Viola

Iniciemos pela trajetória das Irmãs Lydia Fernandes e Irmã Abigail Viola ambas descendentes de imigrantes<sup>32</sup>, atualmente vivem em Erechim, são membros da Congregação Irmãs de Santo Agostinho<sup>33</sup>, ainda desenvolvem projetos junto as comunidades de Erechim-RS, também ambas são professoras. No entanto suas trajetórias políticas e sociais iniciam há tempos atrás, já na década de 1960, precisamente no ano de 1962 Irmã Lydia nos conta que passou um período em São Paulo (na capital) atuava em um colégio de freiras da congregação, tendo sempre o compromisso com a educação, ministrava aulas nesse colégio pois para além da formação religiosa as freiras também recebiam uma formação superior. Em suas palavras afirma “o nosso carisma, nosso compromisso é com a educação, e a gente tem várias frentes de trabalho no Brasil, não é só colégio formal”; levavam em seu trabalho a partir da igreja o compromisso com educação; e não só a educação formal, mas também educação informal, isto, principalmente no trabalho feito com as mulheres, os quais ainda hoje realizam.

Em sua atuação na década de 1960 a irmã Lydia nos conta um episódio vivenciado por ela e outras irmãs em São Paulo no colégio ao qual ela trabalhava envolvendo a atuação de militares

(...)época da ditadura, né, eu tava em São Paulo naquela época, amanhecemos... uma manhã e dentro, ao redor da nossa casa, ela tava cheia de gente vestida de militares, digo, meu Deus, que que é isso, eram os militares, né, e eles quiseram entrar no nosso colégio ali em São Paulo, porque nós tínhamos uma irmã que trabalhava com a JEC, juventude estudantil, né, já trabalhava, e daí eles queriam entrar pra pegar essa mulher chefe, não sei o que iam fazer com ela, aí eu tava lá também, tinha outra irmã, era uma irmã inglesa, forte, né, e ela disse assim, tipo, e o meu nome era Maria das Neves, naquela época, mas de registro eu sou irmã Lydia, bom, aí ela me chamou, gritou, irmã Maria das Neves, me ajuda, meu Deus, vem aqui que eles querem entrar no colégio, me ajuda a fechar essa porta, aquela porta de entrada, assim, barroca, sabe, pesada, essa mulher empurrava, empurrava eles pra fora e, ó, fechamos a porta, porque se eles tivessem entrado, eles tinham feito um ‘festerê’ lá dentro daquele colégio, sabe. (FERNANDES, 2023, p.3<sup>34</sup>)

<sup>32</sup> Irmã Lydia nos conta em entrevista que seus pais vieram para o Brasil nas levas de imigrantes; sua mãe era de origem italiana e seu pai, que era português e trabalhou nas fazendas de café em São Paulo até que resolverem mudar-se para o Rio Grande do Sul ocupando terras na região norte do estado, onde ela permaneceu e hoje vive em Erechim.

<sup>33</sup> As Irmãs nos contam também durante a entrevista a história da Congregação a qual fazem parte, esta inicia no ano de 1597 na França com o nome de “Congregação Nossa Senhora Cónegas de Santo Agostinho”, a congregação vem em missão ao Brasil e é composta somente pelas Irmãs mesmo tendo no início apoio de um padre que ajudou a criar a congregação com a missão e compromisso com educação e com os mais pobres. Em Erechim chegam na década de 50; “Irmãs de Santo Agostinho” é como são conhecidas aqui na região Alto Uruguai.

<sup>34</sup> Ver entrevista em apêndices.

Este foi um episódio relatado por ela, o qual não teve nenhum problema mais sério, porém, sabemos e como colocado no capítulo anterior deste trabalho, que a atuação dos militares para com pessoas da igreja e com mulheres, em muitos casos não foi nada amigável, e nem tiveram um desfecho como este presenciado por irmã Lydia.

Na região norte do RS, a Congregação Irmãs de Santo Agostinho, a qual as irmãs fazem parte inicia na década de 1950, precisamente em 1957 chegava em Erechim “o primeiro grupo de irmãs pertencentes a Congregação de nossa Senhora Cônegas de Santo Agostinho surgida no ducado de Lorena, na França, no século XVI” (URI,2017,p.1) com missão educativa atuavam inicialmente numa casa que acolhia viajantes carroceiros que passavam pelo município, estas faziam trabalho com jovens que se preparavam para vida religiosa, também realizavam trabalhos com crianças, a partir da construção de uma escola<sup>35</sup>.

Por isto, reafirma-se o que nos conta Irmã Lydia e Irmã Abigail, que levaram sempre consigo o compromisso com a educação formal e informal, pois suas atuações nos trabalhos em grupos e coletivos de mulheres foram e ainda são importantes para nossa região. Na década de 1970 período em que surgem os movimentos/organizações de luta por direitos como também pela redemocratização, contribuíram na formação das mulheres que estiveram atuando nos movimentos. O grupo de Irmãs da Congregação se deslocavam de Erechim até os outros municípios da região norte, em diversas comunidades para realizarem o trabalho com as CEBs e os coletivos de mulheres de cada comunidade.

O trabalho feito pelas Irmãs na década de 70 /80, era com as mulheres do meio rural, destacam que estas eram em sua maioria descendentes de imigrantes<sup>36</sup>,

---

<sup>35</sup> Viram que a primeira necessidade era construir uma escola para receber crianças de 1ª a 4ª séries. Por isso, a prefeitura municipal colaborou na construção e contratação de professores. Nascia, então, a Escola Normal Regional de 1º Grau Santo Agostinho que formava e capacitava professores para atuar em toda região Alto Uruguai. Mais tarde, com a fundação da FAPES, que posteriormente se transformaria na URI, professoras da região vinham fazer faculdade de férias. (URI. Notícias. “Congregação Santo Agostinho comemora seis décadas de atividades em Erechim.” 19/08/2017. In: notícias da Uri- disponível em: [https://www.uricer.edu.br/site/mostrar\\_noticia? Id=7280](https://www.uricer.edu.br/site/mostrar_noticia? Id=7280))

<sup>36</sup> Entre as diversas nacionalidades, Pereira destaca que “ fluxos étnicos de colonos imigrantes e migrantes “ eram “majoritariamente descendentes de alemães, italianos e poloneses “que chegaram à região no início do século XX, com a fundação da Colônia Erechim. (PEREIRA. Natália Biscaglia. “Arquitetura em madeira: influência da imigração no Alto Uruguai Gaúcho, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/215538>)

levavam a vida no meio rural sempre muito atarefadas com o trabalho no campo, com a roça, com criações, com os afazeres em casa e o cuidado com os filhos/as, atividades que demandam muito, assim como participavam das atividades religiosas da comunidade. Com o trabalho desenvolvido pelas irmãs esta era uma maneira a qual as mulheres saíam daquela rotina e poderiam estar em coletividade com outras partilhando saberes, dúvidas, problemas que pouco vinham à tona se não tivessem esses espaços para partilharem e sociabilizarem pensando nelas mesmas, pois sempre viviam por/para os outros, para família. As Irmãs relatam que nos grupos os trabalhos que realizavam consistiam em fazer, desde alfabetização, pois algumas não sabiam ler, como também atividades artesanais como confecção de acolchoados, crochê; confecção de pratos diferenciados; diálogos em torno de algumas questões relacionadas com gênero e relação com a violência contra mulher, assunto este que para conseguirem trabalhar com elas, realizavam teatrinho para que elas expressassem a maneira como eram tratadas em casa. Relatam que as atividades artesanais e culturais era um atrativo para a coletividade se organizar.

A gente tinha que ter sempre uma isca para atrair as mulheres, né, então nós falávamos também sobre saúde, sobre alimentação alternativa, e a gente confeccionava pratos com elas, para elas fazerem uma comida diferente, mais saudável em casa, e elas vinham e gostavam muito desse trabalho, e a isca nossa era sempre então o prato, ou o acolchoado, ou então falar sobre saúde, que elas nunca tinham ouvido falar sobre os oito sistemas do nosso corpo, como é que funciona, porque a maioria das mulheres, elas são analfabetas, elas não tiveram oportunidade de escolaridade, e isso dificulta bastante, né, dificulta bastante, porque por tudo elas tinham medo de chegar, elas tinham medo de exigir os seus direitos, elas tinham medo de ir nas repartições públicas para conversar ou para saber por onde que elas tinham que caminhar, elas tinham muito, muito receio, e a gente com as conversas que a gente fazia com elas, elas iam despertando, para ir lá exigir os direitos e também tudo que elas podiam pegar para melhorar a vida delas, elas foram, foram lutando sempre, hoje nós encontramos no banco, elas dizendo, olha, já me aposentei, estou aposentada, agora está tudo diferente, não é mais que nem aquela época que a gente fazia os encontros, porque se libertaram muito, a mulher começou a ter voz e vez(...).(VIOLA. 2023, p,5<sup>37</sup>.)

As Irmãs destacam a importância da luta e conquista dessas mulheres organizadas nas comunidades no momento em que passam a poder filiar-se aos sindicatos, aos quais elas colocam que por um tempo também eram machistas e não tinha essa participação das mulheres, mas através da formação que passam a receber, as mulheres compreendem o meio aos quais estão inseridas e conhecem os direitos aos quais podem ter acesso e lutam para consegui-los e assegurar as

---

<sup>37</sup> Ver entrevista em apêndices.

conquistas. Conciliando seus trabalhos em casa com a família, mas também buscando lutar por seus direitos o que não era tarefa fácil, pois tinham de romper com certos costumes e preconceitos enraizados em nossa sociedade quanto ao papel da mulher. O fato delas poderem se sindicalizarem representa muito em suas conquistas posteriores. Nessa época trabalhando com mulheres do meio rural, esse diálogo feito com os sindicatos permitiu às mulheres adentrarem aquele espaço e terem voz ativa dentro da organização. Após isto as irmãs relatam que contribuíram na organização da pauta de luta das mulheres rurais pela aposentadoria, a qual elas não tinham acesso e mesmo os homens do meio rural recebiam apenas meio salário mínimo, pois a aposentadoria era concedida ao trabalhador rural que tivesse completado 65 anos de idade e o valor correspondia a 50% do salário mínimo de maior valor no país (Maranhão; Filho, 2018, p. 11) isto, segundo Maranhão e Filho era apenas como uma compensação ao trabalhador rural de “excepcional longevidade” por conta de que a expectativa de vida na década de 1970 era de aproximadamente 50 anos de idade outro agravante é que tal benefício era concedido a um membro da família somente excluindo dependentes e mulheres rurais.

A partir da organização das mulheres nas comunidades e a filiação aos sindicatos as irmãs Lydia e Abigail enfatizam que a continuidade das lutas por direitos das mulheres e a partir da pauta de luta pela aposentadoria da mulher rural, essas mulheres, agricultoras de diversas comunidades eram as protagonistas em todo processo, que levaria a criação do Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais da região e levariam adiante as reivindicações das mesmas a partir de outras demandas também. O papel desempenhado pelas irmãs foi de apoio a essas mulheres na formação; acompanhando nas viagens para capital do estado e para Brasília, e nas manifestações e reuniões que foram necessárias na luta pela conquista deste direito.

(...)como ela começou a participar dos sindicatos, lá eles tinham palestras e conversas, agora não era só o homem, mas tinha mulher também,(...), uma luta toda, lembro que a gente ia com elas para Brasília, para exigir os direitos dela, fomos para Porto Alegre, não sei quantas vezes com elas também, porque elas tinham tipo uma diretoria, um grupo que dirigia, né, e esse grupo era formado por elas, nós éramos ajudantes, mas não era as freira que tinha que fazer, porque tinha que fazer elas, porque elas estavam precisando daquela coisa. Então quando a gente ia para Porto Alegre, meu Deus, enchia aquela capital de gente, porque vinha ônibus de tudo que era lado daqui da região e dos outros lugares também, a fronteira, por exemplo, Bajé, Uruguaiana, toda essa região aqui, meu Deus, você precisava ver, era lindíssimo quando a gente chegava lá, e a gente ia lá para reivindicar os direitos, elas que subiam no caminhão, que falavam, e a gente tinha ajudado a

, preparar assim, né porque precisa de alguém que acompanhe, que ajude, mas elas foram maravilhosas. (FERNANDES, 2023, p. 6<sup>38</sup>)

Segundo Irmã Lydia participavam mulheres de vários municípios da região do Alto Uruguai gaúcho, além de Erechim, participavam mulheres de Aratiba, Erval Grande, entre outros; juntavam-se a essas; mulheres de municípios da fronteira assim como de outras localidades do estado. As reuniões das coletividades juntamente com as Irmãs tiveram sequência no decorrer dos anos, consistindo em viagens para vários municípios sendo realizada as reuniões nos espaços dos sindicatos. Juntamente com as atividades mais culturais e artesanais falavam sobre a situação da mulher, relatam que recebiam muitas críticas por parte de muitos homens sobre esta questão da mulher pautadas por elas nos grupos aos quais trabalhavam, enfatizam que o machismo imperava e até mesmo alguns membros da igreja criticavam o trabalho feito pelas freiras/irmãs nesse aspecto, não era uma tarefa fácil, mas era necessária. Em suma, elas destacam que conciliavam com essa formação o trabalho religioso

(...)a gente também trabalhava, então ligava, assim, os direitos da mulher com aquilo que Jesus também ensinou, e o que ele ensinou, o projeto que ele tinha e o projeto que a sociedade tinha, que é um projeto capitalista danado, né, vamos explorar os outros, e elas muito exploradas, porque eu também sou filha de agricultor(...). (FERNANDES,2023, p.8<sup>39</sup>)

Uma região em que majoritariamente é composta por pequenos agricultores as irmãs realizaram também um trabalho pela Pastoral da Terra junto com alguns padres e mulheres do movimento (MMTR), em relação ao uso da terra e uso de venenos na produção de alimentos. Com intuito em formar para uma produção mais saudável e uma alimentação melhor aos próprios agricultores/as, porém, dizem que apesar deste trabalho, o uso de venenos na produção dos agricultores acabou se espalhando por toda região<sup>40</sup> nos anos decorrentes e que hoje são poucos que tentam produzir de forma orgânica. A luta das mulheres pela aposentadoria foi um dos direitos que lutaram e conquistaram, mas depois disso vieram outras conquistas, era um momento

<sup>38</sup> Ver entrevista em apêndices.

<sup>39</sup> Ver entrevista em apêndices.

<sup>40</sup> “(...)O norte e noroeste do estado do Rio Grande do Sul são caracterizados por municípios com vocação agrícola, atividade desenvolvida na sua grande maioria em pequenas propriedades rurais com área média de 21,61 hectares, segundo dados do Censo do IBGE (2010). Historicamente os pequenos agricultores destas regiões, estão vinculados a obtenção de rendas por meio de uma safra de soja, ou milho no verão, trigo e aveia no inverno (monocultura) onde essas culturas, quando conduzidas com a agricultura convencional, necessitam de uma grande demanda de agrotóxicos.” (In: Uso e manejo de agrotóxico em propriedades rurais no norte e noroeste do estado do Rio Grande do sul. Genésio Mario da Rosa, Darlan Weber da Silva, Kauane Andressa Flach, Jefferson Alves da Costa Junior. Revista Concilium, Vol. 22, Nº 3)

em que não só aqui na região norte do RS, mas em âmbito nacional havia organização de movimentos em vários lugares do país.

Em diálogo com as Irmãs é citado nome de uma das mulheres que foi uma protagonista da luta das mulheres e do MMTR na região, Paulina Balen (in memoriam) do município de Aratiba, na sequência abordaremos a trajetória e o engajamento da mesma a partir do que nos conta sua filha Marcia Balen.

### **Paulina Balen**

Aqui registramos também parte da história e a importante participação na luta por direitos de uma das mulheres que tiveram papel de protagonismo na luta das mulheres, dona Paulina Balen, devido a esta não estar mais entre nós conseguimos contatar um membro da família, uma filha, que nos concedeu entrevista e apesar da triste perda que tiveram, afirma a importância em manter viva a memória e a trajetória de luta de sua mãe enquanto sujeito em nossa sociedade. A reconstrução da trajetória e atuação política se deu através de entrevista com a filha Márcia F. Balen Matte, e de alguns registros feitos em um trabalho acadêmico, dissertação de mestrado da Marcia em que ela cita a mãe. Esta conta-nos parte da história de vida da família tendo como centro a mãe Paulina Balen. E como a mãe foi inspiração e influência para toda família, em questão de suas atuações e contribuições na sociedade. A proximidade com o engajamento social e político da mãe influenciou Marcia a seguir os passos da mesma, pois ela também atua política e socialmente contribuindo com o município na área da saúde, com a comunidade religiosa, também na política e com a sociedade em geral, assim como a mãe contribuiu anteriormente. O episódio trágico pelo qual a família passou quando sua mãe foi assassinada ainda é muito doloroso de ser contado, o que optamos por buscar informações em outras fontes sobre o ocorrido.

Em entrevista nos conta que sua mãe Paulina Pagliari Balen era natural da cidade de Aratiba-RS (na Linha Auxiliadora), município situado na região norte do Rio Grande do Sul. Posteriormente casou-se com Zelindo Balen e muda para comunidade Linha Gruta no mesmo município porém mais próximo da cidade, o casal teve quatro filhos<sup>41</sup>, como uma família de agricultores trabalhavam a terra, relata que era uma vida um tanto sofrida pois na época não se tinha muitos direitos, recursos etc., como exemplo cita anos em que dava seca e acabavam perdendo tudo da plantação pela

---

<sup>41</sup> Paulina casou-se com Zelindo Balen e teve quatro filhos, Mauro (in memoriam), Marcia, Silvio e Simone, e seis netos. (MATTE.2019. p. 84)

falta de chuva. Paulina Balen começou sua atuação política já na década de 1970 atuando como líder sindical e política. Foi fundadora do Movimento das Mulheres Trabalhadoras Rurais na região Alto Uruguai (MMTR), foi também líder participante das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) e do Sindicato dos trabalhadores Rurais de Aratiba, no Rio Grande do Sul. No entanto, sua trajetória teve um fim trágico, Paulina Balen, foi assassinada em outubro de 1996. Deixou um grande legado de luta social para sua família e para comunidade em geral. Márcia Balen durante a entrevista afirma que sempre viu a mãe como uma mulher à frente de seu tempo, pela coragem e dedicação com a qual desempenhava sua atuação em luta e defesa de direitos e contestando o que estava imposto para a mulher naquele período. Em suas palavras escritas em seu trabalho diz que

(...)sua mãe, Paulina Pagliari Balen, que marcou história como uma mulher além do seu tempo, uma liderança comunitária, religiosa, sindical e política no município de Aratiba e na região do Alto Uruguai entre as décadas de 1970 e 1990. Agricultora familiar, nascida em 27 de dezembro de 1947, foi brutalmente assassinada em 1996 pela sua liderança na luta em favor de justiça social, das bandeiras como aposentadoria para as mulheres, pela sua militância junto às entidades. (MATTE. 2019, p. 84)

A partida precoce da mãe foi algo muito difícil para toda família, e que até hoje resquícios desse episódio ocorrido em 1996 afeta aos familiares pois dona Paulina foi vítima de um assassinato que ainda hoje não foi solucionado nas palavras de Marcia Balen em entrevista ‘ algo como ocorrido com Marielle<sup>42</sup>’. Em seu trabalho destaca alguns pontos referentes a atuação política e social da mãe como

– forte atuação na Igreja Católica, por meio da militância na liturgia dominical e catequese e no trabalho cotidiano junto à comunidade; – participação ativa na fundação e atuação do Movimento das Mulheres Trabalhadoras Rurais de Aratiba e do Alto Uruguai, lutando pelos direitos da mulher, especialmente aposentadoria rural; – atuação junto ao Sindicato local, lutando pela saúde e ajudando na articulação e compra do Hospital Comunitário de Aratiba; – atuação na fundação do Partido dos Trabalhadores em Aratiba, sendo a primeira candidata mulher no município. Fez 136 votos em 1988, fazendo campanha a pé, enfrentando o preconceito por ser mulher e a guerra ideológica, na época, contra o PT; – aos 39 anos perdeu seu filho Mauro José com apenas 16 anos de idade, um golpe violento, para quem sempre fez o bem à comunidade. Mesmo assim não desanimou; – em 08 de outubro 1996, sua

---

<sup>42</sup> Fazendo referência a Marielle Franco vereadora assassinada em 14 março de 2018 no Rio de Janeiro. (IN: EBC. Agencia Brasil. Disponível em: <http://www.agenciabrasil.ebc.com.br>)

vida foi brutalmente interrompida por um assassinato até hoje não esclarecido. (MATTE. 2019, p. 84)

A atuação de Paulina Balen foi em vários espaços como podemos constatar sendo esta, uma das fundadoras do Movimento das Mulheres Trabalhadoras Rurais de Aratiba e na região Alto Uruguai, movimento este que foi consolidado em 1984, mas que advém de lutas desde a década de 1970. A partir dos diálogos com as irmãs Lydia e Abigail, estas tiveram a sorte de compartilhar destas lutas juntamente com Paulina nas décadas de 70 e 80. As viagens para capital do estado e para Brasília mencionadas pelas Irmãs, também foi mencionada por Marcia Balen, ao relatar as saídas da mãe para manifestações e reuniões, em busca de respostas às reivindicações do movimento.

E as mulheres elas não eram reconhecidas como trabalhadoras. a trabalhadora da roça era apenas dona do lar, elas não tinha nenhum tipo de benefício ,então a minha mãe junto com mais mulheres de toda a região aqui do Alto Uruguai elas eram sindicalizadas no sindicato, também eram de movimentos de igreja enfim, e elas formaram então o MMTR -Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais da região alto Uruguai e com muitas manifestações ocorridas em Porto Alegre, Curitiba, Brasília... enfim... elas buscaram então esses direitos, eu lembro que minha mãe ficava quase uma semana ne ficavam acampadas em Porto Alegre no Piratini e ela contava que elas passavam até fome porque na época não se tinha muito recurso era tudo muito difícil, a gente era muito pobre as mulheres da roça não é que nem hoje que elas tem a sua aposentadoria elas tem o seu dinheiro na época elas não tinham nada (MATTE, 2023,p.1,2<sup>43</sup>)

Marcia Balen nos relata ainda em entrevista que as lutas das mulheres no período referendado, sendo o período ditatorial, no início eram feitas reuniões mais sigilosas sem muita divulgação ou em suas palavras, “meio na surdina” só posteriormente que se tem um pouco mais de abertura. Porém, isso não impediu nem intimidou sua mãe de seguir na luta por direitos. E é no momento que se tem a abertura política que elas começam a viajar para capital e para Brasília para reivindicar seus direitos através das manifestações. Paulina Pagliari Balen foi uma figura muito importante na luta e conquista dos direitos das mulheres, mas também para a sociedade como um todo, deixando um legado para a família, para comunidade e o município ao qual pertencia, hoje um exemplo a ser seguido por todos nós<sup>44</sup>. Sua filha

<sup>43</sup> Ver entrevista em apêndices.

<sup>44</sup> O Sutraf-AU (Sindicato dos trabalhadores na agricultura familiar do Alto Uruguai) presta homenagem póstuma a Paulina Balem em 2018, na época o coordenador do Sutraf faz agradecimento aos familiares e reconhecimento pela importância do trabalho e o exemplo deixado por Paulina Balen. (In: Via: Jornalismo Radio Aratiba, fonte: Assessoria de comunicação do SUTRAF-AU.) Disponível em: [21/06/2018-https://radioaratiba.com.br/2018/06/21/sutraf-presta-homenagem-a-paulina-balen/](https://radioaratiba.com.br/2018/06/21/sutraf-presta-homenagem-a-paulina-balen/)

Marcia Balen segue os passos deixado, pois hoje é uma mulher engajada no trabalho com a comunidade e o município de Aratiba, (assim como a mãe foi) como também engajada na política eleita a vereadora mais votada recentemente. Ela dá continuidade ao que aprendeu com a mãe, exercendo trabalho na comunidade participando na igreja, trabalho político e social, especificamente na área da saúde também.

### **Deonilda Marcon**

Dando continuidade abordaremos parte da história e trajetória de vida da professora Deonilda Marcon e sua atuação e apoio a um movimento social que também inicia suas lutas no período da década de 1970 e é consolidado em 1984, tendo como espaço e considerado berço do mesmo, a região norte do RS, este sendo o Movimento dos trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST) assim como o apoio ao movimento de mulheres.

Deonilda é natural daqui da região norte do RS do município de Erval Grande, viveu com a família no município por alguns anos até a maioridade segundo ela na condição de filha mulher mesmo tendo apreço por estudar ela não pôde fazê-lo por um tempo; apenas seus irmãos deram continuidade aos estudos. Porém, como era algo que almejava, aos vinte anos sai em busca de realizar o sonho de estudar e se formar. Quando encara o desafio de buscar esse sonho ela sai de casa e é num colégio religioso que consegue completar a fase de escolarização, ensino fundamental e médio, por meio de supletivo e juntamente com os estudos conta que prestava serviços para as irmãs do colégio. Passou alguns anos em Caxias do Sul, outros em São Paulo e depois retorna para Caxias do Sul e posteriormente vai para Porto Alegre por mais três anos, só então após esse período, volta para Erval Grande. Quanto ao ensino superior ela só iria acessar na década de 1990, formando-se em História. Entretanto, a entrada tardia nos estudos não foi obstáculo para que se formasse e alcançasse seu sonho.

Nos anos iniciais da década de 1980, Deonilda nos conta que mesmo estando em São Paulo por um período, e podendo ver a atuação dos movimentos, tanto das greves no ABC ocorridos entre 70-80; como as diretas já (1983-1984) não teve a oportunidade de participar ativamente devido aos compromissos religiosos que não

lhes permitiam também tal participação, porém o curto período que presenciou o mesmo, o via como grande foco de resistência e de muita coragem dos trabalhadores frente ao regime militar; e a necessidade em reverter esse quadro da ditadura.

Então era um momento assim que as lideranças, os movimentos, queriam se reafirmar enquanto sujeitos dessa caminhada em favor da terra, em favor do sem teto, em favor das mulheres, em favor de uma educação para todos. Enfim, eu acho assim que foi um momento, eu pude acompanhar esse momento e foi (...) muito rico para os movimentos e também o movimento de mulheres que depois, ao voltar aqui, já tinha esse movimento e eu acompanhei um pouquinho mais tarde. (MARCON, 2023, p.4,5<sup>45</sup>)

Durante o período de formação Deonilda Marcon nos conta que teve a oportunidade de aprender a teoria no curso superior em História, mas também vivenciar a prática através de suas atuações, mesmo tendo concluído os estudos em um colégio religioso e ter se engajado nas contribuições com os trabalhos em comunidades com a CEBs (comunidades eclesiais de base), ainda na década de 80 em seu retorno ao estado do RS, relata que fez muitos trabalhos com Comunidades periféricas em Porto Alegre, e isto, contribuiu para que se engajasse política e socialmente. Porém, em dado momento ao perceber que seu tempo ficava muito limitado com as questões religiosas resolve então se aprofundar e dedicar-se mais a questão política e social, como apoiadora em campanhas partidárias<sup>46</sup>, mas também ao movimento social o MST, ao qual um de seus irmãos, fazia parte.

E assim foi tomando gosto, mais pela política, e foi nesse momento que eu fiz essa ruptura com a vida religiosa, por entender que o tempo era muito limitado para as questões políticas. A gente tinha uma certa liberdade de trabalhar na questão das comunidades de fé, mas a questão política ficava um pouco restrita. Eu participava assim das manifestações em Porto Alegre, em Caxias do Sul também, quando eu estava um pouco antes de ir a Porto Alegre, e mais que tudo (...), essas manifestações ligadas ao MST. E também, em Porto Alegre, sobretudo, a gente vivia já depois da ditadura, mas assim, um momento muito significativo da organização dos movimentos pós-ditadura, e de ir para a rua, de fazer caminhada, de fazer protesto, de fazer vigílias, de participar, acompanhar a greve de fome, das lideranças. E eu senti que nesse contexto de vida religiosa eu estava muito limitada. Então, eu resolvi sair desse contexto e voltei aqui para a Erval Grande. E nesse período eu tinha um irmão que estava acampado na Fazenda Annoni. Ele se acampou em 1985 e eu acompanhei muito de perto, mesmo estando em Porto Alegre, a caminhada. Fui várias vezes na Fazenda Annoni. Havia um período de muita violência, de muitos ataques ao movimento, e que o movimento precisava de pessoas que estivessem com eles. E eu fiz muito isso. E também depois que eu saí,

<sup>45</sup> Ver entrevista em apêndices.

<sup>46</sup> Em entrevista Deonilda afirma que também entrou na questão política, participando ativamente da campanha que elegeu Olívio Dutra como prefeito de Porto Alegre no ano de 1988.

continuei acompanhando o MST. E daí também entrei na política partidária propriamente dita. (MARCON, 2023, p.347)

No trecho citado a professora Deonilda destaca a importância dos movimentos e organizações nessa retomada da democracia anos finais e pós-ditadura pela abertura e as manifestações e protestos, nas reivindicações de direitos (aposentadoria, terra, moradia etc.) e liberdade de expressão. Em suas palavras diz que pôde “ aprender o valor da luta, de aprender a necessidade” da mesma “ por que o Brasil estava saindo de uma ditadura esfacelada, pessoas sem direitos, as pessoas sem poder se manifestar. Então eu gostava mesmo era de estar ali com uma bandeira na mão(...). (Marcon,2023, p.448).

Reafirma também que o aprendizado teórico enquanto estudante de história e a prática vivida na atuação religiosa nas comunidades, no contato com movimento de luta pela terra e na política, foram muito importantes para sua formação e para quem ela se tornou. E nessa caminhada muitas mulheres que teve a oportunidade de conhecer e estar juntas foram exemplos e inspiração, cita Roseli Nunes<sup>49</sup> membro do movimento, MST; mulheres que foram protagonistas dessas lutas. Deonilda se coloca como alguém que foi uma apoiadora participando de muitos momentos dessas organizações e contribuindo com a mesma de acordo com sua disponibilidade, destaca que foram períodos de muitos aprendizados em questão da atuação das mulheres principalmente no MST

A gente se inspirava inclusive em algumas pessoas, mulheres, Irmã Carminha e outras, mesmo as mulheres camponesas, as acampadas. Eu lembro muito da Rose, que foi uma figura emblemática do MST. E assim as mulheres daqui de Erval, que estavam acampadas lá. Foi uma experiência assim, eu digo um aprendizado, porque eu não tinha muito a questão da luta direta, do envolvimento, do enfrentamento com a justiça e com os policiais e enfim, um período de muita violência. E eu vi as mulheres assim, lado a lado com os homens na luta e pela busca da terra. E eu vi assim, muito importante a presença da mulher nessa luta, nesse caso, mais específica, a luta pela terra, pela reforma agrária. (MARCON,2023, p.350)

---

<sup>47</sup> Ver entrevista em apêndices.

<sup>48</sup> Ver entrevista em apêndices.

<sup>49</sup> Lutadora pela Reforma Agrária e defensora dos direitos das mulheres. Estas características integram o legado de Roseli Celeste Nunes da Silva, que teve a sua vida interrompida aos 33 anos de idade por lutar pelo direito de viver com dignidade no campo. Rose, como era popularmente conhecida, estava entre os mais de 7 mil trabalhadores que ocuparam, na madrugada de 29 de outubro de 1985, a então Fazenda Annoni, um latifúndio improdutivo de mais de 9 mil hectares localizado no município de Pontão, na região Norte do Rio Grande do Sul. (in: MEDEIROS, Catiana de. “O legado de Roseli Nunes, um símbolo da luta pela terra no Brasil”, 2018. Disponível em: <https://mst.org.br/2018/03/31/o-legado-de-roseli-nunes-um-simbolo-da-luta-pela-terra-no-brasil/>)

<sup>50</sup> Ver entrevista em apêndices.

Desempenhando o papel de coadjuvante nessa trajetória como ela mesma se coloca, teve participação fundamental nesses movimentos em especial no MST, como apoiadora; e hoje contribuindo no registro de histórias as quais muitas vezes acabamos por não conhecer e dar devido crédito, pois é de suma importância o apoio as organizações. Deonilda afirma ainda em entrevista, que, num mundo onde o patriarcalismo impera e historicamente, até então, a mulher estava relegada ao trabalho doméstico, sobretudo no meio rural, em se tratando do MST, em suas palavras “a partir do momento que surge um acampamento de trabalhadores, uma ocupação, a mulher é linha de frente, é a protagonista, ela desempenha um papel muito importante nessa caminhada da luta pela terra” .Como também assumem o protagonismo no Movimento de Mulheres (MMTR) ao qual ela também acompanhou por um momento, na luta não só pela terra, mas por direitos, pela aposentadoria da mulher rural, ocorrendo significativa luta na região como já mencionamos neste trabalho a partir das trajetórias das Irmãs Lydia e Abigail como a de Paulina Balen. Luta esta, que também ocorre por todo Brasil naquele período. Esse espaço que as mulheres adentram neste período, foi de suma importância para se libertar e ser sujeitas da própria história rompendo com padrões e costumes que imperavam em nossa sociedade, conquistas que significavam o início das muitas outras que viriam através da luta.

Então a importância se dá justamente a partir do momento que isso vai trazer direitos para as mulheres, vai trazer visibilidade, vai mostrar para a sociedade que a mulher está em pé de igualdade com o homem, que a mulher pode assumir um cargo político, que a mulher pode estar na linha de frente, não só na questão das comunidades católicas ou de outras confissões religiosas, mas no protagonismo político dos movimentos, enfim, eu acho que foi um espaço que a mulher conquistou por ela mesmo, por ela sair de dentro da casa e ver que ela também tinha um papel a desempenhar na construção de uma nova sociedade, de um novo pensamento político, de novas relações. Então eu vejo assim que a mulher foi grande protagonista na busca pelos próprios direitos, pela igualdade e se fazer respeitar, no sentido de que a gente vivia num patriarcalismo onde o homem decidia tudo, decidia inclusive a própria vida da mulher. (MARCON.2023, p.5,6)

Neste processo do ‘se libertar’ da mulher, Deonilda também relata sua experiência com a questão dos estudos, por ser mulher (na condição de filha mulher) teve acesso tardiamente e destaca que apesar das dificuldades que enfrentou conseguiu concluir a escolarização, acessou o ensino superior fazendo uma graduação e fez também uma especialização. Atribui suas conquistas ao esforço pessoal, mas também a esse período de experiências práticas nas organizações e movimentos sociais, e a luta feita por muitas mulheres desses movimentos que

também nos beneficia como um todo. Hoje ela segue ainda contribuindo em sindicato (na categoria de professores) como também em trabalhos em comunidades periféricas do município, inclusive fazendo trabalho com mulheres. Uma outra causa que defende e tenta levar aos espaços que atua é o compromisso com cuidado do meio ambiente. Recentemente faz trabalho voluntário com um grupo de mulheres em um bairro do município de Erval Grande, coletivo este que tem como objetivo produzir sacolas ecológicas, atividade que para além de conscientizar no cuidado com o meio ambiente gera renda para as mulheres que participam do grupo já que estas não possuem emprego/renda.

### **3.3.3.3.3. Os movimentos /organizações na região norte RS citados em entrevista**

Importante destacar que mesmo tendo apagamentos na história sobre a atuação de mulheres elas foram e são importantes no processo histórico. Mesmo com poucos registros é possível conhecer a participação de muitas mulheres nos movimentos de resistência direta a ditadura civil militar como tratado no capítulo anterior deste trabalho já na década de 1960/1970, assim como participação de mulheres nos movimentos em luta por direitos, também a luta de mulheres nos movimentos feministas<sup>51</sup>. Assim como já abordamos parte da trajetória de algumas mulheres da região que participaram do processo de luta de alguns movimentos, especificamente do campo. Anteriormente neste capítulo registramos a trajetória de três, porém, o processo de luta e conquistas foi realizado por toda coletividade que compunha os movimentos. Muitas mulheres constituíram os movimentos e organizações (alguns juntamente com os homens) e lutaram por direitos que antes

---

<sup>51</sup> Apesar dos preconceitos existentes, a partir dos anos 1960, o país viu surgir o feminismo de “Segunda Onda”: um movimento com objetivos um tanto distintos dos que haviam movido as militantes no passado. Junto com o combate às depreciações que tinham como alvos ativistas e simpatizantes, o novo feminismo apresentou reivindicações para além das relativas aos direitos políticos, econômicos e educacionais. Ainda que fortemente inspirado pelos movimentos feministas de “Segunda Onda” que se multiplicavam no exterior, o do Brasil guardou especificidades por conta da conjuntura política; o país vivia sob uma ditadura militar que colocava grandes obstáculos à liberdade de expressão e levava, como reação, a lutas políticas e sociais com viés de esquerda. (PEDRO. Joana Maria. O feminismo de “Segunda onda” corpo, prazer e trabalho. In: Nova história das mulheres no Brasil, p. 116,117).

não tinham acesso. Em suma tratar brevemente sobre estes movimentos/organizações é o que faremos a seguir.

Referente a região e ao período supracitado, é na década de 1970 quando inicia o período da luta pela redemocratização do país e por toda década de 80 que se formam organizações sociais populares na região Alto Uruguai (Seminnotti,2007). Juntamente com estas, na região Alto Uruguai o movimento sindical foi uma das grandes forças que exerceu um papel significativo na organização e na luta dos trabalhadores/as já no fim da década de 1970 e na seguinte em 1980 (Matte, 2019).

Com a falta de perspectiva de conciliação entre trabalhadores, empresários e governos, a única alternativa restante era, a partir de uma organização combativa, de enfrentamento e mobilização, o povo assumir seu papel de sujeito protagonista dessa história. (MATTE, 2019, p. 31)

Trabalhadores/as (urbanos e rurais) organizados, coletivamente na luta por direitos e justiça, participando ativamente das decisões e elaborações de políticas, os movimentos sociais e organizações constituem a base social que se organizam com novas práticas e valores nestas décadas de 70/80. A nível nacional essas duas décadas são muito importantes para o país pois se caracterizam pela retomada da organização dos trabalhadores com “as grandes greves no ABC paulista e a criação da Central Única dos Trabalhadores (CUT), assim como de sindicatos mais atuantes com novas lideranças e com mais autonomia, maior organicidade”. Para as mulheres especificamente essas décadas também representam um período de lutas específicas femininas e conquistas de algumas reivindicações, principalmente com a constituição de 1988<sup>52</sup>. Com o as mudanças e processos como urbanização acelerada que intensifica na década de 1970, faz com que as mulheres se tornem personagens visíveis em diversos espaços públicos, aumentando a presença feminina nas universidades e nos empregos formais assim como nas manifestações de rua (PEDRO, 2013, p.117).

Após um longo período de resistências frente ao regime isto seria um grande passo na luta dos trabalhadores/as

---

<sup>52</sup>Ao longo dos anos com muita luta empenhada por mulheres de classes mais bastadas inicialmente é que se obtém algumas conquistas para as mulheres como o voto, acesso aos estudos e a universidade etc.; mas é com a Constituição de 1988 que as mulheres passam a ser legalmente reconhecidas como iguais aos homens, isto após pressões da pauta feminista aliada com outros movimentos populares que foram para a rua na luta pela democracia. (In: Nossa Causa, março, 2020. Disponível em: <https://nossacausa.com/conquistas-do-feminismo-no-brasil/>)

Esse contexto de organização, luta e resistência dos trabalhadores produziu a tomada de consciência, despertando um interesse coletivo, alicerce para um processo de mudanças no campo social e político do país, que ultrapassou as fronteiras dos grandes centros e capitais, fazendo com que as lutas tomassem características de agitação popular, com greves e saques ao comércio, demonstrando o descontentamento social e a necessidade de mudanças. (MATTE, 2019, p. 29).

Segundo Nogaro (1996 in: Seminotti, 2013) “sobre as ações educativas das organizações sociais populares de Erechim, podemos constatar que o processo de industrialização, a modernização e o desenvolvimento a qualquer custo proposto pelos governos militares, aguçaram a luta de classes e estimularam a organização social popular em âmbito nacional”. Esse momento histórico dos anos finais na ditadura em que há a crise na economia disfarçada de milagre econômico (milagre para poucos) que surgem os movimentos sociais, segundo Seminotti na mesma linha de Nogaro a região Alto Uruguai precisamente, o Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB) é uma grande expressão disso, seguido do surgimento de outros movimentos e organizações.

O surgimento das Organizações Sociais Populares no Brasil e na América Latina se dá em meio a uma série de acontecimentos que marcam a história destes povos. Se prestarmos atenção para o momento histórico em que surgem os movimentos sociais, e aqui de modo especial o Movimento dos Atingidos por Barragens, veremos que são datados e correspondem a períodos de crise na economia, de redefinição do modelo de desenvolvimento e de constituição de novos atores sociais como sujeitos de uma política nacional e internacional. Marcon contextualiza este período da história brasileira colocando que, a partir da segunda metade da década de 1970 revelaram-se os primeiros sinais de crise, quando os próprios militares falavam em distensão. Com o avanço das organizações operárias em 1977 e as greves no ABC a partir de 1977, passou-se a falar em abertura política. O problema da legitimidade dos governos militares foi, então, colocado de forma crucial por diferentes setores organizados da sociedade civil, que reivindicavam uma participação política efetiva. (SEMINOTTI, 2013, p. 65)

Na região, além do Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB), esta teve a mobilização de luta pela terra que dá origem a outro movimento, o Movimento dos trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Sendo que a primeira mobilização de luta pela terra ocorre ainda durante a ditadura civil militar, com a ocupação da fazenda Sarandi (feita por agricultores integrantes do MASTER movimento que antecede o MST<sup>53</sup>),

---

<sup>53</sup> A história das ocupações que marcou a reforma agrária no Rio Grande do Sul inicia quase vinte anos antes da ocupação Macali e Brilhante. Na Fazenda Sarandi, em 1962, na região norte do estado, houve a primeira ocupação por integrantes do Movimento dos Agricultores Sem Terra (Master). As ações realizadas por esse movimento tinham como objetivo organizar acampamentos ao lado de áreas que queriam ver desapropriadas. Geralmente eram terras públicas ou ainda terras particulares, as quais

após, outra ação expressiva e muito conhecida a Encruzilhada Natalino/Macali e Brilhante ocorre também na região norte do RS; e a ocupação da fazenda Annoni<sup>54</sup>; no entanto, é em 1984 que se consolida como movimento social. Também na década de 1980 o Movimento das Mulheres Trabalhadoras Rurais (MMTR) é criado, sendo que uma das mulheres, Paulina Balen, foi uma das fundadoras deste movimento na região; que em 1984 também se consolida a nível estadual<sup>55</sup>.

Importante retomarmos como havíamos citado no capítulo anterior deste trabalho o posicionamento da igreja- Igreja Católica- assim como sua importante atuação na construção das coletividades que deram origem aos movimentos e organizações. Mesmo a igreja tendo um lado com princípios morais mais rígidos, frente as mudanças tanto sociais como no âmbito da igreja<sup>56</sup> e com o Concílio do Vaticano, havia também uma parte mais progressista da igreja (como já citamos anteriormente neste trabalho) e é esta que terá papel importante nas organizações. Frente aos movimentos feministas também em evidencia na época Sarti afirma que, a atuação feminina (de parte da igreja) referente a perspectiva feminista (das

---

não possuíam comprovação de posse ou eram improdutivas. (RAUBER.Maiara. "A semente do MST 40 anos da ocupação Macali e Brilhante. Disponível em:  
<https://mst.org.br/2019/09/02/a-semente-do-mst-40-anos-da-ocupacao-macali-e-brilhante>)

<sup>54</sup> Com 9.250 hectares, a fazenda era objeto de antiga disputa judicial entre a família Annoni e o Estado, que havia chegado a desapropriar as terras. Outros dois marcos da luta dos camponeses no Rio Grande do Sul estão situados a poucos quilômetros do local: a Fazenda Sarandi, desapropriada em 1962 pelo então governador Leonel Brizola, e a Encruzilhada Natalino, onde foi instalado o primeiro grande acampamento de sem-terra em 1981. (In: <http://memorialdademocracia.com.br/card/familias-ocupam-a-fazenda-annoni>)

<sup>55</sup> Dentre os movimentos sociais da época, também é importante destacar a importância do MMTR-RS (Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais do Rio Grande do Sul), movimento estadual autônomo criado em 1984. Foi através da organização deste movimento nas regionais de Erechim, Passo Fundo, Caxias do Sul, Santa Rosa e Ijuí, que as reuniões específicas com mulheres trabalhadoras rurais começaram a despertar e refletir sobre sua realidade e a discriminação sofrida. Em 1985, as gaúchas, trabalhadoras rurais, participaram com 2ª maior caravana no 4º Congresso Nacional de Trabalhadores Rurais na CONTAG, em Brasília, levando consigo a inclusão de uma temática que refletia sobre a sindicalização da mulher trabalhadora rural. A marca ficou registrada nos anais do congresso: uma nova temática - "A participação e a sindicalização das trabalhadoras rurais no MSTR". No 6º Congresso Nacional, no cartaz já constava a figura de um homem e uma mulher. No RS, as regionais sindicais criaram comissões regionais de trabalhadoras rurais para discutir e defender o reconhecimento da profissão de 39 trabalhadoras rurais, bem como a aposentadoria aos 50 anos de idade. As reivindicações eram política, agrícola, crédito, e previdência social. A articulação do movimento sindical com diferentes organizações sociais contribuiu para que muitas conquistas fossem alcançadas dentre as ações que estavam sendo desenvolvidas no município. (MATTE, P.38 e 39)

<sup>56</sup> As mudanças internas da Igreja Católica, a partir das novas diretrizes das Conferências de Medellín em 1968, e Puebla em 1979, contribuem para a divulgação da Teologia da Libertação, através de várias pastorais, com destaque para a Comissão Pastoral da Terra (CPT) e das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). (SEMINOTTI, 2013, p. 99)

feministas) tinha limites claros quanto aos princípios morais e estes prevaleciam em muitos momentos, no entanto, em suas atuações nas comunidades de base havia certa flexibilidade. Em parte algumas atuações da igreja em comunidades e grupos populares “circunscreveu o conteúdo ideológico de luta das mulheres pobres, promovendo a participação das mulheres na vida comunitária, mas reforçando seus papéis familiares tradicionais” (Sarti,1998, p.6), coloquei isto como “em partes”, por conta de que, ao trabalharmos com a oralidade por meio da entrevista, uma das mulheres, sendo esta uma Irmã da Igreja católica, que contaremos parte de sua trajetória, em dialogo ela contradiz isto, pois diz que sua atuação enquanto membro de uma organização católica e com as CEBs(Comunidades Eclesiais de Base), descreve que seu trabalho era também de cunho político e no decorrer reafirma que, o que fazia era mais que levar questões e ensinamentos de religião, mas tinha compromisso com educação e instrução das mulheres e das comunidades em que atuavam<sup>57</sup>. Tanto nas entrevistas como nas bibliografias consultadas a Igreja católica, ou parte dela, aparece como agente importante nesta construção e organização dos grupos/movimentos.

A atuação conjunta de diferentes setores da sociedade foi a somatória junto aos trabalhadores organizados, que originou os movimentos e organizações em luta pela democracia e por direitos. Em específico sobre a região norte do RS

(...) a configuração de elementos do campo religioso, social e político, se deu num espaço territorial com a economia centrada na pequena propriedade, onde, dos 30 municípios que compunham a região Alto Uruguai, apenas Erechim, município pólo, tinha predomínio populacional no meio urbano. Os demais municípios concentravam sua população em pequenas comunidades rurais, onde o trabalho na terra, a família, as religiosidades eram vistas como valores a serem preservados culturalmente, o que contribuiu muito para o trabalho dos setores progressistas da Igreja Católica. (SEMINOTTI,2013, p.96,97)

Como mencionado acima, não só para a igreja católica mas como para os demais setores que contribuíram na organização dos trabalhadores e trabalhadoras na região, o espaço e território mais voltado para áreas rurais e pequenas propriedades como citado por Seminotti, contribuiu e demandou uma atuação em diversas comunidades segundo ele ainda as mudanças para o campo político e social mais no início da década de 1980 “encontram na região grande contribuição de padres

---

<sup>57</sup> Trecho que faz referência ao que nos conta Irmã Lydia Fernandes em entrevista.

vinculados aos setores progressistas da Igreja Católica que tinham suas origens na agricultura familiar”, isto pode ter facilitado o trabalho em comunidades e formação de lideranças e grupos atuantes nos movimentos.

Destacamos tais aspectos referentes a atuação de parte da Igreja Católica, por conta de ser mencionada durante as entrevistas realizadas com as mulheres para construção deste trabalho. Seja os movimentos, os Sindicatos ou associações comunitárias, pudemos constatar no dialogo estabelecido durante as entrevistas tal contribuição, assim como constatamos nestas bibliografias trabalhadas tal participação na organização dos trabalhadores/as e das mulheres na região.

### **Considerações finais**

Chegando ao fim deste trabalho, faço por bem colocar aqui, que, a escolha do tema do mesmo se deu em parte por minhas experiências e vivencias pessoais em um movimento social, que acaba por ser citado neste trabalho (o MST). Também, sendo contemplada por ricas trajetórias de mulheres que romperam com padrões impostos para assumir o protagonismo de sua vida, construindo assim sua própria história como sujeitos; conquistando espaços e direitos aos quais hoje eu e muitas outras mulheres nos beneficiamos em nossa sociedade.

A temporalidade que permeia o nosso trabalho advém da escolha em compreender o difícil período vivido em nosso país nas décadas de 1960, configurado pelo período da ditadura civil militar tempos sombrios que ainda hoje temos resquícios das barbáries cometidas pelo regime militar contra a população que se posicionasse contrário as leis e regras impostas por este. Com ênfase em conhecer e reconstruir trajetórias sobre a participação da mulher nesse período em movimentos /organizações de resistência e luta por direitos. Sabendo-se que grande parte dos movimentos sociais/populares surgem ainda em fins desse período ditatorial décadas de 1970/80, assim como é o momento de reorganização dos trabalhadores e trabalhadoras do meio urbano e rural.

De suma importância estudar o período referendado, por conta do que recentemente vivemos em nosso país com a ascensão de ideais neofascistas e neonazistas, assim como atitudes por parte de alguns membros de altos cargos do governo anterior, em exaltar torturadores e comemorar o Golpe civil militar, e a participação de parcela da sociedade civil que ignorantemente pediam por intervenção militar, desrespeitando assim muitos cidadãos/ãs que ainda hoje sofrem com perdas de parentes, com o horror de terem sido torturados, vítimas do regime militar que seguem com torturadores impunes por crimes cometidos contra vida.

Por meio desses estudos pude compreender um pouco mais sobre as questões que permeiam a história das mulheres em nosso país e ainda registrar trajetória de mulheres que direta ou indiretamente contribuíram na resistência e reorganização dos trabalhadores/as. Na luta e na conquista de direitos que hoje ainda nossa sociedade usufrui. A nossa frágil, mas importantíssima democracia que de tempos em tempos é atacada, os direitos das mulheres a participação na política, direitos trabalhistas (em específico trabalhamos sobre as mulheres do campo), citamos também um pouco da luta e contribuição do movimento feminista com discussões sobre os direitos das mulheres e a questão de gênero, mas também pude entender que há ressalvas a serem feitas quanto a este, devido as especificidades de alguns grupos (como a nós mulheres negras se somos comtempladas) como a classe à qual pertencemos, isto nos instiga a dar sequência e aprofundar nossos estudos referentes a temática. A importante participação de parte da igreja católica também, na organização e formação de mulheres na região como relatada por Fernandes e Viola<sup>58</sup> em entrevista.

A partir das pesquisas feitas e por meio de entrevista concedida por Marcia Balen pudemos conhecer um pouquinho da história e trajetória política e social de Paulina Balen (In memoriam) como uma das fundadoras do Movimento de mulheres Trabalhadoras Rurais na região Alto Uruguai, mulher de muita garra que desempenhou o papel de protagonista. Por meio da entrevista concedida pelas Irmãs Abigail Viola e Lydia Fernandes membros da Congregação Irmãs de Santo Agostinho de Erechim, tivemos conhecimento da participação de setores da Igreja Católica na organização e formação de mulheres que iriam compor alguns movimentos/organizações da região inclusive as do MMTR, entre outros. A partir da

---

<sup>58</sup> Irmã Abigail Viola e Lygia Fernandes.

entrevista com Deonilda Marcon, pudemos conhecer sua trajetória como educadora e apoiadora de movimentos sociais entre eles o MST e também o MMTR, participando ativamente de alguns momentos e manifestações desses movimentos. As experiências vividas pelas Irmãs ainda hoje seguem sendo importantes, pois, realizam trabalhos com mulheres, no entanto sendo hoje mulheres do meio urbano com o mesmo caráter formativo educacional –formal e informal. Marcia Balen filha de Paulina Balen segue levando adiante o legado deixado pela mãe, atuando no campo político e social, atualmente eleita vereadora mais votada no município onde um dia sua mãe também o foi. Deonilda Marcon segue com o compromisso como educadora atuando em espaços educacionais, no sindicato, levando a teoria e prática adquirida nos anos em que vivenciou as experiências nos movimentos, segue como apoiadora da luta popular e política; também fazendo trabalho social com mulheres num bairro humilde do município de Erval Grande.

Por fim, o presente trabalho é o registro de trajetórias de mulheres que foram e são sujeitos de sua própria história, assim como inspiração para muitas outras. A partir disso, vemos que não só o que está já registrado deve ser levado em conta como nossa história, mas que ao trabalharmos a memória e a fonte oral dando voz a personagens que ainda estão no anonimato podemos resgatar grandes e importantes contribuições históricas. A presente pesquisa é apenas uma parte de uma grande história, que se, nos debruçarmos em mais fontes poderemos constatar as trajetórias destas e de outras mulheres também nos anos seguintes. A temporalidade deste trabalho delimito até 1989, no entanto, muitas outras mulheres poderíamos incluir deste período e do período seguinte como sujeitos atuantes na construção das coletividades, personagens com importante contribuição na construção dos movimentos e organizações do Alto Uruguai. Em suma, pretende-se com mais tempo dar continuidade nas pesquisas e busca por estes sujeitos e assim poder conhecer mais contribuições no processo histórico da região.

## REFERÊNCIAS

ARQUIDIOCESE DE SÃO PAULO - **Brasil: Nunca Mais**. Coordenado por: Paulo E. Arns, Henry Sobel e Jaime Wright. Petrópolis, Vozes, 41° ed. ,1985.

BEAUVOIR. Simone de. **O segundo sexo**: fatos e mitos, vol.1. 4° edição, editora Difusão europeia do livro,1967.

[https://joacamillopenna.files.wordpress.com/2018/03/beauvoir-o-segundo-sexo-volume-11.\(pdf\)](https://joacamillopenna.files.wordpress.com/2018/03/beauvoir-o-segundo-sexo-volume-11.(pdf)) Acesso em 15 dez. 2022.

BEAUVOIR. Simone. **O segundo sexo**: a experiência vivida, vol. 2 .2° edição. Tradução de Sergio Milliet. Título do original: L'Expérience Vécue. Difusão Europeia do livro.1967.

BURKE, Peter. **A Revolução Francesa da historiografia: a Escola dos Annales 1929-1989 / Peter Burke**; tradução Nilo Odália. – São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1991.

BRUMER. Anita. “**Gênero e agricultura: a situação da mulher na agricultura do Rio Grande do Sul**”. Revista Estudos feministas, publicação nesta coleção 13 Out 2004. Acesso em maio de 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/vz3j55w5HNq95Kj5QQkqFCR/?lang=pt#>

CARRION. Raul. **A ditadura não foi uma criação de “homens maus”**. In: PADRÓS. Enrique Serra, BARBOSA. Vânia M. LOPEZ, Vanessa Albertinence. FERNANDES. Ananda Simões. (Orgs). “A ditadura de Segurança Nacional no Rio Grande do Sul (1964-1985), V.2, Da legalidade ao Golpe de 1964, Porto Alegre: Corag, 2010, v. 1,2° ed, p. 49-64, [capítulo]

CECHIN. I. Antônio. **A igreja dos pobres**. In: PADRÓS. Enrique Serra, BARBOSA. Vânia M. LOPEZ, Vanessa Albertinence. FERNANDES. Ananda Simões. (Orgs). “A ditadura de Segurança Nacional no Rio Grande do Sul (1964-1985), V.2, Da legalidade ao Golpe de 1964, Porto Alegre: Corag, 2010, v. 1,2° ed, p. 65-79, [capítulo]

COLLING. Ana Maria. “**As mulheres e a ditadura militar no Brasil**”. Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul e da UERGS – Universidade Estadual do Rio Grande do Sul. Publicado, 2017-07-13, Edição v. 10 (2004). Seção Artigos.In:<https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/HistRev/article/view/11605>. Acesso em 10 dez. 2022.

D'INCAO. Maria Ângela. **Mulher e família burguesa**. In: PRIORI. Mary Del e BASSANEZI. Carla. (Orgs). “Histórias das mulheres no Brasil”. 7° Ed. São Paulo: editora Contexto, 2004. P.187-201 [capítulo]

FALCI. Miridan K. **Mulheres do sertão nordestino**. In: PRIORI. Mary Del e BASSANEZI. Carla. (Orgs). “Histórias das mulheres no Brasil”. 7º Ed. São Paulo: editora Contexto, 2004. P.202-231 [capítulo]

FICO. Carlos. **Versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura militar**. Revista Brasileira de História, 24(47) 2004. <https://doi.org/10.1590/S0102-01882004000100003> . Acesso em 19 julho de 2023.

FLYNN, Thomas, **Jean-Paul Sartre**, The Stanford Encyclopedia of Philosophy 2012 (Spring Edition), Edward N. Zalta (ed.), forthcoming. Disponível: <http://plato.stanford.edu/archives/spr2012/entries/Sartre> . Acesso 05 abril 2023.

GOHN, M.G. **Movimentos sociais na contemporaneidade**. Revista Brasileira de Educação v. 16 n. 47 maio-ago. 2011. Acesso em: FEV 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782011000200005>

GILL, L. A; SILVA, Eduarda B. **Perspectivas para a História Oral**. In: ROBERTT, Pedro; RECH, Carla; LISBERO, Pedro e FACHINETO, Rochele. (Orgs.). Metodologia em Ciências Sociais Hoje: Práticas, Abordagens e Experiências de Investigação. 1ed.Jundiaí, Santa Catarina, Paco Editorial, 2016, v. 2, p. 107-126. [Capítulo]

GORENDER, Jacob. **Combate nas Trevas**. 5º ed. rev. e ampl. – São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo: Expressão Popular, 2014. 294 p.

GOES. Moacyr de. CUNHA. Luiz Antônio. **O golpe na educação, (Brasil os anos de autoritarismo)** Rio de Janeiro, Jorge Zahar, Edição, 1985.

KOLONTAI, Alexandra. ” **A nova mulher e a moral sexual** “. Editora Expressão Popular. 2004.

LARA. Ricardo. SILVA. Mauri Antônio. **A ditadura civil-militar de 1964: os impactos de longa duração nos direitos trabalhistas e sociais no Brasil**. Serv. Soc. Soc., São Paulo, n. 122, p. 275-293, abr./jun. 2015. Disponível em: [http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/18/1346381546\\_ARQUIVO](http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/18/1346381546_ARQUIVO) . Acesso em: 23/Jan 2023.

LAMEIRA. Rafael Fantinel. **Meneghetti e o Golpe Civil-Militar de 1964 no Rio Grande do Sul**. Anpuh 2015. Disponível em: [http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/18/1346381546\\_ARQUIVO\\_OGovernoMeneghettieoGolpede1964.word.pdf](http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/18/1346381546_ARQUIVO_OGovernoMeneghettieoGolpede1964.word.pdf). Acesso em 29 novembro 2022.

MARX. Karl. ENGELS. Friedrich. **Manifesto do partido comunista**. 2005, 4ª reimpressão, Boitempo Editorial. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/>. Acesso em janeiro de 2022.

MARANHÃO. Rebecca Lima Albuquerque. FILHO. José Eustáquio Ribeiro Vieira. **Previdência rural no Brasil**. Texto para discussão / Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. - Brasília: Rio de Janeiro: Ipea, 1990. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA 2018.

MATOS, Julia S.; SENNA, Adriana K. **História oral como fonte: problemas e métodos**. *Históriae*, Rio Grande, 2(1) 95-108, 2011.

MATTE. Marcia F. Balen. **Cuidado da saúde e defesa da vida: a contribuição do movimento social de Aratiba no sistema de saúde local e regional**. Dissertação de mestrado, 2019. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/214194> . Acesso Fev. 2023.

MEDEIROS. Catiana de. **“O legado de Roseli Nunes, um símbolo da luta pela terra no Brasil”**, MST. Org., 2018. Disponível em: <https://mst.org.br/2018/03/31/o-legado-de-roseli-nunes-um-simbolo-da-luta-pela-terra-no-brasil/>) Acesso em: 2 jun. 2023

MORAES. José Geraldo V. REGO. José Marcio. **Conversas com historiadores brasileiros**. São Paulo, editora 34, 2002.

MORISSAWA, Mitsue. **A história da luta pela terra e o MST**. Expressão Popular, 2001.

OLIVEIRA. Thais Reis. Artigo **“7 crimes que derrubam a tese de que a ditadura só perseguiu terroristas”**. 2019. Carta capital (edição semanal 3 de março). Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/politica/7-crimes-que-derrubam-a-tese-de-que-a-ditadura-so-perseguiu-terroristas/> Acesso: 10 maio 2023.

PADRÓS. Enrique Serra, BARBOSA. Vânia M. LOPEZ, Vanessa Albertinence. FERNANDES. Ananda Simões. (Orgs.) **“A ditadura de Segurança Nacional no Rio grande do Sul (1964-1985): história e memória**. Da campanha da legalidade ao golpe de 1964. Volume 1, 2ªed, rev. e ampl. Porto Alegre: Corag. 2010.

PADRÓS. Enrique. LAMEIRA. Rafael Fantinel. **1964: O Rio Grande do Sul no olho do furacão**. In: PADRÓS. Enrique Serra, BARBOSA. Vânia M. LOPEZ, Vanessa Albertinence. FERNANDES. Ananda Simões. (Orgs). “A ditadura de Segurança Nacional no Rio Grande do Sul (1964-1985), Volume 1, Da legalidade ao Golpe de 1964, Porto Alegre: Corag, 2010, v. 1, 2ª ed., p. 33-50, [capítulo]

PADRÓS, Enrique. FERNANDES, Ananda S. **Faz escuro, mas eu canto: os mecanismos repressivos e as lutas de resistência durante os “anos de**

**chumbo” no Rio Grande do sul.** In: PADRÓS. Enrique Serra, BARBOSA. Vânia M. LOPEZ, Vanessa Albertinence. FERNANDES. Ananda Simões. (Orgs). “A ditadura de Segurança Nacional no Rio Grande do Sul (1964-1985), vol. 2, 2º ed., p. 33-48 [capítulo]

PEDRO. Joana Maria. **Mulheres do Sul.** In: PRIORI. Mary Del e BASSANEZI. Carla. (Orgs). “Histórias das mulheres no Brasil”. 7º Ed. São Paulo: editora Contexto, 2004. P.232-269 [capítulo]

PEREIRA. Natália Biscaglia. “Arquitetura em madeira: influência da imigração no Alto Uruguai Gaúcho, Repositório UFSC 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/215538>. Acesso em 15 jun. 2023.

PRIORI. Mary Del (org.) BASSANEZI. Carla (coord. De textos). “**Histórias das mulheres no Brasil**”. 7º Ed. São Paulo: editora Contexto, 2004. Disponível em: <https://democraciadireitoegenero.files.wordpress.com/2016/07/del-priore-histc3b3ria-das-mulheres-no-brasil.pdf> . Acesso em 28/03/2023.

ROSA. Genésio Mario da. SILVA. Darlan Weber da. FLACH. Kauane Andressa, JUNIOR. Jefferson Alves da Costa. “**Uso e manejo de agrotóxico em propriedades rurais no norte e noroeste do estado do Rio Grande do Sul**”. Revista Concilium, Vol. 22, Nº 3, 2022.

SARTI. Cynthia A. **O início do feminismo sob a ditadura no Brasil: o que ficou escondido.** USP, 1998. Texto preparado para apresentação no XXI Congresso Internacional da LASA (Latin American Studies Association), The Palmer House Hilton Hotel, Chicago, Illinois, 24-26 de setembro de 1998. Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/105335167/O-inicio-do-feminismo-sob-a-ditadura-no-Brasil-O-que-ficou-escondido#> Acesso em nov. 2022.

SARTRE. Jean-Paul. **Existencialismo é um humanismo.** Tradutora: Rita Correia Guedes Fonte: L’Existentialisme est un Humanisme, Les Éditions Nagel, Paris, 1970.in:http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/sugestao\_leitura/filosofia/texto\_pdf/existencialismo.pdf. Acesso abril 2023

SARH. Secretaria da Administração e dos Recursos Humanos, Rio grande do Sul. Departamento de Arquivo Público. “**Catálogo resistência em arquivo: memórias e histórias da ditadura no Brasil**”/ Coordenação de Nova Marques Brando... [et al.] – Porto Alegre: CORAG, 2014.

SEMINOTTI, Jonas José. **Participação e fé: o papel da igreja na formação das organizações sociais populares: região alto Uruguai do RS (1974-1990).** UPF, 2007. Dissertação de mestrado em história. Disponível em: <http://tede.upf.br:8080/jspui/handle/tede/58>. Acesso janeiro de 2023.

SEMINOTTI, Jonas José. **Os Agricultores Familiares e a Representação Política Do Sutra na Região Alto Uruguai do RS.** UFPR, Tese Doutorado, 2013. Disponível

em: <https://www.acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/31781/R%20-%20T%20-%20JONAS%20JOSE%20SEMINOTTI.pdf>. Acesso janeiro de 2023.

SILVA. Paulo R. **Memória e história de Eva Peron**, revista Hist. São Paulo, n.170, p 143-173, jan-jun., 2014. Disponível: DOI: [10.11606/issn.2316-9141.v0i170p143-173](https://doi.org/10.11606/issn.2316-9141.v0i170p143-173). Acesso em: 20 fev. 2023.

SILVA. Daniel Neves. **“Fidel Castro”**; Brasil escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/biografia/fidel-castro-ruiz.htm>. Acesso em 20 fev. 2023.

SOUZA, Aline H. de; HERNANDES, Antônia da Luz. FONTANELLA, Carlos H. Beal, TORRENTES, José Vinicius G. **História Oral**. Disponível em :<https://www.faq.edu.br/novo/pg/congressoeducacao/arquivos/2022/HIST%C3%93RIA%20ORAL.pdf>. Acesso em:21/07/2023

SOUZA. Warley. **“Simone de Beauvoir”** (literatura) (s.d) disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/literatura/simone-de-beauvoir>. Acesso em fevereiro de 2023.

THIOLLENT. Michel. **Maio de 1968 em Paris: testemunho de um estudante. Dossiê Maio de 68**. Tempo soc. 10 (2), out 1998, 11 maio 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-20701998000200006> . Acesso: 24 jul. 2023.

TONDOLO. Aline. **Sociedade brasileira e as questões de gênero: a atualidade de Simone de Beauvoir**. UNIJUI, 2018. Disponível em: <https://publicacoeseventos.unijui.edu.br/index.php/conabipodihu/article/download/9334/8002/38914>. Acesso:20 jun. 2023.

TORRES. Lígia. **Alexandra Kollontai os anos da revolução**, 2021. Por Lígia Torres em edição da Sundermann 2007. Disponível em: <https://capiremov.org/experiencias/alexandra-kollontai-os-anos-da-revolucao/>. Acesso em: 7 jun. 2023.

TORRES. Luana Gonçalves. **Luta Armada na ditadura brasileira: a experiência das mulheres nas Forças Armadas de Libertação Nacional em Ribeirão Preto**. 2017. Disponível em: : <https://rd.uffs.edu.br/handle/prefix/2043>. Acesso em: 29 jun 2023

U. Alves da Silva. **Revisitando uma biografia: um bate-papo com Fidel Castro**. *Revista Eletrônica Da ANPHLAC*, 20(28), 483–488. <https://doi.org/10.46752/anphlac.28.2020.3858>. Acesso em: 23 mai. 2023.

VAINFAS. Ronaldo. **Hemoerotismo feminino e o santo ofício**. In: PRIORI. Mary Del e BASSANEZI. Carla. (Orgs). “Histórias das mulheres no Brasil”. 7º Ed. São Paulo: editora Contexto, 2004. P. 98-118 [capítulo]

WASSERMAN. Claudia. **O golpe de 1964: Rio Grande do Sul, “celeiro” do Brasil**. In: PADRÓS. Enrique Serra, BARBOSA. Vânia M. LOPEZ, Vanessa Albertinence. FERNANDES. Ananda Simões. (Orgs). “A ditadura de Segurança Nacional no Rio Grande do Sul (1964-1985), Volume 1, Da legalidade ao Golpe de 1964, Porto Alegre: Corag, 2010, v. 1,2º ed., p. 51-69, [capítulo]

Publicações on-line

“**CNV e mulheres**”, [s.d]. Disponível em: <https://memoriasdaditadura.org.br/cnv-e-mulheres/>. Acesso em 07 abr. 2023.

CNV-Capítulo 10. **Violência sexual, violência de gênero e violência contra crianças e adolescentes**. CNV, 2014. Disponível em: <http://cnv.memoriasreveladas.gov.br/> Acesso em: 05 abr. de 2023.

“**Conquistas do feminismo no Brasil: uma linha do tempo**. Nossa Causa, março, 2020. Disponível em: <https://nossacausa.com/conquistas-do-feminismo-no-brasil/>). Acesso: 10 mai.2023.

“**Congregação Santo Agostinho comemora seis décadas de atividades em Erechim.** ” 19/08/2017. Notícias da URI- disponível em: [https://www.uricer.edu.br/site/mostrar\\_noticia?id=7280](https://www.uricer.edu.br/site/mostrar_noticia?id=7280))

“**1983-1984 Povo exige ir nas ruas: Diretas já**”. Memorial da Democracia, [s.d] disponível em: <http://memorialdademocracia.com.br/card/diretas-ja>

**Origens do golpe**. Memoria da ditadura. Org. [s.d] disponível em: <https://memoriasdaditadura.org.br/origens-do-golpe/> . Acesso em 20 dez. 2022.

**Legislação**, portal do governo brasileiro, [s.d] Disponível em: <http://www.planalto.gov.br> Acesso em dezembro de 2022.

**O Estado de SP**. Edição de 22 novembro 1987, p. 33.

Disponível em: <https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19871122-34583-nac-0033-999-33-not>. Acesso em 20 jan.2023.

**Sutraf presta homenagem a Paulina Balen:** Líder comunitária e sindicalista de Aratiba morta em 1996 é reconhecida pela luta em favor de justiça social e aposentadoria da mulher rural. 20 junho 2018. Disponível em: [www.jornalbomdia.com.br](http://www.jornalbomdia.com.br) . Acesso em 13 jan 2023.

## APÊNDICES

Entrevistas elaboradas e realizadas para construção do trabalho de conclusão de curso.

### ENTREVISTA PARA CONSTRUÇÃO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

-Entrevistada: Irmã Lydia Fernandes e Irmã Abigail Viola

-Profissão: professoras e membros da Congregação Irmãs de Santo Agostinho

-Local da entrevista: Erechim RS (residência)

-Data: 16 junho de 2023

Entrevista concedida à : Daniele Carneiro de Araújo

### Roteiro

Contextualizar o trabalho e a temática. Apresentar as questões que nortearão a entrevista.

### Questões

- 1- Um pouco sobre a história de vida; profissão, engajamento político.
- 2- Atuou em algum movimento político, qual e em que período?
- 3- Que papel desempenhou, foi de protagonismo?

- 4- Referente ao contexto que permeia a temporalidade desse trabalho (décadas de 1970, 1980 até 1989) época da ditadura civil militar em nosso país, como era a atuação desse movimento quais desafios e limites teve de enfrentar no período?
- 5- Como era a participação das mulheres e o papel desempenhado por vocês?
- 6- Em sua opinião qual importância da luta dessa organização/movimento para as mulheres?

(A entrevista segue dialogada sem pontuar especificamente cada questão, porem foram sendo respondidas as mesmas no decorrer. Algumas informações como nome completo foram anotadas a parte assim como o diálogo e autorização para gravar e utilizar tal entrevista neste trabalho não aparecem na gravação)

Transcrição completa do áudio gravado durante o diálogo.

*Entrevistador:* contar um pouco da história de vida. Pode ir.

*Entrevistado- irmã Lydia Fernandes:* Então, a nossa congregação, ne.... porque aqui em Erechim nós somos em três irmãs e mais uma que é a irmã Chica, não sei se tu conhece ela?

Entrevistador: ainda não

Mas nós moramos em três nessa casa e ela mora sozinha lá, por causa do trabalho e coisa, aí quando a primeira irmã queria assim uma congregação nova de irmãs que não usassem o hábito, que se vestisse como o pessoal se veste, dependendo da região onde estivesse, e naquela época a mulher, como hoje, Deus me livre, elas eram muito desprezadas, muito faladas, inferiorizadas, aí ela teve essa ideia, foi lá falar com o padre Pedro, que era o padre da paróquia, né, aí ela foi lá e o padre Pedro olhou assim pra ela, que tava numa época difícil, o que será que essa mulher vai fazer com essa menina, ela tinha 18 anos, imagina, o pai dela não queria, né, de jeito nenhum, mas ela foi, aí o padre Pedro foi orientando ela, conversando e tal, e aí depois, quando ela já tava assim um pouco mais assim, ele disse assim, bom, então você vai me arrumar mais companheiras, porque você sozinha não dá pra fazer o trabalho que precisa aqui, que era o trabalho com as mulheres, né, aí ela foi, trouxe quatro, então eram cinco, e ela era a que tinha a ideia, a fundadora, né, aí elas começaram, na noite de Natal de 1597, elas fizeram a consagração à Nossa Senhora, Mãe de Deus, e a congregação ficou com o nome, Congregação de Nossa Senhora Cônegas de Santo Agostinho, aqui na região a gente é conhecida como as Irmãs de Santo Agostinho,

porque é um nome muito comprido, né, então são as Irmãs de Santo Agostinho, aqui nessa região, né, que a gente é conhecida. E e aí toda a congregação faz educação, né, o nosso carisma, né, nosso compromisso é com a educação, né, e a gente tem várias frentes de trabalho no Brasil, não é só colégio formal assim, nós daqui mesmo, aqui nós temos um grupo de 60 mulheres de várias igrejas, que elas vêm aqui pra aprender a crochê, pintura, bordado, e depois elas vendem essas coisinhas e compram a comidinha pra família, né, porque elas moram aqui, beirando os trilhos do trem aqui, são muito pobres, elas são muito pobres assim, né, então aqui de segunda a quarta elas estão aqui, né, e são mulheres assim muito sofridas, sabe, o marido deixou delas, ficaram com os filhos, e olha, é uma história assim, sem fim a gente proporciona também alimentos pra elas, né, pra ajudar, e assim nós tamo.

Mas nós estamos aqui, nós trabalhamos com as mulheres desde 62, 63 ali, época da ditadura, né, eu tava em São Paulo naquela época, amanhecemos... uma manhã e dentro, ao redor da nossa casa, ela tava cheia de gente vestida de militares, digo, meu Deus, que que é isso, eram os militares, né, e eles quiseram entrar no nosso colégio ali em São Paulo, porque nós tínhamos uma irmã que trabalhava com a JEC, juventude estudantil, né, já trabalhava, e daí eles queriam entrar pra pegar essa mulher chefe, não sei o que iam fazer com ela, aí eu tava lá também, tinha outra irmã, era uma irmã inglesa, forte, né, e ela disse assim, e o meu nome era Maria das Neves, naquela época, mas de registro eu sou irmã Lídia, bom, aí ela me chamou, gritou, irmã Maria das Neves, me ajuda, tipo, meu Deus, vem aqui que eles querem entrar no colégio, me ajuda a fechar essa porta, aquela porta de entrada, assim, barroca, sabe, pesada, essa mulher empurrava, empurrava eles pra fora e, ó, fechamos a porta, porque se eles tivessem entrado, eles tinham feito um festerê lá dentro daquele colégio.

Sabe, aí nós, as irmãs, trabalhamos com a educação, né, e conforme a necessidade que tem nos lugares onde nós estamos, a gente faz o trabalho, né, formal o governo dá, né, o município dá, agora essa educação informal que nós fazemos, né, e a gente já fala das coisas populares também, e já fala também de Deus, das várias igrejas, e elas gostam muito, assim, sabe, aqui também nós temos um curso de violão, as crianças podem emprestar o violão pra eles, né, temos também reforço escolar, as crianças, e também eles têm assim a, é só assim que as mulheres que não estudaram estão aprendendo a ler e escrever, precisa ver, porque as mulheres do tempo lá, de 1597, não sabiam ler, não sabiam escrever, e aí o padre Pedro lá, ele ficou

preocupado, ele disse assim, o que que essas meninas vão fazer? Elas também não têm estudo, não têm nada, eu vou ter que ir pra ver, mas ele era pedagogo, né, ele também era formado assim, né, em advocacia e tal, ele era um homem assim bem sabido, e quando o papa mandou ele escolher uma paróquia, ele escolheu a mais pobre que tinha na época, que era na Lorena, Mattaincourt, na França, e assim é que começou a história, aí ele já tinha feito trabalho com um colégio de meninos, que mulher nem se falava, né, mas aí depois, quando as mulheres chegaram, ele foi assim, assim preparando elas, aí elas começaram a trabalhar, então elas davam assim, artes, né, também ensinavam ler, escrever, essas coisas, né, e quando eles viram, estavam em 16 paróquias já, fazendo o trabalho, se expandiu, porque era necessário, né, e as mães dessas meninas trabalhavam assim, tingindo as sedas, ficavam com as mãos tudo, né, do sal, tudo em carne viva assim, aí foi feito um trabalho também com elas, e assim é a história da congregação, né.

E Nossa Senhora apareceu pra essa primeira irmã, o Alix, e disse pra ela, ela tava com uma criança no colo, ela disse, toma e faz o meu filho crescer, então ela teve que, então nós temos aqui, ó, o símbolo, né, da Nossa Senhora com a criança e ela pegando a criança no colo, né, então o nosso carisma, o nosso compromisso é esse, é com as mulheres também, mas não excluimos os homens nem os outros, né, a gente já às vezes fazia reunião junto com os homens também, mas tinham os homens assim, né, porque aqui na região era época dos movimentos populares, né, então tinha movimento das mulheres trabalhadoras rurais, que nós trabalhamos, da Roça, né, e agora nós temos aqui da cidade também, né, aqui tem 60, né, que tão aí, né, e elas são muito legais também. Aí naquela época tinha Movimento Sem Terra, Movimento das barragens, Movimento das Mulheres Trabalhadoras Rurais, Movimento Bíblico, Ceb, centro ecumênico de Estudos Bíblicos, Pastoral da Terra, tinha, né. E os sindicatos também eram machistas, né, em vez deles acolher as mulheres, não só os homens, e ainda podia se aposentar meio homem, só, meio salário, né, nós dizíamos que era meio homem, meu pai também era um deles, meu pai também, aí começamos a conversar e o sindicato ajudou muito, porque aí a mulher se sindicalizou, né, que ela não era associada, hoje ela tá lá dentro, ela tem voz ativa, né, e ajuda, né, então ela se sindicalizou e nós organizamos com elas a questão da aposentadoria também, porque aposentadoria era uma coisa que nem se falava, nem se cogitava a mulher, né, mulher rural, né, a mulher trabalhadora rural, né, não a urbana, né.

Porque a urbana já é outro papo, que elas trabalham diferente aqui, né, elas trabalham assim como diaristas, né, ganham muito bem, ganham melhor do que eu como professora do estado, porque nós somos, nós somos professoras do estado, aposentados, porque a gente tinha que ter um trabalho pra ter o que comer, né, então meio dia eu trabalhava com escola, assim, né, mas a gente sempre trabalhou com crianças muito pobres, né, eu ensinei a ler, depois teve o fundamental, sexta e sétima série, depois fui pro segundo grau, né, então a gente, né, agora é bem interessante esse trabalho, né, porque naquela época tinha muita luta, o sindicato, sabe, aqui em Erechim você reunia assim cinquenta mil pessoas, eles vinham tudo naquele caminhão assim por cima que era um perigo, sabe, nessas estradas aqui, tudo assim, né, mas eles vinham, fizemos uma reunião das mulheres aqui da região, também tinha mais de trinta mulheres aqui em Erechim, então foi uma época assim do auge, né, mas a gente não trabalhava só isso, né, associação da mulher no sindicato e depois a questão da aposentadoria, né, a gente trabalhava também a situação da mulher, e como elas não queriam falar muito certas coisas, nós fazíamos teatro, daí tu precisava ver os teatros, elas faziam, como é que os homens tratavam ela, como é que os filhos faziam, que situação de trabalho ela tinha, nossa, era uma coisa assim, e elas não contavam para as reuniões, a gente fazia um cronograma assim, né, e tinha, e elas vinham para as reuniões, daí a irmã Bega continua agora, ensinava a cozinhar, ensinava.

*Entrevistada-Irmã Abigail:* A gente tinha que ter sempre uma isca para atrair as mulheres, então nós falávamos também sobre saúde, sobre alimentação alternativa, e a gente confeccionava pratos com elas, para elas fazerem uma comida diferente, mais saudável em casa, e elas vinham e gostavam muito desse trabalho, e a isca nossa era sempre então o prato, ou o acolchoado, ou então falar sobre saúde, que elas nunca tinham ouvido falar sobre os oito sistemas do nosso corpo, como é que funciona, porque a maioria das mulheres, elas são analfabetas, elas não tiveram oportunidade de escolaridade, e isso dificulta bastante, né, dificulta bastante, porque por tudo elas tinham medo de chegar, elas tinham medo de exigir os seus direitos, elas tinham medo de ir nas repartições públicas para conversar ou para saber por onde que elas tinham que caminhar, elas tinham muito, muito receio, e a gente com as conversas que a gente fazia com elas, elas iam despertando, para ir lá exigir os direitos e também tudo que elas podiam pegar para melhorar a vida delas, elas foram,

foram lutando sempre. Hoje nós encontramos nos bancos, elas dizendo, olha, já me aposentei, estou aposentada, agora está tudo diferente, não é mais que nem aquela época que a gente fazia os encontros, porque se libertaram muito, a mulher começou a ter voz e vez, porque ela não tinha, ela não era, ela não era representada nos sindicatos, não era representada em lugar nenhum, mulher sempre teve essa, o machismo sempre superou, e ainda supera, porque as mulheres não estão totalmente libertas, umas que lutam e se libertam, mas a maioria ainda é muito submissa.

*Entrevistada Irma Lydia:* É que a educação, né, porque aqui na nossa região a maioria, elas eram filhas de imigrantes, né, italianos, alemães, poloneses, que vieram para cá, né, então, assim, o negócio deles é trabalhar, tem que produzir, tem que trabalhar, tem que fazer, às vezes elas iam na escola no primeiro ano, nem terminavam o primeiro a série, o pai já não mandava mais porque ele precisava na roça, de mão de obra, então eles tinham bastante filhos também, então elas iam trabalhar, então a vida da mulher é trabalhar, até hoje é assim, se ela não trabalha na roça, trabalha na casa, ou vai de diarista ou alguma coisa assim, né, então não é fácil a vida da mulher, é complicado, mas como ela começou a participar dos sindicatos, lá eles tinham palestras e conversas, agora não era só o homem, mas tinha mulher também, e até aí alguma filha, algum filho também junto, então aí começou toda uma dinâmica, né, uma luta toda, lembro que a gente ia com elas para Brasília, para exigir os direitos dela, fomos para Porto Alegre, não sei quantas vezes com elas também, porque elas tinham tipo uma diretoria, um grupo que dirigia, né, e esse grupo era formado por elas, nós éramos ajudantes, mas não era as freira que tinha que fazer, porque tinha que fazer elas, porque elas estavam precisando daquela coisa. Então quando a gente ia para Porto Alegre, meu Deus, enchia aquela capital de gente, porque vinha ônibus e tudo que era lado daqui da região e dos outros lugares também, a fronteira, por exemplo, Bajé, Uruguaiana, toda essa região aqui, meu Deus, você precisava ver, era lindíssima quando a gente chegava lá, né, e a gente ia lá para reivindicar os direitos, elas que subiam no caminhão, que falavam, e a gente tinha ajudado a preparar assim, né, porque precisa de alguém que acompanhe, que ajude, mas elas foram maravilhosas, meu Deus.

Quando nós fomos para Brasília, né, aí elas estavam “pê da vida”, aí elas levaram uma sacola, e dentro da sacola elas colocaram farinha, sementes de milho, de feijão e arroz, e nós fomos na reunião dos, lá da câmara, dos vereadores(deputados) lá, aí

quando chegamos na porta, nós em calça comprida, eles não queriam deixar entrar, porque lá não pode entrar de calça comprida as mulheres, pra entrar de saia, até hoje assim, ah não, mas nós somos de longe, nós precisamos falar com os deputados lá, né, menina, nós entramos naquele salão, acho que tinham 600 homens lá, como sempre, tinha e tem, e tem o senado também, mas o senado nós não, porque lá tinha mais, , a maioria era homem, né, aquela época tinha, acho que não tinha nenhuma mulher, depois é que elas começaram a entrar na política, e acho que o último lugar que a mulher vai entrar vai ser nas igrejas, porque a religião é mais complicada, mas as outras coisas elas já estão, né, estão entrando assim, né, bom, chegamos lá, daí os deputados falaram, tem aí as mulheres, vocês estão vendo, nós entramos umas 300, e nós quieto, porque se eles não falarem positivo, eles vão levar um banho de farinha e de sementes como nunca levaram, bom, mas tava tudo preparado, né, aí ele começou a falar, tá, tá, tá, pois é, os direitos da mulher, pois é, mas tem o que ver dos homens também, porque tem o trabalhador rural, claro, tava com meio salário, e foi, foi de repente as mulheres começaram a tirar o casaco, botaram uma blusinha que tinha... Camiseta do movimento. É, todo o negócio do movimento, descemos lá pro meio deles, enchemos eles de farinha, de tudo que era tipo, de semente, mas olha, foi, foi assim uma coisa maravilhosa, eles não gostaram nada, botaram a boca no mundo, mas nós, as mulheres diziam, não, nós não podemos continuar assim, nós somos mãe da sociedade e mãe da outra metade ainda, né, porque tem os homens, vocês aqui, vocês são filhos de uma mulher, ficaram na minha barriga nove meses, que isso, agora vocês falam uma coisa dessa e ó, nossa, elas estavam muito... Tinha umas ótimas, né, tinha ali de Aratiba, tinha de Erval, tinha de tudo que era lugar aqui da região, né, as mulheres, e depois tinham as outras lá, nas fronteiras de outros municípios aqui do estado, né, Menina, foi assim, né, acho que tinha uns 30 ônibus que foi, e lá tinha o lugar onde eles recebem, assim, os trabalhadores quando vão, né, daí nós ficamos tudo lá, mais do que nós viemos lá de noite, porque era tudo beliche assim, né, aí elas diziam assim, viu o fulano que ficou com o cabelo todo branco de farinha, aí elas tinham comentários pra fazer, comentaram, comentaram, meu Deus, aquilo era uma festança pra elas, e nós tinha levado comida, né, porque lá não ia ter, então levaram salame, queijo, pão, de tudo, né, e a gente foi comendo pelo caminho e comemos lá, porque nós ficamos lá três dias, aí depois de volta ainda tinha comida e viemos de volta. Depois teve avaliação em todos os grupos, mas aí a coisa começou a se mexer mais, né, porque aquela conversa, só que não quebramos nada como

fizeram essas agora, mas favor, né, se Bolsonaro, por favor, olha, esse homem, ele precisaria ficar na cadeia, mas não vai ficar, porque ele é militar, né, mas ele não pode ser reeleito, pelo amor de Deus, porque aí sim, aí estamos lascadas.

E naquela época o Lula também ajudava a gente, tinha o Olívio Dutra, né, o pessoal do PT, assim, nos ajudou muito naquela época, assim, que a gente tava trabalhando a questão dos direitos da mulher, né, e do jeito que ela era tratada, e depois nas famílias também, né, como é que era, então nas nossas reuniões que a gente fazia, assim, na, assim, nos municípios, a gente, e a gente ia lá no sindicato, aí as reuniões eram feitas no sindicato, e lá aprendiam a fazer o prato, ou fazer o acolchoado, o que elas precisavam, né, e aí depois a gente conversava sobre a situação da mulher. Meu Deus, mas precisava ter homem que torcia o nariz e o bispo dizia assim, é? Agora, os casais estão se separando porque as freiras vão lá falar dos direitos da mulher, machista do diacho, né, mas olha, o machismo não é tão fácil de você tirar, né, não são todos os homens que são assim, mas tem muitos ainda, e a mulher cria criança machista, né, ela tinha que mudar o jeito de criar, e daí a gente conversava sobre isso também, né, que a gente tem que mudar o jeito de criar os filhos, de educar, né, e foi conversa assim, bom.

O Alto Uruguai aqui ficou assim, pegando fogo, sabe, foi muito bom, muito bom, e a gente também trabalhava, então ligava, assim, os direitos da mulher com aquilo que Jesus também ensinou, e o que ele ensinou, o projeto que ele tinha e o projeto que a sociedade tinha, que é um projeto capitalista danado, vamos explorar os outros, e elas muito exploradas, porque eu também sou filha de agricultor, então a gente produzia, depois vinha trazer aqui Erexim, vinha numa carrocinha pra vender, e sempre se ganhava pouco, uma bolsa de trigo, pagava 40 pila, imagina, né, que se viu quanta farinha ia dar isso aí, um monte, né, e assim por diante, e depois com os sindicatos, então eles começaram a ter os documentos aqueles, né, o modelo 15 que chamava, né, e aí com esse modelo 15, eles iam começando a melhorar a questão da aposentadoria, era um documento, mas a mulher, era só ele que botava o nome, aí elas começaram a botar o nome também no documento, né, então ela começou também a participar do direito que ela tinha também. E assim foi, sabe, agora os filhos delas, a maioria não ficou no campo, na nossa, a maioria tá aqui na cidade ou outras cidades, eles vieram estudar, agora parece que aqui a Universidade Federal tá fazendo um trabalho assim pra que eles também voltem lá pra fazer um trabalho, né, mas depois, 1970 por aí começou a Era dos Venenos, né, aí a Emater ia lá falar sobre,

os venenos e faziam as contas no quadro, olha quanto vocês vão ganhar, dinheiro, sabe, capitalismo, né, aí quando começou esse negócio, aí a coisa pegou fogo, aí então era assim, nós tínhamos o grupo da Pastoral da Terra, a gente formou um grupo, tinha três padres que iam e mais nós duas e mais tinha também uma das mulheres que iam, tinha também do movimento também deles, e a gente ia lá, então a gente falava, mostrava que não é verdade isso, que veneno não presta, estraga a natureza e tudo, então a gente ia falar, aí a Emater vinha atrás e destruiu o que nós tínhamos falado, eu sei que foi um momento difícil, mas agora as terras do Alto Uruguai estão tudo envenenadas, infelizmente estão.

*Entrevistada Abigail Viola:* A toda região não tem mais, eles falam em coisas orgânicas, mas a gente sempre está desconfiando, né, porque eles falam que é orgânico e não é orgânico.

*Entrevista Lydia Fernandes:* É porque depois eles foram organizando assim as feiras, a primeira feira foi essa que tem aqui perto do seminário ali, essa foi a primeira feira que foi feita, agora tem, quase todos os municípios tem, aqui tem três, quatro, aqui na cidade de Erechim, né, mas a coisa não foi fácil e esses venenos acabaram com a natureza, a mãe-terra está gritando ainda, gritando porque foi difícil, daí as mulheres também ajudavam a conversar sobre isso e elas começaram a questionar os maridos e coisa, não vamos botar veneno, isso faz mal para a saúde, não tinha tanto câncer aqui na região como tem agora, por que? Por causa dos venenos, né, então planta aquela coisa, bota veneno, né, e aqui era tudo gente pequeno, agricultor, não era gente fazendeira, não tem fazendeira aqui nessa região do Alto Uruguai, né, tem um outro que tem um pouco mais, mas a maioria é assim, tem um pedacinho de terra, uma colônia de terra, são 25 mil metros quadrados, ou meia colônia de terra, é pouco, lá onde você está morando você já deve ter visto isso.

*Entrevistador:* bastante vizinhança, mas é, sítio pequeno

*Entrevistada Lydia Fernandes:* os sítios são tudo pequeninhos, né, porque quando os imigrantes vieram para cá, para eles tinha sobrado só isso, diz que os poloneses foram os que receberam as terras mais assim montanhosas, porque aqui nas costas do Uruguai, né, é tudo assim, então mais para cá, depois quando chega ali Getúlio Vargas, mais para lá, então vai ficando plana até chegar na fronteira, a fronteira é toda

plana, mas lá foram os portugueses, a minha, meu pai era português, né, e a minha mãe era de origem italiana, ele veio trabalhar no Brasil e tal, ficou aí, gostou muito e quis ficar aqui em Erechim, não quis trabalhar mais para os fazendeiros do café em São Paulo, né, então toda fronteira é dos portugueses, os italianos estão lá, né, em Caxias, com as uvas e coisas, né, Caxias, bem naquela região, né, e os alemães estão beirando o rio, porque eles plantavam bastante coisa e é bastante umidade, né, na beira dos rios, quando não dá enchente, né, e os poloneses ficaram no resto dos morros que tinha, das montanhas que tinha, coitados foram, pegaram as piores terras, né, que tinha mais dobrado, mais barranco o morro, né, pedra, pedra, por isso que a gente vê muita mata aqui ainda, né, é porque a terra não era produtiva, tinha muita pedra, muito, né, muito barranco, quer dizer, assim, plantar com espingarda e colher com laço, né, que eles dizem. É, mas era a do meu pai também, tinha que subir assim, depois tinha um pedacinho mais plano lá em cima e deu, né, tudo com montanha, né, não era uma coisa assim como os da fronteira, agora, hoje é tudo maquinário, mas aqui os que estão mais perto do rio Uruguai ainda continuam, né, porque eles não podem comprar um trator, né, nem uma ceifadeira, mas aqui, por exemplo, Gaurama, aqui é mais plano, aqui ainda tem alguns que tem, Viadutos, agora Marcelino já lá é muito montanhoso, porque é tudo à beira do rio Uruguai, né, Erval Grande, Aratiba, Barra do Rio Azul, toda essa região aqui, porque nós íamos em todos esses lugares, então a gente conheceu de perto, né, as mulheres e tinha bastante agricultores, vai hoje para tu ver quantos tem, tem pouquíssimos.

Mas eles, cada município tinha um sindicato, né, e isso também salvou muito porque daí a mulher foi exigindo seu direito, e assim elas chegaram até a aposentadoria, agora as filhas, se tivessem ficado lá, poderiam ter, né, mas elas vieram aqui para a cidade, vieram estudar, umas foram mais para outros lugares, outros países até, então a nossa região ficou com menos gente, menos, mas a luta continua, a batalha continua sempre, né, então esse é o histórico que nós vivemos, resumindo bem, assim, porque nós tínhamos um Fuca e a gente ia de Fuca (fusca), olha lá vem as irmãs, pois é, vamos lá, vamos conversar com vocês mais um pouquinho, né, mas era um tempo bom, foram 25 anos de trabalho que nós fizemos, aqui na região, junto com as mulheres que eram da diretoria das mulheres, né, e era tudo, elas formavam os grupos e depois elas convidavam a gente para ir, né, então nós ia, durante um mês a gente ia, passava uma vez por mês cada grupo, assim, né, às vezes levava um pouco mais de tempo porque era bastante, era uma região bem grande, né, que a gente ia,

mas foi um tempo bom, um tempo de luta, de esclarecimento, né, delas virem que elas tinham condições, que elas eram capazes e que elas tinham valores, né, porque a sociedade sempre tentou rebaixar, sempre se rebaixar, mas elas perceberam a luta que elas tiveram, elas perceberam que elas tinham valor, que elas podiam exigir os direitos que elas iam conquistar, como conquistaram, como conquistaram a aposentadoria delas e outros direitos também, né, mas tivemos que batalhar.

Então naquela época, em todo o país tinha um pouco essas lutas, pra tudo que era lado, né, e aqui também foi forte, foi bom, porque a mulher era considerada inferior, burra, não sabe nada, mulher é pra trabalhar, é pra ajudar o marido, servir, e nas igrejas é a mesma história, você vê se tem alguma mulher rezando a missa lá, não tem, ela tá lá pra levar água pra lavar a mão, sabe, distribuir a comunhão, né, essas coisas assim, essas tarefinhas eles dão pras mulheres, pra não dizer que, mas tira a mulher da igreja, você vai ver quem que fica, é, vai ficar pouca gente, quem leva o marido e os filhos ainda pra igreja é a mãe.

Agora o nosso Papa, ele quer muito que a mulher, né, mas não tá fácil porque lá tem todos aqueles bispos lá, cardeais, e eles são idosos, e eles não gostam do Papa, eles não gostam do Papa, porque ele é mais aberto, valoriza as mulheres, ele botou já duas mulheres no Vaticano lá, secretárias, conseguiu. Ele quer que as mulheres também participem das decisões, né, isso é bem difícil, bem difícil. Mas acho que todas as igrejas é um pouco assim, as mulheres têm dificuldades de participar, quem tá na diretoria, quem é? O homem, né, e não é só na nossa igreja católica, em todas, porque quando a gente conversa aqui com as mulheres, elas falam, elas falam. Um dia eu tava num grupo, eram todas de outras igrejas, só eu que era católica. Então a gente não pode tá falando coisas que ofendam elas, porque a igreja católica ofendeu muito, mas a gente conversa e elas gostam, daí elas, nós tínhamos uma cruz assim no peito, elas falam assim, mas irmã como que é isso, mas Jesus não saiu da cruz, ele não ressuscitou, né, ressuscitou. Aí eu disse pra Provincial, vamos ter que usar uma outra, um outro símbolo aqui, porque o pessoal, dependendo de onde você está, né, quem é de outras igrejas não vai gostar, elas gostaram desse aqui, esse aqui elas gostaram. Então a gente tá aí, né, funcionando sempre. Aqui nós estamos fazendo uma horta comunitária com elas, agora vamos ensinar a fazer uma horta aérea também, pra elas poderem fazer lá em casa, porque elas não têm terra. Mas elas estão ali num casebre, ainda que aqui no Rio Grande do Sul é de madeira, né, casinha,

mais quente, mas se fosse lá pra cima, São Paulo lá pra diante é tudo, né, os índios, coitados também, né, vivam naquelas, então complicado.

Você é de que origem?

*Entrevistador:* Meu pai é baiano e minha mãe paranaense, mas meu pai é assim também, então eu me coloco como uma pessoa negra, eu me declarei já também no IBGE como uma pessoa negra. Minha mãe também, ela não é branca, ela é assim da cor, parecida com a minha, só que essa é uma questão, assim, que acho que a gente cresce, né, nesse mundo preconceituoso, num país preconceituoso, que eu acho que da minha família eu sou a que mais tem isso comigo, de se reconhecer e me colocar nessa origem, de ser descendente de uma pessoa negra....e provavelmente escravizado, quando eu comecei agora a pouco tempo a olhar um pouco ... a minha história, principalmente o lado da família do meu pai, ele vindo da Bahia, que é uma região onde primeiramente chegou muitos escravizados, né, então provavelmente se eu começar a olhar bem bisavô, tataravôs, alguém, com certeza deve ter sido escravizado.

*Irmã Lydia Fernandes:* E o Nordeste teve muita escravidão, né, nós somos uma vez, porque nós temos as irmãs que trabalham no Ceará, em Goiânia, né, então nessas regiões aí, e a gente viu lá o que que os negros tinham que fazer nas igrejas, tinham que colar aquela coisa de ouro, assim, quando tu entra na igreja brilha aquilo, sabe, mas quem que fez?

Quando tu vai pra Santos, ali em São Paulo, tem todos aqueles viadutos, né, quantos que morreram ali fazendo aquilo, mesmo na cidade de São Paulo, né, porque ela já tem mais de 400 anos, né, então ali a escravidão foi grande, tanto assim que tem Nossa Senhora Aparecida Negra, né, porque ela foi pescada lá no rio lá, né, então ela tá dizendo, olha, eu também tô do lado de vocês, né, e você é de que igreja?

*Entrevistador:* Olha, eu não frequento nenhuma no momento, mas minha família foi muito tempo frequentadora da igreja católica, e tem alguns que são de outras religiões evangélicas hoje, tem minha irmã mais velha que é, mas é mais a católica mesmo, que a maioria frequenta.

*Irma Lydia Fernandes:* É que a católica chegou aqui com os religiosos e todos eles vinham, né, e vinham aqui e impor as coisas lá, onde eles vinham, da Europa, né, e, por exemplo, o padre de Anchieta, que foi canonizado, eles não queriam canalizar ele, santificar ele, porque ele judiou muito dos índios, né, e tinha que fazer como ele dizia, né, os mandamentos daqui, os mandamentos da igreja, não sei o quê, todas as normas, aí, mas a nossa igreja é cheia de normas e leis, meu Deus, olha, nós somos uma congregação assim que a gente, nós batalhamos, olha, em 64, até 69 nós éramos monásticas, usávamos o hábito, não podia sair de dentro de casa, só podia trabalhar assim, aí depois, em 69, então a gente disse não, porque teve o concílio Vaticano, né, em 62, e ele disse, vocês têm que fazer novas constituições e vocês têm que, né, ver como é que vocês querem. Aí nós somos lá, quando nasceu, nas origens, quando nasceu a congregação, aí a gente conseguiu romper, né, a coisa. Aí fomos tirando o hábito, devagar, aqui tem irmãos com hábito, aqui nessa região, e bem mais novas do que nós. Nós, pela idade que nós já temos, de 425 anos e fundação, era pra cá, nós, nós estamos no Brasil todas assim. A gente se veste conforme o lugar onde você vai atuar, onde você vai trabalhar, né, mas a juventude não gosta, a gente gosta do hábito. Ai, que lindo o hábito. Já vieram duas, três aqui. Porque nunca usou, né? Ai, o hábito é lindo, não sei o quê. É, foi lindo praquela época, idade média, século 16, 17, 18, 19, e até começo de 20, né, mas eu acho que hoje não é mais assim. As coisas mudaram, né, e eu sei que nós conseguimos, assim, atingir os nossos direitos de mulher na presença do Vaticano.

Aí, quando assinamos a Constituição, a gente não botou, que tinha uma superiora na casa, como tinha, né, que teria uma coordenadora. Onde tem duas, três, não precisa nem coordenadora, todo mundo tá junto, né, onde tiver mais, né, aí precisaria ter. O que o Vaticano fez? Pegou, devolveu e disse assim, não, vocês têm que mudar, não pode ser superiora. O resto eles acharam ótimo, que tinha escrito, mas, né, tinha que botar superiora. E tivemos que botar, fazer o quê? Se não eles não aprovam? Se não eles não aprovam, né. Então nós tivemos que batalhar dentro da congregação, diante do governo, da igreja. Agora, a ira de católica, muito machista ainda, muito. Olha, se você visse aqui os nossos padres aqui, tem um padre novinho aí que tá todo de batina ainda e falando, eu digo, meu Deus, mas de que século é esse cara? Sabe aquela idade média? Qual é a idade que ele tá? Vigem, Maria, que coisa, né? Então a situação da mulher ainda precisa ser muito trabalhada, porque quando a mulher comandava no mundo, acho que você deve ter estudado na história, era ela que

comandava, mas quando o homem... A época do matriarcado, né? Quando o homem descobriu que era ele que botava semente na mulher, virou tudo, aí começou. Não, sou eu, porque eu plantei a semente nela, eu que botei o espermatozoide nela. É, mas se não ela não rodar também não sai nada, né? Não tem nada. Mas olha, foi um tempo assim difícil, e de lá pra cá, porque a mulher era ela que comandava, era ela que dirigia as coisas, né? E aí ela perdeu os poderes todos. E aí estamos na luta, de muitos séculos já, muitos séculos, mas é assim, temos que ir, não é? Se você olha a Santíssima Trindade da nossa igreja, é o pai, o filho do pai e o Espírito Santo, são três masculinos, não tem feminina lá. Agora tem alguns teólogos que colocaram assim também a mulher, né? A mulher assim, aí tem aquela igreja lá de Goiânia, do pai eterno lá, que é o padroeiro. Então eles botaram o pai, o padroeiro, o filho, e o Espírito Santo é a mulher com a pombinha em cima, que a pomba é o símbolo do Espírito Santo, né? Então eles acharam essa medalha na roça, e aí começaram a formar, né? E hoje eles estão construindo um prédio lá enorme do estado do pai eterno, mas já estão com uma visão um pouquinho diferente, mas não é fácil, sabe? Não é, você não tira esse machismo, olha, agora é preciso que a mulher mude mais, que ela crie o fulano, né?

Ele tem que fazer limpeza também, ele tem que fazer comida, ele pode lavar roupa, escuta, é só o serviço da mulher. Se a mulher vai na roça ou vai trabalhar para trazer dinheiro para casa, por que que ele não pode ajudar, né? As mulheres faziam os teatros, sabe? O homem chegava em casa, no começo ele ainda lavava os pés dele, secava, dava o chinelo, aí ele ia sentar lá no sofá, ia escutar alguma coisa e ela ia trabalhar, né? Enquanto os homens descansavam, vinham da roça, almoçavam e descansavam, a mulher tinha ainda toda a tarefa da casa, né? Fazer pão e lavar roupa e não sei mais, ela não podia descansar, porque o tempo não dava, né? Aí não faltava tempo depois para colocar em ordem as coisas da casa, né? Porque a mulher sempre tem jornada dupla ou tripla, né? Sempre. Ia na roça até às vésperas de ganhar nenê, né? A minha mãe, ela ia, nossa, estava para ganhar e já tinha que o pai pegar o cavalo e buscar e ela estava lá na roça ainda, molhando. É para você ver como é que eram os papos, né? Então a mulher sempre foi tida assim como aquela que não sabe, aquela que não precisa participar de nada, que não participa de decisões nem nada, né? Tem que ficar assim, né. Então as mulheres de hoje dizem assim, mas hoje não mudou nada, ela na minha casa continua assim. Eu disse, mas você tem filho homem? Tenho. E como é que você está ensinando ele? Bota ele para passar pano

na casa também, olha essas. E fazer um pão junto com a senhora, é que aqui compram tudo feito, né. É mais difícil, mas lá na roça tinha que fazer tudo, matar um porquinho. Eu sei matar um porco direitinho. E dividir em partes e matar frango. Cada delegado não tinha menos, mas essas duas a gente tinha bastante até. Mas a coisa é assim, né? A mulher precisa continuar essa luta, né? Continuar essa formação. E eu acho que é importante que a mulher trabalhadora rural se una com a mulher urbana, porque ela também é explorada. Agora a o Lula disse que a mulher vai ganhar igual ao homem, né? Porque ela não estava ganhando igual ao homem. Nós fazemos o mesmo trabalho e ganhamos menos, né? Ele baixou um decreto, agora vamos ver se vamos pôr em prática isso. Porque ele estava dizendo ontem que tem coisas que nós decidimos que não estão fazendo. Ele não é bobo, né? Ele já viu que... Ah, sim, sim, vamos fazer, mas depois não faz, né? Quer dizer, a ditadura, se a gente der uma olhada, a ditadura continua, né? Porque está na cabeça, não é? É um tema que não envelheceu, digamos assim, né? Foi naquela época, mas os resquícios a gente está vendo hoje em dia, né? Com tudo que aconteceu ultimamente. É, eu acho que a coisa está continuando, né? Então tinha que ter um trabalho com as mulheres urbanas. Nós temos aqui 60 que a gente acompanha e vai conversando. Elas pediram espiritualidade e eu digo, tá bom, então escolhem o tema. Ah, mas a senhora tem mais conhecimento, a senhora. Digo, bom, então eu vou trazer dois e vocês vão escolher. E eu levei um que era sobre a mulher. E o outro que falava da problemática atual, né? A organização, essas coisas. Elas não quiseram as mulheres. Quiserem os problemas de agora. Elas queriam as coisas de agora, né? Ah, mas as coisas de agora não têm como deixar de falar da mulher, né? A gente tem que falar dela, né? Então para o dia da mulher, em março, a gente falou também, né? Depois tem o dia das mães, né? Que na verdade a gente comemora o dia da família, né? Porque a mãe é a que decide as coisas que faz. Mas tem muita chefe de família, é mulher mesmo. 68% das brasileiras são chefe de família. Porque o homem começou e depois foi se embora, né? Um ou outro, sei lá. E assim foi, né? E a mulher é muito explorada, porque a gente trabalhou muito tempo. E trabalha aqui em cima, em umas vilas. Então na sexta-feira é o dia que os caminhões passam, né? Daí elas vão lá e ficam com eles o fim de semana. E aí ganham dinheirinho, né? Aí quando chegam outros dias assim, vem cá, me diz, onde é que a tua mãe está? A minha mãe foi trabalhar com o caminhoneiro. As crianças falavam, sete anos. Mas ela foi trabalhar, trabalhar porque? Para trazer comida para nós, ela disse. E muita mulher faz isso. E é levada

até para o exterior. É incrível o que está acontecendo com a questão da mulher. Então as universidades, elas deviam ser mais concretas nessas coisas, né? Conversar mais sobre isso, porque normalmente a maioria que está lá não é homem. É mulher, né? Que está estudando, né? Teria assim um campo bom para conversar sobre isso, né? Porque mesmo que não seja história, geografia, coisa assim, onde se institua mais a mulher, né? Mas qualquer um tem que falar. A psicologia, por exemplo. Eu tenho minha sobrinha que é psicóloga. Aí eu perguntava para ela, mas já falaram sobre a mulher? Nem tocaram. Ah, bonitinha essa psicologia, hein? E como é que você vai atender as mulheres que vão chegar para você e vai dizer assim, ah, meu marido me surrou, olha aqui, estou toda machucada e mostra, né? Como é que você vai fazer? O que você vai dizer para ela? Então, hoje em dia, aqui em Erechim, tem um grupo de mulheres. Elas estão armadas, elas têm uma bolsa dentro da bolsa de revolver. Porque elas mexem muito com a situação da mulher e do homem, né? Que se elas forem, de repente, ameaçadas, elas vão se defender, né? Daí minha sobrinha vai fazer estágio lá. Mas ela ficou assim, apavorada. As mulheres que tinham apanhado do marido, que tinham dado os pontapés, que tinham mandado embora da casa, que deixaram os filhos para ela criar e ela não tinha nada. Olha, eu acho que muita mulher não faz o que tem que fazer porque ela não tem dinheiro para sustentar a família, né? Era ele que trazia o dinheiro, né? Mas agora as mulheres estão trabalhando. Agora, essas que nós temos aqui, é uma clientela muito pobre e é uma clientela muito doente. É uma clientela que o marido comanda e manda, sabe. É triste ouvir elas falarem sobre a família, marido, como é que é, né.

Então, é para você ver que as coisas não mudaram muito. Não mudaram. É toda uma geração assim. Agora, essa geração mais nova que vem vindo, não sei como é que é a juventude. .... Mas é um pouco diferente. Eles estão reagindo, né? Eles estão reagindo. Então, vai melhorar mais um pouco, né? Esperamos que isso aconteça, né? Mas a juventude está legal.

Não sei se você tem mais alguma coisa que você quer saber, quer perguntar.

*Entrevistador:* Eu acho que era isso, porque eu tinha pontuado algumas questões, mas conforme a gente foi conversando, vocês foram contando e foi encaixando, digamos assim, no que eu queria saber. Que era mesmo história de vida de vocês, onde vocês atuaram, profissão. Daí a senhora já colocou, ela também. Engajamento político, que foi trabalho com as mulheres nos sindicatos e nas outras organizações.

O que vocês desempenharam também, a senhora já colocou. Falou um pouquinho sobre o contexto da ditadura também, como é que era o trabalho.

E uma última questão, daí agora uma opinião pessoal. De toda essa atuação de vocês, como que vocês colocaria, qual que é o legado que vocês deixam para as outras mulheres, digamos assim? Porque o trabalho de vocês, com certeza, é um exemplo e incentivo para outras mulheres.

Mas na opinião de vocês, qual que é o legado que vocês deixam dessa atuação?

*Irmã Lydia Fernandes:* Olha, tu sabe, às vezes eu penso assim, nós plantamos muita semente. Foram 25 anos de plantio, né? E desse plantio a gente está encontrando já algum brotinho por aí, que está surgindo. Eu, como sou religiosa, não sou casada e trabalho assim pela causa do reino de Deus, porque a palavra reino de Deus é a política de Jesus, né? Então eu disse assim, puxa vida, nós fizemos um trabalho assim, religioso e político também. Bastante político, né? Mas um político que não era questão de partido, coisa assim. Mas era uma questão de mudança, né? De justiça, de direitos. De direitos, né? Que Jesus fez também. E a gente como religiosa é seguidora do Jesus, né? Então nós vamos por aí, por esse caminho, né? Sim. Aí eu sempre digo assim, olha, quando eu chegar lá no São Pedro, eu vou mostrar minhas mãos. Ele vai dizer, as mãos dela estão cheias, então entro. Ela fez bastante coisa, né? Mas estamos fazendo ainda com essas mulheres urbanas que estão aqui, né? Sim. A gente está fazendo também um trabalho assim, devagarinho, né? Porque esse é um trabalho assim, devagar, né? Que você tem que ter sempre alguma coisa, né? Então o crochê é o meio de você. Porque no fundo, né?

Se ela tivesse o make, aquela maneira de se organizar, mas elas não têm, nenhuma delas têm. Mas elas são diaristas. Muitas delas, não todas, mas a maioria é. E a maioria é assim, dos 40 aos 60 anos. É toda uma geração assim, né? E a gente tentou ver se as jovens também quisessem, né? Mas vieram umas quatro ou cinco, né? Desse ano acho que tem umas duas ou três só. Por quê? Porque a sociedade dá tudo pronto. Então não precisa fazer nada de bonito, né? Para botar ali no banheiro, botar lá na cozinha, né? Não precisa, né?

E como elas são diaristas, elas ganham melhor do que nós, os professores, né. Às 120, 130 por tarde. Tô vendo.

*Irmã Abigail Viola:* E tem mulheres que elas trabalham, a jornada delas... Tem que aproveitar enquanto são jovens, né? Que têm força ainda. Então elas vão, às vezes elas fazem três casas. Nossa! Elas vão de manhã numa, daí de tarde em outra. E terminando ali pelas quatro, daí elas pegam mais uma outra. Então se você vai olhar assim, aquela que se dedica mesmo e faz... Ela ganha mais de 4.600 por mês. Sendo diarista. Sim. Só que a diarista não tem direitos, né? Ela tem que pagar por ela mesma, né? Ou ela tem que fazer como autônoma, né? Mas a maioria daí, parece que esse dinheiro não chega, né? Esse dinheiro ainda não é suficiente. Mas elas não querem carteira assinada. Porque perde... Se elas tiverem carteira assinada, elas não ganham auxílio, né? E auxílio é 600 reais. Daí cada filho menor de 6 anos, mais 150 a cada um. Mais 50 para cada adolescente, mais 50 para o jovem.

E aqui a dona que é pai e mãe, ganha 1.200, então para quê? Trabalhar. Vem tudo. E isso aí é uma cultura que se criou, viu? É uma cultura que se criou. Não de você lutar pelo direito que você tem, mas de você ficar dependente sempre. Se contentar com aquilo. E nós sempre dizemos assim, a gente prefere ensinar a pescar e não dar o peixe. Porque se eu te ensinar você a pescar, você toda vez vai lá e vai pescar, né? E se eu te dou sempre o peixe pronto, pra quê que você vai sacrificar por alguma coisa? Depois, sabe, aqui a nossa entidade, ela é uma entidade que tem o Conselho Municipal de Assistência Social, todas essas leis, né?

E nós, como congregação, temos outro projeto, né? Então nós somos filantrópicas, pra variar. Filantropia diz assim, ó, é a lei que diz que você tem que alcançar tudo. Não é ensinar a pescar. Mas nós estamos aqui ensinando a pescar. E fazendo trocas. Então, por exemplo, não vamos dar só cesta por dar, não. Ah, tem o pomar ali pra limpar. Então vamos limpar o pomar, no fim do dia você leva alguma coisa de alimento pra casa. Então nós estamos fazendo sistema de troca. Porque esse assistencialismo tinha que terminar. Eu acho que tu é muito mais feliz se você não vive só com o assistencialismo. Porque você luta pelo direito, pelas coisas que você quer. E se não, elas não lutam nada. É melhor ficar dormindo de manhã, depois de tarde fazer a roda do chimarrão lá. E vai lá, daí no CRAS, vai na cidadania, vai nas instituições e ganha, ganha tudo. A gente tem que mudar devagarinho. Esses auxílios, eu não sou contra auxílio. A gente não é contra auxílio. Mas tinha que ser com critérios. Por exemplo, você vem conversar comigo e eu estou mal de vida. Eu preciso ser ajudada, tenho que ter alguém que me estenda a mão. Nós vamos ajudar você. Nós vamos estender a mão pra você. Mas um determinado período. Depois você tem que se engajar num

trabalho, numa coisa assim. Pra você ganhar a sustentação pra tua casa. Então, a gente luta muito. Eu acho que o nosso alegado é de ser meia dura, viu? Nós semeamos bastante.

E estamos semeando aqui no Urbano. Mas, porque agora elas lá estão nos sindicatos. Então elas têm o sindicato que apoia e ajuda elas hoje. naquela época, até que elas entraram e se associaram. Demorou. Demorou bem uns dez anos. Mas, foi.

*Entrevistador:* Eu ia perguntar, vocês conheceram a Paulina Balen? Eu entrevistei a Márcia, a filha dela, né? E ela me contou toda a história da família e falou que a mãe dela foi uma das mulheres que atuou naquela época.

*Irmã Lydia:* Ela é lutadora. Ela é lutadora do movimento de mulheres. Coitada essa mulher. Ainda teve um fim assim, né?

Entrevistador: Sim. A Márcia falou pra mim que ainda não solucionaram o caso.

*Irmã Lydia Fernandes:* Não sabem o quê que... Não, mas isso aí é uma coisa que não dá pra ouvir, barbaridade.

*Irmã Lydia Fernandes:* Nós fizemos muito trabalho sobre isso também. Celebrações. Não assim de missa, mas celebrações da palavra, né? Na época foi assim muito bom. Então, a gente semeia. Agora depois pode vir picão no meio, pode vir...erva daninha. Sabe como é que é? O capitalismo é danado. Porque o nosso fundador, o padre Pedro, que ele era o vigário da paróquia, bem naquela época que começou o capitalismo. Quando ele chegou lá, e já em todas as igrejas nossas católicas era assim, eles não tinham o que comer, então o quê que ele fazia? Mandava fazer uma sopa grande antes da missa e deixava lá na porta da igreja. Aí, quando os pobres saíram lá da missa, eles tomavam um prato de sopa. E assim começou. Aí depois foram ajudando de outro jeito.

O jeito que eles acharam na época, só que ele vai até hoje. Até hoje é assim, pode ver como é que é. Qualquer coisa eles vão lá na paróquia, vão falar com o pastor, vão, né? O pastor é um pouco diferente que a igreja católica ainda. Tem outro sistema, né? Mas vão, né? Eles vão lá porque estão desejando. Aqui elas então recebiam linha no começo. Agora elas recebem só um cone. Um cone só, porque depois da pandemia, meu Deus, coisa... Tudo ficou dificuldade, né? E nós como filantrópica

também não podemos pegar qualquer projeto. Não dá. Porque aí eles acham um jeito de punir, de cobrar multas e etc. A gente tem que se cuidar. Porque a lei é tudo pro lado deles. Não é pro lado do povo, né? Não é complicado. Claro, os políticos se elegem porque... Se aproveitam, né? Quanta gente que votou nesse Bolsonaro. Mas olha, aqui no Alto Uruguai, quando ele ganhou a eleição, foi 72%. Eu disse, nós nós semeamos tanto e o diabo fez tudo isso. Quantos que trabalharam aqui na região, todos sindicalistas, todos. Nossa, o Anacleto é um que trabalhou bastante, o Serginho aqui na cidade. Nossa, quanto trabalho foi feito juntos.

*Irmã Abigail Viola:* O Anacleto tá na universidade agora. (*entrevistador*) Acho que sim, ele é vereador aqui.

*Irmã Abigail Viola:* É, ele é vereador.

*Entrevistador:* Eu vi esses dias que foi aprovado um projeto que ele criou pra agricultura familiar e pros jovens do campo, mas na área da agroecologia. Pro jovem permanecer no campo, achei bem interessante.

*Irmã Lydía Fernandes:* É, isso aí precisa. Agora tem um ou outro jovem que foi de volta, né? Mas são pouquíssimos, né?

*Entrevistador:* Sim. Vamos ver agora, né, com esse incentivo, pode ser que... Outros lugares também copia a ideia, porque é uma, eu achei bem interessante. Porque não é fácil mesmo de se manter no campo, né? Eu sei bem como é que é.

*Irmã Abigail:* E olha.... Tem muita dificuldade, né? É muita dificuldade.

*Irmã Lydía:* Depois depende do tempo, né? Uma chuva de pedra, pronto. Sim. E uma estiagem que nem teve esses últimos anos aí. Nossa, a produção diminuiu bastante. É, porque o nosso objetivo, assim, como congregação, é fazer crescer as pessoas.

*Irmã Abigail:* Mas a gente fez aqui uma horta comunitária. E daí as mulheres vêm. É tudo aqui, daí? É tudo aqui. É tudo. Aqui nós temos quatro lojas, que nós tínhamos tudo separado. Daí a irmã que cuida das finanças trouxe tudo aqui, botou tudo aqui junto. Então tem quatro terrenos. Um construiu o prédio, né? Sim. Outros nós fizemos um pomar e dois pra plantações orgânicas. E daí eles dizem, não, mas não dá nada

se a gente não põe aqueles defensivos lá. Não se produz mais nada. Sei bem como é que é isso.

*Irmã Lydia:* Botar um secante pra matar as matas, né? Sim.

*Entrevistador:* Nós também lá, o sitio é do meu sogro. Mas o meu companheiro, ele tenta trabalhar sem usar o veneno. Então ele tá tentando há bastante tempo bater o pé na agroecologia. Mas a gente sabe que o pessoal em volta lá, a maioria usa veneno. Todo mundo usa. Aí tem um vizinho do lado de baixo que também tentou entrar nessa coisa do orgânico também, de não botar veneno.

Mas aí nós estamos fazendo aos pouquinhos. Só que quando eles veem a terra lá, que daí o mato vem também, né? E a terra não é tão pequena assim, então não consegue produzir ela inteira e manualmente é mais difícil do que se fosse com a máquina. E a gente sabe que recebe muita crítica assim.

De falarem, não, tem que botar veneno, tem que isso, tem que, senão não vai.

*Irmã Abigail:* Quantos que foram aprovados no governo no Bolsonaro (inaudível) Vários. Nossa, que ele colocou muito mais do que já existia, ne. Sim. E a gente mostrou que a gente, com coisas orgânicas, porque nós só usamos adubo natural. E nós, os repolho era de cinco quilos.

As beterrabas, assim, com um gostinho gostoso da terra, né? Mas era outro sabor, é outro sabor, não está lisa. Nós plantamos brócolis, repolho, radite, couve, beterraba. Cinco produtos que a gente plantou. E colhemos o deles assim, colhemos muito. Feijão, por exemplo, nós...

Claro que no ar tem bastante coisas que...Veneno.... É. Tem. Porque se espalha isso, né? Sim. Mas a gente não coloca na terra.

*Entrevistador:* É, que nem nós da família, não colocamos.

*Irmã Abigail:* Então, mas nós colhemos ali. Tem dois terrenos que a gente planta. Nesses dois terrenos, a gente colhe cebola, a gente colhe hortaliças, a gente colhe feijão, ervilha. Fava. Todas essas coisas. E agora eu consegui 400 gramas de semente de lentilha orgânica. Porque essa que você tem no mercado, se você plantar,

ela até nasce, mas não produz. É, porque não tem nem nada. Ela é transgênica. Transgênica. Aí ela floresce, ela... Mas as vagenzinhas não têm o grão. Não tem quantidade das coisas. Então, nós plantamos agora. O que eu consegui aqui no CAPA, 400 gramas de semente.

Aí ele me disse assim, planta só 200. Porque vamos que o tempo não ajude e não colhe muito bem. Tem mais 200 pra plantar no outro ano pra fazer outra experiência. Então, nós plantamos um pedaço que tá bonito. Ela nasceu todinha e tá vindo, tá crescendo. Que bom.

Se continuar o tempo assim, que de vez em quando dá uma chuva, essas coisas, né? A gente vai colher. Eu me lembro que meu pai plantava lentilha. E eu não sei a metragem do terreno, né? Mas ele dizia que era um pedacinho de terra que ele plantava lentilha. E colhia quatro sacos de lentilha. É bastante. (*Entrevistador*). Sim.

*Irmã Abigail:* Quatro sacos pra uma família, ela não consome os quatro sacos. O ovo você distribui para os amigos, pra alguém da família também. Então, colhiam aqueles quatro sacos e a gente comia o ano inteiro lentilha. E ainda sobrava, né? E lentilha é uma coisa, uma produção que ninguém mais planta. Então, nós tentamos agora plantar aí. Então, nós estamos plantando cebola, plantamos fava, plantamos ervilha, plantamos cebola, alho. Alho também. Essas coisas assim. Agora nós vamos fazer a... Vamos fazer uma pequena estufa, porque no verão aqui se não tiver estufa, não produz.

*Irmã Lydia:* Aqui é morada do sol, é muito forte o sol aqui. É muito quente, é muito quente o sol. Ele queima tudo. Coisas de folha não dá, ele queima, porque é muito quente. Aí o vereador lá...O Zannela. Deu uma emenda impositiva. Deu uma emenda impositiva pra nós aqui, 15 mil.

*Irmã Abigail:* Não é muito dinheiro. Mas dá pra fazer alguma coisa. Então, a gente vai fazer uma pequena estufa com irrigação. Aqui nós temos a captação da água da chuva. São 16 mil litros de água que a gente tem. E com essa água tu rega as plantas. A água da chuva. E daí tudo automático. Você vai lá, liga... Vamos dizer, precisa 30 minutos, 20 minutos, você liga, rega, né? Então a estufa não vai ser muito grande. Mas pra ajudar aqui as pessoas, pelo menos as pessoas que a gente trabalha, que trabalham com a gente, né?

*Irmã Lydia e Abigail:* Daí nós vamos fazer a horta aérea também. Que corta o litrão assim, põe terra dentro e tal. Um adubo orgânico. Pra elas poderem fazer em casa isso. Porque elas não têm onde plantar. Elas não têm terreno. Não têm terreno. As casinhas são tudo uma pertinho da outra. Mas vão pendurar lá as coisas. Pode botar cebolinha, salsinha. Pelo menos os temperos naturais. Porque eu sempre digo assim, se fosse pela gente, esses temperos embutidos aí que, sazón e companhia limitada, tinha ido à falência. Porque nós não trazemos isso pra casa. Eu só uso cebola natural, eu uso alho, temperinho verde, essas coisas assim. Só com isso aí a gente não compra quase nada de enlatado também. Porque quando é época de ervilha, a gente colhe a ervilha e coloca no freezer. É natural, né? (*entrevistador*). Sim.

*Irmã Abigail:* Tu vai comer aquela ervilha, é outra coisa do que você.

*Irmã Lydia:* E depois a gente faz com a sopa, faz com os bifés, né? É muito bom. Mas eu sei dizer que temos que levar adiante esse projeto da natureza. Porque a terra está gritando envenenada, as árvores foram cortadas muitas aqui na nossa região. Tinha muito mais, né? As águas também estão contaminadas. Mas até mudam de caminho porque a terra está seca, né?

*Irmã Abigail:* Tu vê, mata ciliar nos rios não tem mais. Porque eles queriam aproveitar o último pedacinho ali pra plantar, né? Pra ter lucro. A questão do lucro e do poder é muito grande.

*Irmã Lydia:* Esse capitalismo não vai ser tão fácil de mudar ainda... mas...

*Irmã Abigail:* A gente tenta fazer trabalhos alternativos aqui. Sempre. Sempre nós estamos inovando com trabalhos alternativos. E as mulheres se entusiasmam porque daí então quem que leva esse produto que a gente fez aí? Orgânicos, repolhos, brócolis, radite, né? A couve, é tudo elas levam pra casa sem veneno, né? Sem agrotóxico. Aí tem uma coisa alimentar bem melhor para a saúde. Porque o que você compra no mercado você não sabe o que você tá comendo e levando pra casa.

*Irmã Lydia:* É porque com esse tipo de gente assim que é analfabética, praticamente, tem que fazer com coisas concretas.

Porque numa palestra não adianta. Tem que, né? Eu dou aula de violão, né? Então aí veio o seu Antônio. Aí tava conversando. Aí a minha casa, uma casa de caboclo, nós tava tocando no violão. Aí começamos a conversar. Eu disse, mas qual é a mensagem dessa música aqui? Ah, tem uma história aqui. Ele falou, mas que história que tem? Ah, tem a história do casebre. E tem assim a história de como é que ele age. Que se chega alguém da noite, ele recebe na casa dele. E dá comida, né? Reparta o que tem, né? E reparta o que tem e tal. E eu disse, ah, sim. Mas é todo mundo assim hoje?

Capaz, ele disse. Nem na família. Na família não tava fácil. Aí meia hora do violão foi nesse assunto. E ele gosta de conversar sobre política. Eu tenho um outro que trabalhou, negócio de barragens lá, no Piauí, não sei onde, lá pra cima. Meu Deus, ele viu coisas assim. Então ele conta, conta tanto. O menino da porteira também. E aquele lá, como é que chama? O cara que eu vi lá, que só viu que ele era irmão dele. O Chico Mineiro. Nossa Senhora. Meu Deus. Eu disse pra eles, olha, a música tem ou uma história pra contar, ou uma coisa pra orientar a gente.

Se eu vou cantar lá na igreja sobre o reino de Deus, então qual é a mensagem? Ah, é o reino de Deus, né irmã. Não é o reino capitalista, não? Qual é o reino?

Então tem uma orientação toda ali, né? Aí eles conversam, conversam.

Agora, com as jovens, eu tenho três jovens também. Ih, jovem. Elas estão na fase da vergonha, mas todas elas tinham namoradas aos 13 anos, uma com três, outra com 15, outra com 19. Digo, mas vocês estão namorando ainda? Não, não, não estamos mais. Por quê? Por quê, ah, porque aqueles homens são esquisitos, né? Ah, é? Esquisito. Mas o que é esse esquisito? Aí eu comecei a conversar sobre a questão como é o relacionamento da mulher e da mulher. Como é que elas veem, né? Aí eu tô fazendo um trabalho assim, muito lento. Aí eles falaram que elas tinham vergonha de tocar violão. Mas por que vergonha? Não, porque nós, os pobres, estamos todos cheios de vergonha. Mas vergonha por quê?

A gente tem vergonha que a minha mãe, por exemplo, ela não sabe ler. Ela tem vergonha de pedir assim quando está lá no ponto do ônibus, né? Eu disse, mas você tem vergonha do quê? Ah, eu tenho vergonha de que eu vou fazer errado e a senhora vai me ficar brava. Essa senhora aqui faz isso. Eu não sou professora pra isso. Eu

quero que vocês sejam sujeitos e não objetos aqui. Mas sabe que elas já melhoraram um pouco do começo do ano até agora.

*Irmã Abigail:* É, porque aí elas já começam a ter mais intimidade, mais conversa. Elas veem contar as coisas. E é coisa muito séria, viu? E descobrir as letras não é fácil, né? Agora, tem uma. Elas não sabem ler e escrever, não conhecem as letras. Mas ninguém engana, ela no troco. O troco ela sabe. Quando ela vai comprar, ela sabe que ela tem que receber de volta. Ela pode não saber fazer conta direito de cabeça, né? Mas ela sabe quanto que tem que devolver pra ela.

*Irmã Lydia:* Quando elas vinham aqui, porque aqui é um posto de... A gente repassa os ovos de uma mulher trabalhadora rural. Ela tem... ela trouxe 119, 115, (inaudível), quinta-feira. Na sexta-feira não tinha mais. A gente repassa e ela cobra 8 reais por dúzia. E 20 reais a cartela. Meu Deus, o que tem de gente pobre que vem pegar aqui. Incrível. Mas é isso, então. Vamos semear!

## ENTREVISTA PARA CONSTRUÇÃO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

-Entrevistada: Márcia Balen Matte

-Profissão: Enfermeira; Superintendente de marketing e negócios no Centro hospitalar Santa Mônica de Erechim; Vereadora na cidade de Aratiba-RS.

-Filha de Paulina Balen.

-Local da entrevista: Erechim RS (local de trabalho)

-Data: 8 de fevereiro de 2023

Entrevista concedida à: Daniele Carneiro de Araújo

Roteiro

Contextualizar o trabalho e a temática.

- 1- Um pouco sobre a história de vida da família e da senhora Paulina Balen.
- 2- Como dona Paulina Balen se engajou na luta, no movimento político? Em que local atuou?
- 3- Que papel D. Paulina desempenhou no movimento? Foi de protagonismo?
- 4- Referente ao contexto político das épocas (décadas de 60,70,80...) a ditadura civil militar- como era a atuação do movimento/organização a qual sua mãe (Paulina B.) fazia parte? Como era visto e tratado pelo regime militar na região? Quais os desafios e limites que ela teve que enfrentar?
- 5- Em sua opinião qual a importância da atuação e contribuição da luta de sua mãe para a sociedade em geral e principalmente para as mulheres?

6- O legado deixado por dona Paulina Balen, como é visto pela sociedade e quais as conquistas desta luta?

Transcrição completa do audio gravado.

*Entrevistador:* Marcia então você poderia contar um pouquinho da história da sua família e da sua mãe?

*Marcia Balen:* Então a minha mãe ela foi uma fundadora do movimento das mulheres aqui na região ne, em toda nossa região norte do estado, enfim elas eram um grupo que fazia parte até nível de estado e de outros estados, e elas então lutavam por direitos, por aposentadoria, nos anos 70 não tinha nem o SUS, a partir da constituição de 1988 que se teve o sus que é o maior plano de saúde do mundo. E as mulheres elas não eram reconhecidas como trabalhadoras. a trabalhadora da roça era apenas dona do lar, elas não tinha nenhum tipo de benefício né,então a minha mãe junto com mais mulheres de toda a região aqui do Alto Uruguai elas eram sindicalizadas no sindicato também eram de movimentos de igreja enfim, e elas formaram então o MMTR -Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais da região alto Uruguai e com muitas manifestações ocorridas em Porto Alegre, Curitiba, Brasília... enfim... elas buscaram então esses direitos, ne, eu lembro que minha mãe ficava quase uma semana ne ficavam acampadas em Porto Alegre no Piratini e ela contava que elas passavam até fome porque na época não se tinha muito recurso era tudo muito difícil ne, a gente era muito pobre as mulheres da roça não é que nem hoje que elas tem a sua aposentadoria elas tem o seu dinheiro na época elas não tinham nada .

*Entrevistador:* sim

*Marcia Balen:* Então assim, elas sofreram muito dormiram ao relento nas ruas la em Porto Alegre, pra poder reivindicar o direito de serem reconhecidas como trabalhadoras rurais ter direito ao sus fundado na época e também ter direito a aposentadoria

*Entrevistador:* o local onde elas atuaram então era na região norte aqui, mas também em movimento em todo Brasil?!

*Marcia Balen:* em todo Brasil. Era um movimento em todo o Brasil porque passou depois, da constituição de1988 passou a ser lei foi regulamentada lá em 1994 mas era em todo Brasil.

*Entrevistador:* o papel que a dona Paulina Balen desempenhava dentro do movimento era de protagonismo?

*Marcia Balen:* de protagonismo, elas foram as protagonistas desse direito hoje muito bom pra mulher da roça porque assim elas tem direito a se aposentar tem direito a seu salário seu dinheiro enfim, já que é uma profissão sofrida ser agricultor agricultora então elas dependiam do marido, então elas não tinham nenhum tipo de benefício elas também não eram reconhecidas eram apenas do lar... então a minha mãe foi uma protagonista dessa luta toda foi uma luta muito árdua muito difícil, eu lembro eu era criança eu lembro que não era fácil pra elas

*Entrevistador:* referente ao contexto político da época décadas de 60 a 80, contexto da ditadura civil militar como era a atuação do movimento e a organização a qual sua mãe fez parte como era visto e tratado pelo regime aqui na região norte?

*Marcia:* elas tinham que fazer tudo meio escondido tudo muito sigiloso sem muito ne, não podia como assim hoje a vou botar um aviso na rádio vou fazer tal manifesto, tal se reunir, só que se reunia nos porões das casas ne, o sindicato que começou ajudar a organizar só que era uma luta muito assim na surdina muito sigiloso muito quieto por que não podia ter nenhum tipo de manifestação política por conta de toda essa questão da ditadura, elas tinham que trabalhar de uma forma organizada mas sigilosa ne, mais quieta digamos, não é que nem hoje que todo mundo consegue expor sua, suas falas enfim internet, meios de comunicação na época não tinha nada disso ne, então tinha mais esse obstáculo ne, sem contar que muitas mulheres não acreditavam, eu lembro que minha mãe era muito criticada que achavam que ela tava indo em volta pra passear fazer protesto pra passear, depois do regime militar que caiu a ditadura elas começaram a fazer os manifestos em porto alegre em Curitiba, lembro que minha mãe ia Brasília, então muitas que ficaram em casa ficavam de boa em casa criticavam e hoje elas estão usufruindo desse benefício ne, eu sinto muito que minha mãe nem viu a cor do dinheiro por que depois ela foi assassinada dois três anos depois que as mulheres começaram a se aposentar e que hoje é um grande benefício fazem mais de 23/ 24 anos 25 anos então eu sinto muito por isso que minha mãe foi uma grande batalhadora e nunca viu a cor do dinheiro nunca nem aproveitou não usufruiu desse benefício

*Entrevistador:* é...essas manifestações essa mobilização mais aberta elas conseguiam fazer já na década de 80

*Marcia Balen:* 86/87 depois que caiu a ditadura que começaram a se organizar de forma mais contundente através dos sindicatos que tiveram uma abertura maior, mas foi uma luta bem árdua bem difícil

Entrevistador: uma pergunta assim mais pessoal, em sua opinião qual a importância da atuação e contribuição da luta de sua mãe para nossa sociedade em geral e principalmente para as mulheres? Acho que um pouco você já colocou a conquista desse direito que é a aposentadoria tem algo mais que você poderia acrescentar.

*Marcia Balen:* é eu acho que eu sempre falo que minha mãe lá nos anos 80 né... elas falavam na questão de gênero que a gente nem sabia o que era a questão de gênero que hoje é muito falado elas ahn...falavam de toda essa questão do protagonismo das mulheres né, que hoje depois nessa década que começou e o movimento de mulheres né, começaram a ter um pouco mais de campo e ainda hoje agente muita dificuldade de se empoderar enquanto mulheres uma por que as mulheres não acreditam a sua força né, elas não conseguem digamos assim ter muita gente não consegue ter essa visão que a minha mãe tinha lá nos 70 80 ela era mulher além do seu tempo, eu sempre falo que vou escrever um livro uma mulher além do seu tempo, a frente do seu tempo.

Então as mulheres elas não acreditavam na força da mulher né? E hoje em dia ainda talvez muitas não acreditam né? A gente vê a dificuldade de ser uma mulher política por exemplo, mas eu não acredito nelas. Elas não se ajudam né? Então elas ahm não priorizam a mulher, e na época imagina era muito pior, né? Hoje que a gente tem toda essa consciência.... De classe, enfim, de Gênero ....assim que travou muitas lutas e nada porque elas travavam a luta da questão de gênero. Eu lembro que minha mãe falava. Eu era criança. E hoje em dia isso é muito presente, né? Então acho que elas tiveram um papel extremamente importante em..... desempenhar esse papel, em buscar toda essa questão eh.... de reconhecimento com muito sacrifício, com muita luta. Como eu falei elas passavam fome, eu tenho muita pena assim dessas mulheres, muitas delas nem existem, né. Nem estão mais entre nós, né eh já ....Nos deixaram como é o caso da minha mãe e outras. A minha mãe foi muito jovem, foi ceifada, muito jovem, Mas outras mulheres que talvez que ainda hoje talvez podem, né falar um

pouco disso.... ãh mas eu acho que elas tiveram um papel fundamental no reconhecimento que a mulher hoje tem. Se a gente tem o reconhecimento hoje se a gente tem o direito a aposentadoria você tem direito ao SUS direito ao trabalho, a renda, a questão de gênero que elas fizeram toda essa luta. Elas são protagonistas. Então, nós devemos a elas todo esse reconhecimento que nós hoje temos mais facilidade. De ter acesso ao, a escola a própria política, ao trabalho, empregos melhores, cargos maiores, melhores. A gente deve ao protagonismo dessas mulheres que travaram essa luta lá nos anos oitenta, n porque até então a mulher não era muito não era reconhecida a da roça era pior ainda, da roça nem era nem reconhecida como trabalhadora né não tinha digo a nada elas eram consideradas como se fossem mais escravas digamos assim, direito a nada não era ninguém não era nada. Então ãh, direito ao voto né direito a.... hoje mesmo a gente vê muita dificuldade na mulher, da mulher conquistar espaços importantes na política né? Esse talvez seja o pior né, porque as mulheres mesmo não acreditam nelas. Então, acho que a mulher precisa fazer, ter mais essa consciência. De se ajudar enquanto mulher. Da gente poder ser um, ser mais unida, né? Eh, eu vejo muito isso presente, assim, né mas progredimos muito porque era da época da minha mãe pra hoje trinta anos depois a mulher progrediu muito principalmente a da roça que hoje tem direitos né. Que nessa época ainda não tinha que é reconhecida como trabalhadora e que tem o seu dinheiro hoje graças a luta dessas mulheres que foram protagonistas nessa luta do direito da mulher da roça. Então a minha mãe foi sim uma grande líder, foi uma protagonista dessa história. Uma mulher além do seu tempo à frente. Então tenho muito orgulho dela. Temos que ter mesmo.

*Entrevistador:* É agora uma última questão daí o legado deixado. Como é visto hoje pela sociedade e eu acho que você já colocou bem nessa última questão as conquistas dessa luta. Isso já ficou bem claro. E a referente ao legado deixado por ela assim como é visto pela sociedade hoje. Ela é lembrada, ela é reconhecida essa luta?

*Marcia Balen:* Eu tenho tentado eu quero fazer um documentário sobre ela. Vai ser um vai ser uma eh é algo que .... Que tem uma aspiração. Tenho esse objetivo né? De fazer um documentário contando a história dela. A partir disso toda essa luta do movimento social das mulheres, enfim, e ela deixou um legado de protagonismo, de força, de coragem, de luta, né. Eh de não ficar ahm digamos a mercê da... própria... do dia-a-dia da própria sorte. Ahm porque sorte dificilmente se tem sorte, se a gente

não vai em busca do objetivo, se a gente não corre atrás a gente não vai alcançar nunca. Esse legado assim deixado por ela de muita garra, de muita luta, de não se deixar abater se deixar dominar pelo sistema da gente realmente ter uma consciência, ahn de direitos, uma consciência da democracia, política enfim nos termos nosso espaço na sociedade e ocuparmos esse espaço imagina que lá em 88 minha mãe concorreu a vereadora imagina o povo massacrava, as mulheres nossa achavam o fim, na época era muito difícil as mulheres ao invés de ajudar, hoje elas estão vivendo do bom e do melhor com seu salário aposentada, na época elas, elas nossa falavam mal minha mãe foi muito criticada achavam que ela tava indo fazer protesto, indo passear ou indo ...banalizavam a mulher então isso assim é até revoltante mas as mulheres não tinham essa consciência ne, infelizmente ne. hoje em dia se tem mais consciência mas a gente tem que cuidar pra que não, possa fazer com que essa geração que vem vindo aí vá retroagir em direitos, em protagonismo da mulher em espaço da mulher né, a gente não consegue ver muita mulher jovem gostar de política por exemplo e é ali que tudo acontece ne hoje eu sou política mas com muita dificuldade, muito difícil, impera muito o machismo e as mulheres não se ajudam ne as mulheres não acreditam nela na sua força podíamos ter muito mais políticas hoje que é o nosso que seriam onde tudo é decidido mas por conta que a mulher não acredita na sua força ne, prefere ficar em casa fazendo seu trabalho de casa, algumas poucas estudam ou até muitas estudam mas as vezes não colocam em prática por que não conseguem se posicionar por que tem que comprar brigas ne. Então acho que precisamos bastante consciência ainda e progredir pra que a gente possa realmente buscar a igualdade, ainda tá longe essa igualdade. Me parece se cresceu se buscou bastante, evoluiu bastante mas precisamos evoluir mais ...acho que é isso basicamente ...

*Marcia Balen:* Então minha mãe nasceu, Paulina Pagliari Balen nasceu na unidade da linha Auxiliadora Aratiba depois se casou com Zelindo Balen, e passou a morar a residir na comunidade Linha Gruta que é próximo a cidade, tinha uma propriedade muito bonita com muita água preservavam muito a questão da natureza e ela era muito, ela teve quatro filhos e perdeu um filho aos 16 anos então foi um baque muito grande pra nossa família e dez anos depois ela foi assassinada então foi um baque maior ainda, essa propriedade ainda existe mas meu pai acabou saindo dali pelo fato de tudo o que tinha acontecido e queimaram a casa ainda foi tudo uma, uma tragédia e cima de tragédia e nada esclarecido então foi um “estilo Marielle assim” uma história

igual da Marielle então tudo muito difícil assim, e a minha mãe sempre foi muito participativa né, uma liderança forte era muito de ajudar na comunidade então a gente carregou muito isso esse legado deixado por ela de ajudar a comunidade de ser participativo ser da igreja, os movimentos sociais, participou da luta da história pra conquistar o hospital de Aratiba que hoje é um hospital de referência eles fundaram o hospital na época um vamos dizer assim, algo de muita coragem dos agricultores né, era uma agricultora atuante que , muito trabalhadora então tem assim toda essa história enfim eram agricultores com todo sofrimentos da época que não tinha seguro dava seca perdiam tudo né então uma vida bem sofrida , muito sofrida.

## ENTREVISTA PARA CONSTRUÇÃO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

-Entrevistada: Deonilda Marcon

-Profissão: professora

-Local da entrevista: Erval Grande RS (residência da entrevistada)

-Data: 31 de maio de 2023

Entrevista concedida à: Daniele Carneiro de Araújo.

Roteiro

Contextualizar o trabalho/pesquisa.

Questões

- 1- Um pouco sobre a história de vida, onde nasceu? Estudos? Profissão? ...
- 2- Participou de algum movimento/organização? Como se engajou? Onde atuou?  
Como se dava a participação das mulheres?
- 3- Que papel desempenhou no movimento foi de protagonismo?

- 4- Referente ao contexto que permeia a temporalidade desse trabalho (décadas de 1970, 1980 até 1989) época da ditadura civil militar em nosso país, como era a atuação desse movimento quais desafios e limites teve de enfrentar no período?
- 5- Em sua opinião qual importância da atuação e contribuição da luta desse movimento e a participação da mulher?

Transcrição completa do áudio gravado.

Entrevistador: Então, Prof. Deonilda, em relação a nossa entrevista agora, a primeira questão, gostaria que a senhora contasse um pouquinho da história de vida da senhora, onde nasceu, os estudos, profissão.

*Entrevistada Deonilda Marcon:* Muito bem. Eu nasci aqui mesmo, em Erval Grande, nasci e cresci aqui, até os 20 anos, na casa dos meus pais, e depois eu saí para estudar, porque naquela época, eu sou do ano de 58, os meus irmãos estudaram, continuaram os estudos, mas eu não consegui continuar os estudos. Como mulher, como filha mulher, eu tive que ficar em casa, ajudar os meus pais, e eu queria muito estudar. Então, quando eu completei a maioridade, eu saí para estudar. E, para dar maior segurança aos meus pais, eu fui num colégio de Irmãs, Religiosas, e daí eu retomei os estudos na quinta série, e fiz sempre supletivo o primeiro ensino fundamental e médio, devido à idade, e nós estudávamos à noite, e desde aí a gente prestava trabalho para essas irmãs. Eu fiquei três anos em Caxias do Sul, três anos em São Paulo, e depois voltei para Caxias do Sul, fiquei mais três anos, e depois, em Porto Alegre, mais três anos. Depois eu voltei, então, para Erval Grande. E os estudos, depois eu só fiz a minha faculdade de História, quando eu voltei para cá, na década de 1990.

*Entrevistador:* Durante esse período da vida da senhora, a senhora atuou, assim, em algum movimento e alguma organização?

*Entrevistada Deonilda Marcon:* Mais precisamente, na década de 1980, até que eu estava em formação, a gente não tinha muito essa liberdade de atuar em movimentos, era só a questão mais ligada à igreja, às comunidades. Mas, a partir de 1985, eu me engajei, mais que tudo, no movimento das sebes. No momento eu morava em Porto

Alegre, e eu trabalhava na periferia de Porto Alegre, e numa das vilas, das muitas vilas de Porto Alegre, e eu participava ativamente das comunidades de base. E também fui entrando na questão política, participei ativamente da campanha que elegeu Olívio Dutra como prefeito de Porto Alegre, na época, no ano de 1988. E assim foi tomando gosto, mais pela política, e foi nesse momento que eu fiz essa ruptura com a vida religiosa, por entender que o tempo era muito limitado para as questões políticas. A gente tinha uma certa liberdade de trabalhar na questão das comunidades de fé, mas a questão política ficava um pouco restrita. Eu participava assim das manifestações em Porto Alegre, em Caxias do Sul também, quando eu estava um pouco antes de ir a Porto Alegre, e mais que tudo ligado, essas manifestações ligadas ao MST. E também, em Porto Alegre, sobretudo, a gente vivia já depois da ditadura, mas assim, um momento muito significativo da organização dos movimentos pós-ditadura, e de ir para a rua, de fazer caminhada, de fazer protesto, de fazer vigílias, de participar, acompanhar a greve de fome, das lideranças. E eu senti que nesse contexto de vida religiosa eu estava muito limitado. Então, eu resolvi sair desse contexto e voltei aqui para a Erval Grande. E nesse período eu tinha um irmão que estava acampado na Fazenda Anoni. Ele se acampou em 1985 e eu acompanhei muito de perto, mesmo estando em Porto Alegre, a caminhada. Fui várias vezes na Fazenda Annoni. Havia um período de muita violência, de muitos ataques ao movimento, e que o movimento precisava de pessoas que estivessem com eles. E eu fiz muito isso. E também depois que eu saí, continuei acompanhando o MST. E daí também entrei na política partidária propriamente dita. E foi quando eu logo em seguida comecei a minha faculdade de História. Então, as coisas foram bastante se aproximando a teoria com a prática que isso exigia, a postura da gente enquanto estudante de História.

E aí fui recebendo essa formação acadêmica e juntando com a questão da prática.

*Entrevistador:* A atuação da senhora foi aqui no estado do Rio Grande do Sul, mas durante esse período no movimento foi mais na região onde tem os assentamentos do MST?

*Deonilda Marcon:* Sim, foi na Fazenda Annoni.

*Entrevistador:* Como que era a participação das mulheres nesse período que a senhora acompanhou? Como era para a senhora também estar ali participando, vendo outras mulheres ali engajadas na luta?

*Deonilda Marcon:* A gente se inspirava inclusive em algumas pessoas, mulheres, Irmã Carminha e outras, mesmo as mulheres camponesas, as acampadas. Eu lembro muito da Rose, que foi uma figura emblemática do MST. E assim as mulheres daqui de Erval, que estavam acampadas lá. Foi uma experiência assim, eu digo um aprendizado, porque eu não tinha muito a questão da luta direta, do envolvimento, do enfrentamento com a justiça e com os policiais e enfim, um período de muita violência. E eu vi as mulheres assim, lado a lado com os homens na luta e pela busca da terra. E eu vi assim, muito importante a presença da mulher nessa luta, nesse caso, mais específica, a luta pela terra, pela reforma agrária. Assim, em pé de igualdade com os homens.

*Entrevistador:* Qual o papel que a senhora desempenhou então nessa atuação e foi de protagonismo?

*Deonilda Marcon:* Assim, eu diria que eu não fui protagonista, eu acho que eu fui uma aprendiz, porque aqueles anos de convivência na vida religiosa tiraram bastante esse foco, procuravam tirar muito esse foco. Essas pessoas com quem a gente estava não apoiavam e não se manifestavam a favor dos movimentos e própria da caminhada política mais partidária. Então eu acho assim que eu fui mais uma aprendiz, eu não tinha assim muita base. Então eu quis caminhar nesse movimento, nessas manifestações, nas Cebis mesmo, aqui a nível de diocese, mais como aprendiz. Eu nunca desempenhei um papel de muita liderança, a não ser aqui no município algum pouco, mas de aprender o valor da luta, de aprender a necessidade, porque o Brasil estava saindo de uma ditadura esfacelada, as pessoas sem direitos, as pessoas sem poder se manifestar. Então eu gostava mesmo era de estar ali com uma bandeira na mão, que ainda hoje, eu milito além de ser na política partidária, no sindicato dos professores, eu não sou assim uma pessoa de linha de frente, mas eu sou militante mesmo de bandeira na mão.

*Entrevistador:* Eu acho que a senhora colocou um pouquinho dessa questão do contexto político que permeia ali a temporalidade desse trabalho. Como é que era na época da ditadura? Acho que a senhora colocou um pouquinho, já gostaria de falar mais um pouquinho como é que era a atuação de movimentos nesse período.

*Deonilda Marcon:* É, a gente acompanhou, inclusive eu estava em São Paulo nos anos de 82, 83 e 84, que eram momentos cruciais ali na finaleira da ditadura. A gente não ia participar, por exemplo, dos comícios e da campanha pelas diretas. A gente assistia pela televisão, porque a nós nem era nem permitido.

Mas eu vejo assim, mesmo as greves do ABC Paulista, que era tão perto da gente, 82, 83, 81, eu vi assim como um grande foco de resistência ao regime, mas também de uma coragem imensa dos trabalhadores e uma necessidade de reverter esse quadro, de reverter esse contexto de ditadura. Então era um momento assim que as lideranças, os movimentos, queriam se reafirmar enquanto sujeitos dessa caminhada em favor das mulheres, em favor de uma educação para todos.

Enfim, eu acho assim que foi um momento, eu pude acompanhar esse momento e foi um momento muito rico para os movimentos e também o movimento de mulheres que depois, ao voltar aqui, já tinha esse movimento e eu acompanhei um pouquinho mais tarde. Mas assim, eu darei a afirmação e protagonismo.

*Entrevistador:* Sobre o movimento de mulheres, eu, entrevistei a Márcia Balen, ela conta a história da mãe dela, que é uma das protagonistas que fundaram o movimento de mulheres na região.

*Entrevistador:*

E daí uma última questão, porque eu acho que essa outra que ficou bem colocada, a opinião da profe, em sua opinião, qual a importância dessa atuação e contribuição da luta do movimento, ao qual a senhora esteve mais tempo engajado? Para a sociedade e para as mulheres no geral? A senhora sendo uma mulher e está ali com outras mulheres também nessa atuação?

Na sua opinião, qual a importância da luta que eles empenharam?

*Deonilda Marcon:* Eu penso que tem uma importância muito significativa, por que historicamente, até então, a mulher estava relegada ao trabalho doméstico, sobretudo no meio rural, falando mais a questão do movimento do MST. E a partir do momento que surge um acampamento de trabalhadores, uma ocupação, a mulher é linha de frente, é a protagonista, ela desempenha um papel super, superimportante nessa caminhada da luta, neste caso, pela terra. E no movimento de mulheres, por direitos, não só pela terra, por direitos, pela aposentadoria da mulher rural, houve uma

luta muito grande em todo o Brasil e aqui também, e as mulheres que foram na luta para isso, para conseguir essa aposentadoria da mulher aos 55 anos. Então a importância se dá justamente a partir do momento que isso vai trazer direitos para as mulheres, vai trazer visibilidade, vai mostrar para a sociedade que a mulher está em pé de igualdade com o homem, que a mulher pode assumir um cargo político, que a mulher pode estar na linha de frente, não só na questão das comunidades católicas ou de outras confissões religiosas, mas no protagonismo político dos movimentos, enfim, eu acho que foi um espaço que a mulher conquistou por ela mesmo, por ela sair de dentro da casa e ver que ela também tinha um papel a desempenhar na construção desta nova sociedade, de uma nova, de um novo pensamento político, de novas relações. Então eu vejo assim que a mulher foi grande protagonista na busca pelos próprios direitos, pela igualdade e se fazer respeitar, no sentido de que a gente vivia ... num patriarcalismo onde o homem decidia tudo decidia inclusive a própria vida da mulher.

Então ainda a gente percebe que hoje que falta, que falta ainda nesse sentido reconhecimento da mulher, respeito pela mulher, a gente vê muito feminicídio, vê muita violência, mas você imagine se a mulher não tivesse se colocado nessa posição de linha de frente de luta, de organização e de resistência. Seria muito pior do que está. Bom, então acho que é isso.

*Entrevistador:* Gostaria de colocar mais alguma coisa, sobre...

*Deonilda Marcon:* É, eu até, ali você fala até o início dos anos 90, né? Sim. Mas eu quero dizer assim que depois dessa passagem por um espaço assim que não me deu muita oportunidade, nem inclusive de estudar, de fazer um estudo acadêmico, eu entrei em dificuldades, mas eu consegui fazer a minha graduação, a minha especialização e sempre estive envolvida nas campanhas políticas, nas eleições, sobretudo para governo federal e estadual porque no município é uma outra situação, né? E assim, desde que eu entrei na escola, eu tive ali um espaço para eu poder fazer essa discussão com os educandos, colocar minha visão que eu tinha, o meu aprendizado na universidade e tentar assim passar para os educandos essa nova visão da história, a história dos vencidos, entre aspas, não a história dos vencedores e eu acho assim que eu fui muito feliz na escolha do meu curso superior porque eu sempre digo assim que se eu tivesse outra vida eu seria historiadora de novo, né? Com todos, claro, com todas as limitações e tal, mas... e que eu sou muito grata por

ter escolhido essa formação acadêmica e ainda eu estou na ativa por mais dois anos e que é um crescente, né? A prática vai ajudando a gente a amadurecer, A ter mais visão do mundo, dos acontecimentos, a prática é um aprendizado também e estou num momento assim, participei ativamente da eleição do governo Lula, assim mergulhei de cabeça nessa campanha política por sentir que não era possível que a gente continuasse com um governo inominável no poder isso dá-se uma certa alegria, apesar que agora a gente vê que está muito difícil a questão nós temos um congresso e um senado muito conservadores a gente estava acompanhando ontem a questão da votação do fim do marco temporal então eles vão tentar destruir tudo aquilo que o Lula gostaria de... de concretizar para as minorias, para os indígenas, para os negros, para os trabalhadores da agricultura familiar é um desafio grande, nós estamos aí na luta e acreditando que mais do que nunca agora nós precisamos mostrar força enquanto militante político, enquanto apoiadora dos movimentos sociais que eu acho que é uma maneira de resistir e de conseguir alguma vitória a questão do meio ambiente, a gente está na semana do meio ambiente e eu penso que eu sou uma defensora do meio ambiente dentro das minhas limitações eu fiz a minha especialização em meio ambiente e na escola eu olho muito essa questão eu procuro trabalhar muito essa questão dessa integralidade de que não é possível caminhar ter um progresso na ciência, ter um progresso, uma melhor vida para as pessoas sem esse cuidado que a gente precisa ter da nossa casa comum é um pouco assim as minhas aspirações , muito singelas.....muito assim, mais como co-participante como aprendiz nessa caminhada do que na linha de frente...

mesmo no sindicato eu sou da direção regional do sindicato eu não tenho um papel relevante mas eu estou sempre participando tivemos uma greve grande em 2019 e estou sempre presente somando com as outras pessoas essa ideia de conjunto, de grupo daquilo que a gente pode juntas construir.

*Deonilda Marcon:* Então, você me perguntou até da questão das mulheres, e eu gostaria de fazer essa colocação de uma experiência que é agora, do momento presente, que nós temos bairros aqui em Erval, dois bairros bem precários, onde as mulheres, muitas delas, não trabalham fora e têm sérias dificuldades para sustentar a família. Por falta de oportunidade, por ter crianças pequenas, enfim, mesmo as já aposentadas, elas não conseguem sustentar a sua casa, as suas necessidades econômicas, só com um salário mínimo. Então, nasceu assim, a partir de um curso de

verão que eu fiz, no mês de janeiro, em São Paulo, que acontece todo ano, eu me desafiei a fazer algo mais, no sentido social, e eu comecei, com apoio de algumas outras pessoas, mulheres também, um trabalho com um grupo de mulheres do bairro Cilibrande, onde a gente fez uma proposta para essas mulheres costurar sacolas ecológicas, e fazer todo um trabalho na questão do meio ambiente, da necessidade de cuidar, de evitar sacolas de plástico, enfim, e nós trabalhamos um ano e depois elas optaram por continuar. Então, também com o incentivo do Padre Moacir e do Neri, a gente fez, então, uma outra tentativa num outro bairro, no bairro Tancredo Neves, e estamos lá até hoje. É uma caminhada que está dando certo, que já deu frutos, a gente conseguiu algumas parcerias, no sentido de ajuda econômica, Cresol, SICRED, para a gente viabilizar, então, a costura das sacolas, e fomos distribuindo sacolas, e a gente está tentando fazer essa formação junto com esse grupo de mulheres, inclusive a formação política também, e juntando isso com a questão de que elas podem ter um ganho com esse trabalho para complementar o orçamento familiar, porque das seis mulheres, sete que a gente trabalha, somente uma tem um esposo que trabalha, duas, aliás, o restante elas são pai e mãe, elas têm que prover o sustento, às vezes não só dos filhos, dos netos, inclusive, então, assim, é algo que eu me realizo bastante, porque eu penso assim que a gente precisa fazer alguma coisa a mais do que só trabalhar para pelo teu salário, e eu me sinto bem no meio dessas mulheres, são todas pobres, mas assim, muito batalhadoras, inclusive, nós temos essa liderança lá, que é a Tere Gomes, e eu digo que esse grupo está ainda, está funcionando, porque ela é que fez, assim, o maior esforço de sensibilizar essas mulheres, ela é, assim, a gente costuma dizer que eu sou a mão direita delas, mas eu digo que ela é a minha mão direita, nesse trabalho de reunir uma vez por semana, de fazer algo para complementar a renda, e essas conversas e no diálogo a gente vai tentando construir, assim, uma consciência maior delas das mulheres, do protagonismo delas, da importância de elas estarem na política, delas estarem à frente, não tenho uma associação de bairro, mas enfim, neste grupo.